

CLASSICOS
PORTUGUEZES.

TOMO I.



CAMOES.

I.

PARIZ.—NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FAIN E THUNOT.

Rua Racine, 28, junto ao Odeon.



M. Gerard del.

P. Poyet sculp.

Cartão de D. João de Castro - 1489
Os seus livros =
para o Coll. de D. João de Castro

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIS DE CAMÕES,

CORRECTAS E EMENDADAS

PELO CUIDADO E DILIGENCIA

DE

J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

TOMO PRIMEIRO.



LISBOA.

ACHA-SE TAMBEM EM PARIZ.

NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY

3. quai Malaquais, près le pont des Arts.

1843

Livraria Sta. Thereza
Livros Novos e Usados
Rua do Arcebispo n.º 2
BAHIA

Customs in Bahia, 1766

So un dono =

José Ant^o Pizarro l.^o de Elvira

P R O L O G O .

Salteado pela morte o exímio poeta Virgilio antes de haver pôsto a última lima á sua Eneida, a Tucca e Varo, ou Vario (que nisto não concordão os autores) encommendou Augusto que, revendo aquella immortal obra, corrigissem quanto julgassem vício de penna, mas nenhuma cousa accrescentassem ou omittissem do que o autor escrevêra. E vivendo nesse tempo e frequentando a sua côrte Horacio, poeta não menos insigne no seu genero, lhe não quiz confiar tão melindroso trabalho; ou porque, differindo os dous genios um do outro essencialmente no estilo e gôsto, lhe não desfigurasse os pensamentos e imagens, revestindo-os de outra côr; ou porque, não se podendo saber ao certo depois quaes e quantas havião sido as emendas, não viesse a fama deste a diminuir a daquelle. E nem por isso foi censurado aquelle judicioso monarcha; antes mereceo os louvores de toda a posteridade: sendo assim que as obras dos summos escriptores nem por outros igualmente summos, nem

por ignorantes e idiotas se devem rever e corrigir; mas sim por homens doutos e de fino tacto.

Se taes houvessem sido os editores dos nossos classicos, não tiveramos o desgosto e mágoa de ver hoje seus escriptos assim desfigurados e corruptos. E, por cúmulo de desgraça, os que mais tem experimentado os estragos da ignorancia, são os do mais insigne de todos, o grande e immortal Camões; mormente o seu poema dos *Lusiadas*; monumento que nenhuma outra nação, antiga ou moderna, se pôde jactar de possuir; não porque em muitas dellas não tenha havido grandes e abalisados poetas epicos, mas pela grandeza da acção, e porque nenhum desses poetas, qualquer que fosse o seu genio e merecimento, reuniu em si em tão eminente grao, como o nosso, todos os dotes e requisitos de um summo e verdadeiro escriptor: grandeza de engenho, viveza de imaginação, veia inesgotavel, profunda crudição em todo genero de letras, impulso natural e proprio, e sobretudo amor da verdade, estima de si mesmo, e independencia e constancia d'alma, superior a toda a fortuna. Pois a tanto chegou a ignorancia e audacia dos editores, que sôbre haverem conservado muitos e mui grosseiros erros das primeiras edições, que deverão emendar, não so corrompêrão ainda em muitos lugares o texto, mas até (cousa inaudita!) viciárão o mesmo titulo da obra.

Em 1572 sahio pela primeira vez á luz, impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonçalves, este divino poema; mas tão desfigurado, que nesse mesmo anno se julgou necessario fazer segunda edição: na qual se emendárão alguns erros de pouca monta, conservando-se os de maior importancia, e se commettêrão outros de novo: e n'uma e n'outra os pontos e virgulas se achão semeados ao acaso, de sorte que mais servem de embaraço, que de esclarecimento ao sentido.

Cousa he certamente estranha e dura de crer, que fazendo-se duas edições, vivendo ainda o poeta e residindo no mesmo lugar onde se imprimia a sua obra, não puzesse elle toda a sua diligencia e cuidado em que esta sahisse com toda a perfeição possivel; e que depois de a ver tão viciada na primeira, se contentasse na segunda apenas com substituir uma ou outra palavra, e corrigir leves faltas, deixando outras de tão grave consequencia, como em seu lugar veremos. Mas, ou fosse que o poeta vendesse ou dêsse o seu manuscrito, ou que o desgosto em que vivia lhe fizesse até desprezar a fama posthuma, o certo he que, por falta de cuidado na revisão das provas, sahio a sua obra tão estragada e corrupta nas primeiras edições. E tantas forão as que sôbre estas se fizerão dentro e fóra do reino, que affirma Faria e Sousa, escriptor digno de toda a fe, e diligente in-

vestigador das cousas do poeta, que, sommando as de que pôde alcançar noticia até ao anno de 1639 em que escrevia, achára que a cada tres annos vinha a corresponder uma edição. Quasi com igual intervallo tem ellas continuado até hoje. Porém desgraçadamente, se exceptuarmos a que em Lisboa se fez na officina de Pedro Crasbeek em 1609 por Domingos Fernandes, dedicada a Dom Rodrigo da Cunha, e a que em Madrid nos deo o mesmo Faria em 1639, acompanhada dos seus mui estimaveis commentos; nas quaes alguns erros se emendárão; todas as mais não tem servido senão de perpetuar vicios antigos e introduzir outros novos, com grave detrimento da reputação e fama de tão egregio escriptor. Poisque tendo o seu poema sido vertido em todas as lingoas cultas da Europa com todas essas imperfeições, se lançárão á conta do poeta as faltas dos editores. Mas tal he o merecimento desta producção divina, que com todas essas máculas, e não obstante as flores da poesia murcharem entre as mãos do traductor, se aprecia justamente a obra, e se rendem a seu autor os cultos de admiração e respeito devidos aos grandes genios.

Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom Jose Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris, na typographia ^{de}

Fermino Didot para ornar as principaes bibliothecas da Europa e brindar os seus amigos, não sabemos nós dizer, se mais para admirar sejam os prodigios do buril e a delicadeza e perfeição do typo, se para lastimar os despiedados estragos que o illustre editor fez no texto. Admirando, mas não entendendo a Camões, e deixando-se levar da sua cega preocupação a favor da primeira edição, não so reproduzio os mais dos erros, que na segunda se havião emendado, mas até para accomodar o texto á sua absurda intelligencia, o desfigurou em alguns lugares com monstruosos e deslocados parenthesis, rejeitando a verdadeira lição que n'outros, evidentemente corruptos, se havia restituído: e isto sem dar outra razão, que a de que assim se lia nessa primeira edição, que elle contra o voto dos que o tem nesta materia, reputava pela mais correcta, por isso que indubitavelmente havia sido feita sôbre o manuscripto do poeta: como se os compositores não podessem alterar o que estava escripto, ou como se taes descuidos, e tão manifestos vicios de penna no proprio manuscripto se encontrassem, ahi mesmo se não devessem corrigir.

Nós damos os devidos louvores ao Snr. Sousa, que sem dúvida se fez credor da gratidão e estima de todos os Portuguezes em haver consagrado á memoria do immortal cantor da nossa passada glória tão pomposo monumento. Mas, fallando das edições^{ob}

que deste poema se tem feito, nem podiamos deixar de fazer menção da sua, visto ser a mais notavel, nem depois de a mencionarmos dissimular seus defeitos, quando delles tão grave damno resulta á gloria do poeta que pretendemos revindicar: mormente quando, além dessa esplendida edição, consentio o dito Snr. se fizesse outra mais ordinaria para se vender ao público, propagando assim mais largamente os seus erros.

Quando, por morte dos grandes escriptores, passam as suas obras a ser propriedade pública, aos litteratos, como guardas naturaes e sentinellas que ficão sendo desses thesouros nacionaes, pertence o vigiar que não profana os não contamine e deslustre, e restitui-los á sua primitiva pureza, quando se achem corrompidos. Por isso, ainda que na republica das Lettras nenhum vulto fazemos, contudo, vendo assim desfigurado o maior brazão da nossa litteratura e gloria nacional, e que os a quem mais tocava acudir pola honra do poeta e da nação, se descuidavão; ja em 1826, estando então em Paris, na mesma typographia de Didot haviamos dado principio a uma edição das obras completas de Camões; mas, como por impedimentos que occorrêrão, sendo o principal havermos outra vez sido chamados ao serviço da Nação, fossemos obrigados a abrir mão da empresa; agora que a fortuna nos consente algum repouso, e a amizade nos proporciona os meios necessarios, vamos pôr em prática o que ha tanto desejavamos.

Como porém nenhum capricho ou vaidade nos move a apprehender esta edição, não será ella rica, mas decente, que possa ter lugar em qualquer bibliotheca, commoda, que possa chegar ás mãos de todos, e sôbre tudo expurgada e limpa de erros; que nisto, e não em gravuras e outros adornos vãos, consiste o merecimento de uma edição. Para o que, rejeitando a primeira de 1572, preferida pelo Snr. Sousa, adoptaremos a segunda do mesmo anno, como menos viciosa. Mas, seguindo o exemplo de Lipsio, Gronovio, Drakemborch e outros homens doutos, que expurgando os antigos classicos dos vicios dos amanuenses e editores, nos derão a verdadeira lição de Livio, Tacito e outros autores, faremos nos lugares corruptos aquellas necessarias emendas, que um longo e aturado estudo sôbre uma obra, que desde nossos primeiros annos tem feito as nossas delicias, nos autoriza a fazer: as quaes serão por nós justificadas com solidas e evidentes razões tiradas do mesmo texto. E confiamos na fôrça da verdade, que por todo o leitor intelligente sejam recebidas e tidas como verdadeira e genuina lição.

Agora, expostas as causas que nos movêrão a apprehender este trabalho, e o fim que nos propuzemos, razão parece dizermos tambem alguma cousa do merecimento da obra. E pois, concordando todos sôbre as suas grandes e inimitaveis bellezas, parece que alguns duvidão da sua regularidade, nos esforçaremos

principalmente em fazer ver que neste poema se achão rigorosamente guardadas todas as regras e preceitos, bebidos por Homero no profundo estudo da natureza, e por Aristoteles estabelecidos depois em theoria.

He o poema Heroico, ou Epopeia (segundo a doutrina deste autor) *a imitação de uma acção illustre, narrada em verso hendecasilabo para com a admiração e delecte excitar os homens, e com especialidade os principes á prática das grandes virtudes.* A acção ha de ser

Uma e simples, isto he, de um só heroe, e que se não possa dividir em outras acções.

Illustre, assim pela clareza do heroe, como por seu proprio esplendor.

Perfeita, que nada falte para o seu complemento, nem se lhe possa acrescentar.

De certa grandexa ou vulto, isto he, nem tão extensa que se não possa alcançar com a memoria, nem tão curta que se não possam enxergar as partes de que se compõe. Porque (para nos servirmos do mesmo exemplo de Aristoteles) se tomarmos para objecto da nossa observação um animal de dez mil estadios de comprimento, um só de seus membros nos encherá toda a vista de sorte, que não poderemos fazer ideia do todo; e se tomarmos um mosquito, não poderemos distinguir suas partes e feições com a agudeza dos olhos.

A epopeia consta de cinco partes, a saber, acção, fabula, costumes, sentença, e dicção.

A acção he a materia do poema: a fabula, a sua contextura e fórma; e consta de partes ou essenciaes, como são *exordio*, *nexo*, e *solução*, ou não essenciaes; como são os *episodios*.

No *exordio* se contem a proposição da acção, a invocação, e a dedicatoria, se a ha.

Nexo he o encadeamento dos successos desde aquella parte da acção, donde o poeta começa a sua narração, até ao ponto em que a empresa principia a pender para a felicidade ou infelicidade.

Solução, he tudo o mais que se segue desde esse ponto até ao fim da acção.

Por *costumes* se entendem os caracteres das diversas personagens que no poema figurão.

Por *sentença* a conveniencia dos pensamentos.

Dicção, he a escolha e collocação das palavras; e nella se comprehende o metro.

Uma e simples he a acção dos **Lusiadas**; e em ser grande e illustre se avantajá muito a quantas se tem tratado: porque a da Iliada he o incêndio de Troia occasionado pelo roubo de ùa mulher; a da Eneida a passagem de Eneas á Italia e a fundação da cidade de Lavinio; a da Hierusalem libertada o sepulcro de Christo recobrado pelos cavalleiros da

Cruzada; e a dos Lusíadas he a descoberta da India oriental, feita por Vasco da Gama, *por mares nunca dantes navegados*, e a Fé de Christo levada áquellas regiões remotas; acção muito mais illustre e de muito mor proveito a todo o genero humano, ou se olhe pelo lado religioso, ou pelo commercial e politico; e tanto mais gloriosa aos Portuguezes, quanto sem o astrolabio por elles inventado e a bussola applicada á navegação se tornava uma tal empresa absolutamente impossivel. Além de que, da ruina de Troia nenhum bem se seguiu á humanidade; a vinda de Eneas á Italia só podia interessar os Romanos, que delle quizerão deduzir a origem do fundador da sua cidade e imperio; e esse mesmo imperio acabou sem delle nos ficar mais que a memória; e o sepulcro de Christo tornou a cair em poder dos barbaros Mahometanos, como necessariamente havia de succeder, porque para se manter e conservar seria mister ou exterminar de todo os sectarios de Mafoma, ou consumir toda a Christandade em o guardar e defender. Mas as vantagens, que a todo o genero humano resultarão da descoberta da India, e da sciencia da navegação estabelecida e levada pelos Portuguezes á sua última perfeição, existem e existirão eternamente, porque não ha força humana, que as possa destruir.

Mas se a acção em si mesma he grande e maravilhosa, certo que o não he menos o engenho e arte

com que o nosso poeta imaginou e conduzio a sua fábula. Porque, tendo elle em vista erguer um padrão eterno á gloria da sua patria, immortalizando não só esta, mas todas as mais façanhas de seus concidadãos (como elle mesmo expressamente diz, Canto V, Est. 100.

Porque o fraterno amor e puro gôsto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presupposto
Das Tagides gentis e seu respeito)

depois de haver medido as suas fôrças, de tal maneira traçou o plano da sua obra, que, cantando a acção principal do descobrimento da India, viesse ao mesmo tempo a cantar tudo quanto os Portuguezes havião feito digno de memória nas quatro partes do mundo. Para o que, mui judiciosamente rejeitando Polyphemos, Sirenas, magas Circes, Calypsos namoradas, encantamentos e outras ficções desta natureza, que não podem interessar o Leitor, senão pela arte com que são contadas, todos os seus episodios tirou da história Portugueza: pondo na boca do heroe a narração de tudo o succedido até á sua partida do Tejo; na do Adamastor a predicção dos naufragios e desastres de nossas frotas naquella paragem do cabo da Boa Esperança; na de Velloso a singular aventura dos doze de Inglaterra; na de Paulo da Gama a exposição de alguns factos avulsos de nossa história.

antiga e moderna, na explicação, que faz ao Catual, das figuras pintadas nas bandeiras e tapeçaria com que se adornou a Capitaina para o receber: e finalmente no canto prophético da Nympha, e na prática de Tethys com o heroe, na Ilha dos Amores, a relação das nossas futuras descobertas e conquistas. Com o que não só conseguiu, com admiravel felicidade, o grandioso fim que se propuzera, mas ainda levar a palma a todos o epicos antigos e modernos em misturar o util com o agradável.

E porque assim concebeo e traçou a fábula do seu poema, o entitulou — **Os Lusíadas** — isto he: Os filhos de Luso; titulo, que perfeitamente lhe quadra. E pela mesma razão, e não (como pretende Severim de Faria) por seguir a Apollonio Rhodio no seu poema dos Argonautas, disse na proposição:

As armas e os Barões assinalados,
 continuando a mencionar todos os Reis e Capitães,
 que illustrarão o nome Portuguez, dilatarão o imperio,
 e n' Africa e n' Asia propagarão a Fé de Christo; não obstante não ser costume dos poetas incluir na proposição o que só entra na fábula como episodio. No que mui bem andou o nosso poeta, porque, sendo o seu presupposto fazer um poema regular e uma perfeita história, o que nesta admiravel composição he episodio, como poema, vem a ser parte essencial, como história.

Deve advertir-se tambem, que n'um poema onde figurão tantos e tão distinctos heroes, merecedor cada um delles de uma epopeia por cada uma das acções que obrárão, seria como faltar á veneração devida a tão altas personagens antepor-lhes Vasco da Gama, postoque heroe tambem illustre e egregio. E por sem dúvida temos que os que nisto censurarão o poeta, se o houvessem entendido, em vez de o reprehender, o louvarão. Muito mais quando o exordio não he parte tão essencial da fábula, que alguns se não persuadão (e dessa opinião he o judicioso Boileau*) que um poema epico mui bem póde subsistir sem elle.

Tambem na invocação principal mui advertidamente se affastou o nosso poeta do trilhho dos outros epicos, dirigindo-se ás Nymphas de Tejo, por não julgar proprio n'um poema eminentemente nacional invocar as divindades fabulosas da Grecia, e porque n'um trabalho por amor da patria unicamente apprehendido, só o mesmo amor da patria o poderia ajudar.

Na dedicatoria, visto não ser parte essencial da fábula, não temos que observar, senão que neste genero he a melhor cousa que até hoje se tem escripto. Nella a cada palavra respira a dignidade, a nobreza d' alma, e a independencia do poeta.

* Un poëme subsistira fort bien sans exorde.

Reflexions sur Longin.

Na escolha dos episodios e maneira de os introduzir e ligar com a principal acção, se mostrou o nosso Camões mui superior ao poeta Latino. Os deste quasi todos são imitados de Homero: os de Camões quasi todos de sua propria invenção: em Virgilio se nota que muitas vezes estas acções accessorias fazem desaparecer a principal: em Camões todas servem ao desenvolvimento della, e a fazem sobresahir.

Tão perfeito he o nexo entre todas as partes deste poema, que nenhuma dellas se pôde transpor ou separar, sem que o todo se resinta e desfigure. Isto nega M. de Voltaire; mas por meio da seguinte analyse faremos ver que M. de Voltaire ou não entendeu a obra que censurava, ou não disse o que entendia.

Começa o poeta, á imitação de Virgilio, apresentando os seus Argonautas navegando com vento próspero entre a costa da Ethiopia e a ilha de São-Lourenço. Jupiter chama os deoses a concelho para deliberar sôbre a sorte desta expedição, de que depende o destino de todo o Oriente. Oppõe-se Baccho á empresa dos Portuguezes; Venus e Marte a favorecem. Chega a frota a Moçambique. Baccho, ardendo em ira, depois de uma breve falla comsigo mesmo, em tudo semelhante á de Juno em o 1.º l. da

Eneida, desce á terra, e tomando a figura de um mouro conhecido naquella ilha e mui valido do Xequé ou governador della, o induz a machinar a destruição dos navegantes. Descobrem os Portuguezes e castigão a traição; e passão a Quiloa, onde lhes estão preparados novos laços. Venus com ventos contrarios desvia as naos do porto. Não tendo podido entrar, se derigem a Mombaça, onde os esperava igual sorte. Venus, descendo outra vez do Olympo, com o auxilio das Nereidas, lhes impede a entrada da barra; e vai interceder a Jupiter polos Portuguezes: este para a consolar lhe abre os arcanos dos Fados, e envia Mercurio á terra, para que tenha apparelhado um porto seguro, onde as naos se possam abrigar e prover do necessario. Mercurio, comprida a ordem de Jupiter, avisa em sonhos ao Capitão, que fuja daquellas praias crucis, e lhe ensina o porto a que deve dirigir-se. Entra o Gama em Melinde, onde he benignamente recebido. Expede um mensageiro ao Rei pedindo auxilio para a viagem, e desculpando-se de não sahir logo a terra, por lhe ser defendido no regimento que trazia. Vem o rei visitar as naos, e o Capitão sahe a recebê-lo no seu batel. Segue-se uma breve prática entre elles, na qual o poeta com muita arte dispõe o leitor para o longo e admiravel episodio, que vai ter lugar nos Cantos 3º e 4º, em que elle divinamente descreve as várias regiões

e povos da Europa, e relata as façanhas dos Reis e Capitães Portuguezes; as causas que os movêrão o emprehender tão espantosa navegação; e o que nella passou até entrar em seu porto. (Aqui estranha Voltaire severamente a Camões fallar ao rei de Melinde em Ulysses e Eneas, como se um barbaro Africano das costas de Zanguebar (diz elle) *podesse ter noticia do seu Homero e do seu Virgilio.* Mas muito mais he de estranhar em Voltaire o ignorar que este paiz era povoado de mouros Arabes; que esta era a lingua que alli se fallava; e que nella se achão traduzidas as obras de Homero e de Virgilio.) Prosegue o heroe a sua navegação; e, estando ja quasi á vista da terra que buscava, Baccho, vendo frustrados todos os seus esforços, e que não podia mover as divindades celestes, acceso em raiva desce ao palacio de Neptuno; encarece-lhe as causas da sua vinda, e lhe pede que, antes de as declarar, mande chamar todos os deoses do mar. Neptuno ordena logo a Tritão, que chame os deoses marinhos; e, reunido o concelho, Baccho lhes expõe a commun injúria feita pelos Portuguezes; e os persuade e exhorta a tomar della vingança. Manda-se recado a Eolo da parte de Neptuno, que solte a furia dos ventos. Prosegue entretanto a frota seu caminho; e, rendido ja o quarto da prima, Velloso, para divertir os companheiros e affugentar o somno, lhes conta o caso dos doze de

Inglaterra. Sobrevem a tempestade, que o poeta maravilhosamente descreve: e os marinheiros desesperão da salvação. Vinha apontando a estrella da manhã; quando Venus que a conduzia, vendo lá do Olimpo as naos quasi sossobradas pela furia dos ventos e das ondas, conhece os ardis e traições de Baccho; e, baixando rapidamente ao mar, chama as filhas de Nereo, manda-lhes que enfeitem seus cabellos com grinaldas de rosas, e parte com ellas a applicar os Ventos. Cessa a tormenta; e avistão os navegantes a terra que buscavão. Chega finalmente o heroe a Calecut, onde encontra um mouro de Barbaria, que espantado de acção tamanha, se affeiçoa aos Portuguezes, e o informa dos ritos e costumes daquelles povos. Appresenta-se ao Samorim ou Imperador, e lhe dá a embaixada de seu Rei: e, em quanto este consulta os haruspices sôbre o vinda dos estrangeiros, vem o seu Catual ou regedor a bordo da Capitaina; e maravilhado das figuras que via pintadas nas bandeiras, pergunta que personagens são aquellas. Paulo da Gama satisfaz a sua curiosidade, declarando-lhe os nomes e contando algumas façanhas dos principaes herões Portuguezes. Baccho faz os seus ultimos esforços por destruir os navegantes; mas o heroe, alcançado o grande fim da sua missão, escapando aos laços que se lhe ordião, se faz á vela para a sua patria. Venus, para premiar seus trabalhos e fadigas,

lhe tem aparelhada, na volta, uma ilha fluctuante, a mais deliciosa que se póde imaginar, com toda a sorte de deleites; onde desembarcando os Portuguezes para fazerem aguada, são recebidos e agasalhados, o heroe por Tethys, os mais pelas Nereidas, que para esse fim os estavam aguardando: e, depois de um esplendido banquete, durante o qual ouvem no canto prophético de uma Serea as façanhas que os Portuguezes havião de obrar na India, Tethys, dando ao heroe a sua mão, lhe entrega o imperio dos mares, e o conduz a um alto monte, onde lhe mostra em um globo as nossas futuras descobertas e conquistas. Parte dalli o heroe, e chega em fim a Lisboa.

Veja agora o leitor intelligente onde está aqui a falta de nexo. Se este era (como diz Mr. de Voltaire) o maior defeito deste poema, segue-se que não ha poema, que mais perfeito seja, ou menos defeituoso.

A *solução* começa no ponto em que o heroe, vencidos todos os obstaculos que se oppunhão á sua partida, se faz na volta de Lisboa.

E com a sua chegada de tal maneira fica terminada a acção, que nada se lhe póde acrescentar: bem differente nisto da Iliada e da Eneida; porque áquella ainda se poderia ajuntar o retorno dos Gregos a seus lares, e a esta julgou Mapheo Vigésio dever addicionar um decimo terceiro livro em que tratava do funeral de Turno, e do casamento e apotheose de Eneas.

Quanto aos costumes, ou caracteres, he sem dúvida que quanto mais variados forem, tanto maior prazer darão ao leitor. Mas, como a variedade delles depende do numero das personagens actoras, e este da natureza da acção; o que primeiro se deve observar, he se os que o poeta introduzio, estão bem descriptos e sustentados; depois se a natureza da acção admittiria mais ou menos, que os introduzidos pelo poeta. E nem porque uma acção foi praticada por maior numero de individuos, se ha de ter por mais epica; nem por mais perfeito um poema, só por ter mais caracteres; porque a grandeza de uma acção se ha de medir pela utilidade que della resulta aos homens, e pelos obstaculos vencidos; e a perfeição de um poema, nesta parte, consiste em que os caracteres sejam bem desempenhados, e não sejam mais nem menos que os que a acção póde soffrer. Por exemplo, a acção da Eneida em grandeza e utilidade he tão superior á da Iliada, quanto he maior e mais louvavel cousa o fundar, que o destruir; mas porque foi executada tamsomente por Eneas com alguns Troianos fugitivos, não offereceo tão largo campo a Virgilio para variar seus caracteres, como a Homero a da Iliada, em que tiverão parte todos os Reis e povos da Grecia. E se os dous poetas trocassem os assumptos, viria talvez Virgilio a ser nesta parte o que foi Homero; e vice versa. Por isso quando os dous poemas em tudo o mais

fossem iguaes, não diriamos que Homero foi maior poeta, que Virgilio. E se a acção da Eneida não soffre a mesma variedade de caracteres, que a da Iliada, a dos Lusíadas ainda soffre menos, que a da Eneida; porque Eneas passou á Italia com vinte naos e grande numero de Troianos, entre os quaes algumas personagens de grande nome; e Vasco da Gama fez a sua descoberta com apenas tres naos e 148 Portuguezes, todos seus subordinados e com grande distancia inferiores. E a ser tratada por outro poeta ou de outra maneira, ficaria talvez demasiado nua e sêcca. Mas o extraordinario engenho de Camões lhe subministrou o meio não só de vencer esta difficuldade, mas até de ornar o seu poema com tantos e tão diversos caracteres, que nesta parte lhe não faz vantagem a mesma Iliada: nem tão pouco no bom desempenho delles, porque nenhum outro poeta sabia melhor, que o nosso, os deveres de um cidadão para com a sua patria, e as partes que deve ter um Rei, um capitão, um magistrado; e

Qui didicit, patriae quid debeat, et quid amicis:

Quo sit amore parens, quo frater amandus et hospes:

Quod sit conscripti, quod iudicis officium: quae

Partes in bellum missi ducis: ille profecto

Redere personae scit convenientia cuique.

Na sentença, isto he na conveniencia dos pensamentos, se mostrou igualmente superior o nosso Camões:

tudo no seu poema he perfeitamente adaptado ás pessoas, aos tempos e ás circumstancias, e filho da situação do ánimo.

E na dicção não cede ao mesmo Virgilio; porque ou se considerem as palavras cada uma de per si, ou tomadas juntamente, se encontrará sempre e em summo grao propriedade, clareza, doçura, polidez, elegancia, e harmonia; e se verá com quanto discernimento e arte soube o poeta evitar esses dous escolhos, onde ordinariamente naufragão ainda os maiores genios — a inchação e a baixeza.

Temos, ao que nos parece, demonstrado que neste poema se achão rigorosamente observadas todas as leis da epopeia. Mas, como o ser exempto de defeitos não seja mais que um merecimento mediocre, e *Mediocribus esse poetis Non homines, non Di, non concessere columnae*, nos cumpriria tambem extensamente fallar das suas bellezas; mas se uma a uma as fossemos a notar e fazer sentir, nos sería mister escrever um grosso volume. E assim nos limitaremos unicamente a dizer: que a pintura de Venus intercedendo a Jupiter polos navegantes; a descripção das batalhas; os amores e tragico fim de Ignez de Castro; o sonho de Dom Manoel; a despedida da praia de Belem e a exclamação do velho; a ficção do Adamastor; a descripção do palacio de Neptuno e o concelho dos deoses marinhos; o episodio dos doze

de Inglaterra; Venus apparecendo no ceo juntamente com a sua estrella, e baixando ao mar para aplacar os ventos; a mimosa falla de Erithya a Boreas; e finalmente a ilha dos Amores, são bellezas taes, que, quando muitas outras de primeira ordem não houvesse neste poema, bastarião para dar a Camões assento no Parnaso a par de Homero.

Nas comparações, e na arte de representar vivamente aos olhos e aos ouvidos os objectos que descreve, nenhum outro poeta o iguala. Emfim quem ler esta producção divina, e for capaz de sentir e apreciar suas bellezas, se verá a cada passo irresistivelmente assaltado de diferentes affectos. Que este he o mais certo signal do verdadeiro sublime, abalar-nos o coração, e deixar n'alma um vestigio que nada póde apagar.

E se pela utilidade quizermos julgar da obra, tudo quanto neste genero se tem escripto lhe fica mui inferior. Porque não ha poeta que mais severamente reprehenda o vicio, que mais accenda nos animos o amor da patria e da virtude, nem que mais altamente os incite a emprehender grandes cousas. Nenhum descreveo melhor as partes que deve ter um bom Rei, um bom capitão, conselheiro, ecclesiastico, ou magistrado: nenhum mostrou mais inteireza e independencia d'alma; pois, vivendo no centro da miseria, nunca, por agradar a quem quer que fosse, atraiçooou a

verdade; nem se propoz outro fim, que o de ser util aos homens e agradar a si mesmo.

Mas, porque em tudo corresse a sorte dos grandes homens, com todas estas bellezas, com todas estas virtudes, com toda esta perfeição de estilo, a ignorancia, a malignidade e inveja, que vivo o perseguirão, ainda depois de morto não cessarão de lhe inquietar as cinzas, pretendendo offuscar-lhe a gloria com seu bafo pestilente. Nós não nos occuparemos em refutar algumas criticas, tão injustas como ineptas, que homens obscuros lhe tem feito. Mas o grande nome de M. de Voltaire nos obriga a dizer alguma cousa á cêrca do juizo que este escriptor fez do nosso poeta.

No seu *Ensaio sobre a poesia epica*, Artigo — Camões — depois de relatar algumas circumstancias da vida do poeta absolutamente falsas, como que nasceu em Hespanha e acompanhára a Vasco da Gama na sua expedição, passa a tratar do poema, e começando pelo titulo, diz que o poeta lhe dera o de *Lusiada*, que, segundo a sua interpretação, *significa Portugaida*; titulo que pouca relação tem com o assumpto: o que tambem não he exacto, porque o poeta entitulou a sua obra — *Os Lusíadas*; titulo que perfeitamente lhe convem, como já fizemos ver. Traduz as tres primeiras Estancias, como quem da lingua Portugueza não tinha maior conhecimento, que da vida do poeta; e faz uma breve exposição do plano

do poema. Louva com enthusiasmo o bello episodio de Ignez de Castro, dizendo: *Il y a peu d'endroits dans Virgile plus attendrissants et mieux écrits. La simplicité du poëme* (continua elle) *est rehaussée par des fictions aussi neuves que le sujet. En voici une qui, j'ose le dire, doit réussir dans tous les temps et chez toutes les nations.* Aqui faz uma descripção do Adamastor, em que desfigura inteiramente a grandiosa imagem do poeta, e acaba exclamando: *Cela est grand en tout pays sans doute.*

Daqui se arremessa de um salto á ilha dos Amores, que elle chama *encantada*; e he nesta admiravel ficção, neste bello e ridente quadro de poesia descriptiva, que M. de Voltaire mais despiudadamente descarrega os golpes da sua injusta censura, dizendo, entre outras expressões que nos peja de repetir: *C'est là que Venus aidée des conseils du Pere eternal et secondée en même temps des fleches de Cupidon, rend les Néréides amoureuses des Portugais.* E não vio M. de Voltaire que este padre eterno não he aqui a primeira pessoa da Trindade, mas sim aquelle mesmo padre, a quem no Canto segundo a deosa intercedeo polos navegantes.

Le principal but des Portugais après l'établissement de leur commerce (prosegue M. de Voltaire) *est la propagation de la foi, et Venus se charge du*

succès de l'entreprise. A parler serieusement (Fez bem M. de Voltaire em tornar ao serio, porque nem taes chocarrices convem á dignidade de um escriptor, nem um poeta como Camões se deita a baixo com risadas), *un merueilleux si absurde défigure tout l'ouvrage.* M. de Voltaire na sua Henriada não se melhorou nesta parte, porque, propondo-se a rejeitar os ornamentos poeticos recebidos e consagrados desde a mais remota antiguidade, não só transportou para a epopeia o maravilhoso dos poemas heroe-comicos, personificando os vicios e virtudes debaixo de seus proprios nomes, e matando assim a allegoria, que he a alma da fábula, e destruindo toda a illusão (porque, se o valor vier dizer a um guerreiro que accometta o inimigo, e o medo que fuja, todo o leitor se rirá) nos appresenta entre o ceo e o inferno o templo de Cupido. Qual sera maior absurdo?

Acrescenta M. de Voltaire: *J'apprends qu'un traducteur du Camouens prétend que dans ce poëme Venus signifie la sainte Vierge, et que Mars est évidemment Jésus-Christ. A la bonne heure, je ne m'y oppose pas; mais j'avoue que je ne m'en serais pas aperçu.* Mas que tem Camões com o seu traductor? Nisto claramente confessa M. de Voltaire que não sabia Portuguez, porque alias não teria necessidade de recorrer a traducções para entender a allegoria do poeta, quando elle mesmo a

explica pela boca de Tethys no Canto X. Estancias 83 e 84, onde diz que por Jupiter se entende a Santa Providencia, e por Venus, Marte, Baccho &c. os espiritos ou anjos bons e maos por que Deos governa o mundo.

E conclue a sua censura dizendo: *Mais de tous les défauts de ce poëme le plus grand est le peu de liaison dans' toutes ses parties; il ressemble au voyage dont il est le sujet.*

Assim que toda a critica de M. de Voltaire assenta sôbre o titulo da obra, sôbre o emprêgo das divindades fabulosas, ou mithologia poetica, n'um assumpto que elle mesmo reconhece não ser puramente Christão, e sôbre a falta de nexo entre todas as partes do poema.

Quanto ao titulo e á falta de nexo julgamos ter respondido; e quanto á mithologia, responderá por nós um dos mais insignes escriptores seus compatriotas, o judicioso Boileau, de quem o mesmo Voltaire diz que quasi sempre teve razão. A este respeito diz elle na sua arte poetica, Canto III.

C'est donc bien vainement que nos auteurs déçus
Bannissant de leur vers ces ornemens reçus,
Pensent faire agir Dieu, ses saints et ses prophetes,
Comme ces dieux éclos du cerveau des poëtes;
Mettent à chaque pas le lecteur en enfer;
N'offrent rien qu' Astaroth, Belzébuth, Lucifer.
De la foi d'un chrétien les mysteres terribles
D'ornemens égayés ne sont point susceptibles;

L'évangile à l'esprit n'offre de tous côtés
 Que pénitence à faire et tourments mérités;
 Et de vos fictions le mélange coupable
 Même a ses vérités donne l'air de la fable.
 Et quel sujet enfin à présenter aux yeux
 Que le diable toujours hurlant contre les cieux,
 Qui de votre héros veut rabaisser la gloire,
 Et souvent avec Dieu balance la victoire!

Le Tasse, dira-t-on, l'a fait avec succès.
 Je ne veux point ici lui faire le procès:
 Mais, quoique notre siècle à sa gloire publie,
 Il n'eût point de son livre illustré l'Italie,
 Si son sage héros, toujours en oraison,
 N'eût fait que mettre enfin Satan à la raison;
 Et si Renaud, Argant, Tancrede et sa maîtresse
 N'eussent de son sujet égayé la tristesse.

Ce n'est pas que j'approuve, en un sujet chrétien
 Un auteur follement idolâtre et païen.
 Mais, dans une profane et riante peinture,
 De n'oser de la fable employer la figure;
 De chasser les tritons de l'empire des eaux;
 D'ôter à Pan sa flûte, aux Parques leurs ciseaux;
 D'empêcher que Caron, dans la fatale barque,
 Ainsi que le berger ne passe le monarque:
 C'est d'un scrupule vain s'alarmer sottement,
 Et vouloir aux lecteurs plaire sans agrément.
 Bientôt ils défendront de peindre la Prudence,
 De donner à Thémis ni bandeau ni balance,
 De figurer aux yeux la Guerre au front d'airain,
 Ou le Temps qui s'enfuit un horloge à la main;
 Et par-tout des discours, comme une idolâtrie,
 Dans leur faux zèle iront chasser l'allégorie.
 Laissons les applaudir de leur pieuse erreur.
 Mais pour nous, bannissons une vaine terreur;
 Et, fabuleux chrétiens, n'allons point, dans nos songes,
 Du Dieu de vérité faire un Dieu de mensonges.

E finalmente quanto ao pêso que devemos dar á sua critica em geral, não podemos mostrar-nos mais imparciaes, que submettendo esta causa ao juizo do mesmo M. de Voltaire.

No mesmo ja citado Ensaio, interpondo o seu juizo sôbre a contenda de M. de la Motte com Madame Dacier á cêrca de Homero, diz elle (e diz muito bem) que M. de la Motte, por sua ignorancia da lingua Grega, não podia sentir os bellezas do autor que censurava; e acrescenta: *Qu'on ne croie point connaître les poëtes par les traductions; ce serait vouloir appercevoir le coloris d'un tableau dans une estampe. Les traductions augmentent les fautes d'un ouvrage et en gâtent les beautés:* e, sendo cousa certa e provada, que M. de Voltaire ainda ignorava mais a lingua Portugueza, que M. de la Motte a Grega, e que para fazer o seu juizo sôbre Camões se servio da traducção Ingleza de Fanshaw, a mais infiel e desprezivel de quantas traducções se tem feito; elle mesmo se declara incompetente juiz nesta materia, e por sua propria boca nos diz que não façamos caso algum da sua censura, e deixemos o grande Camões na pacifica posse do terceiro lugar que entre os poetas epicos occupa no Parnaso ha mais de duzentos e sessenta annos; pois que esse lugar lhe pertence por antiguidade, e ninguem por merecimento lho póde disputar.

Isto, quanto ás censuras. Agora quanto aos louvores com que os mais insignes escriptores, assim naturaes como estrangeiros, tem exaltado o nosso poeta, não sendo possivel transcrevê-los aqui todos, nos limitaremos somente a offerecer a nossos leitores o juizo dos dous mais principaes; e estes seião, dos estranhos Torquato Tasso, dos naturaes, o mais insigne dos nossos poetas lyricos, o bom Filinto Elisio.

TASSO A CAMÕES.

SONETO.

Vasco, le cui felici ardite antenne
 Incontro al sol, che ne riporta il giorno,
 Spiegare le vele, e fer colà ritorno
 Dov'egli par che di cader accenne;
 Non più di te per aspro mar sostenne
 Quel, che fece al Ciclopo ultraggio e scorno;
 Né chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
 Né dié più bel subieto a colte penne.
 Ed or quella del colto e buon Luigi
 Tant' oltre stende il glorioso volo,
 Che i tuoi spalmati legni andar men lungi.
 Ond' a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
 Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi
 Per lui del corso tuo la fama giunge.

FILINTO ELISIO A CAMÕES.

ODE.

Estro filho de Apollo, quando desces
 Do verde Pindo, sôbre accesas nuvens,
 Impetuoso assaltas
 Inopinado engenho,
 E chamma impetuosa, insana furia
 Levantas n'alma digna do teu vôo.

Tu á morada Olympia arrebataste
 O cantor Grego, pae da heroica tuba,
 Que Achilles iracundo
 Trôa, quando affadiga
 O anhelante Heitor, longo dos muros
 Da emmudecida Troya descórada.

Tu lhe déste ousadia, com que olhasse
 Fito a fito o tremendo Soberano
 Dos Deoses e dos Homens,
 Que só co'um sôbre-cenho
 (Quando a cholera as faces lhe roxéa)
 Abala os Ceos e a Terra, empóla os mares.

E lhe déste o pincel, com que arriscado
 Pinta a Jove, e o trisulco raio iroso,
 Que a mão de ardor lhe cora
 Ao arremessá-lo ás gentes: —
 E os fuzis vingativos da cadeia,
 Que suspende e castiga o error de Juno.

Ao epico pregão do Ausonio Povo
 Da trompa argentea os aros enrolaste,
 Quando cantou sonoro
 Accolhidos na Italia
 Os Troyanos Penates fugitivos,
 E da alta Roma os triumphantes muros.

Pintaste-lhe o Furor impio, sentado
 Sôbre as armas crueis, e atraz das costas
 Retorcidos os pulsos
 Com cem laços de bronze,
 No templo, afferrolhado, de Mavorte,
 Bramando horrendo co'a sanguinea boca.

Abriste-lhe a caverna da Sibylla,
 E as propheticas folhas do Futuro,

Pejadas de successos,
Que as entranhas dos Fados
Sem ordem, sem conselho descompunhão,
Ao capricho dos ventos revoando.

Tu a Pindaro, a Alceo, ao Venusino
Subiste em tuas azas enflammadas
Ao concelho das Musas,
Onde avidos gostarão
O almo licor da reservada veia,
Que em divino transmuda o canto humano.

Franqueaste-lhe alli pródigas chaves
Dos thesouros que encerra a Natureza;
E o fusco véo rasgando
Que lhes cobria a mente,
O trilho que conduz da Terra ao Olympo,
Ao colloquio dos Numes, lhe apontaste.

Assim Camões, por Ti enfurecido,
Ao cume do Parnaso se avizinha;
E os Delphicos loureiros,
Quando elle sobe, acurvão
Ao novo Homero os orgulhosos topes;
E arredão larga estrada ao Vate egregio.

Calliope a mão lhe dá; e ás doutas grutas
(Do rapido talento asylo) o guia,
Onde a sublime trama
Da Iliada sonora,

Palpando as chordas da epica harmonia,
Cantára Apollo, e transcrevêra Homero.

Alli subio Camões; alli a Musa
A boca e vozes do immortal alumno
Banhou de poesia;
E co'as irmãs que invoca,

Co'as tres Graças, que tudo afformozeão,
Enchem do Vate o peito, dadivosas.

Eis chega ao sabio côro o Ausonio Cysue
Comedido, e das faces ressumbrando

Assomos de Celeste:

E tanto se affeiçôa

Do valido das Musas Tagitanas,
Que por alumno e confidente o acceita.

Das reconditas minas da Memoria,
A seu pedido, as ricas veias abre,

Que Camões enthesoura:

Tambem lhe rega o engenho

Co' o epico arcano, em limpidas correntes,
Que manárão nos novos Argonautas.

Entôa o forte Gama, avassallando

Os mares não-trilhados de outros lenhos,

Impavido affrontando

O conflicto das ondas,

Que o Thyoneo contra elle accapellava,

Ajudado do improvido Neptuno.

Sobrevem Sapho, e canta de Ignez linda

A ternura fiel, tragico termo

De viçosos amores.

Ambição crua e cega,

Cubiça de mal-firme valimento,

Tu lhe enterras no peito o frio ferro!

Homero inchando á tuba o bronzeo ventre

Mais alto resoava, e tinha em fogo

A vista rutilante

Quando lançava as vozes

Do Adamastor membrudo, e arduas vinganças

Do quebrado segredo de seus mares.

Como sentiste do animo o alvoroto,
Absorto Vate, quando o íntimo seio
Os sons te revolião
Daquella voz valente,
Tonante voz, encérro de prodigios,
Voz, de que assim se uffana a Natureza!

Como ja n'alta mente as côres punha
Nos quadros dos Lusiadas illustres!
Aqui se ateia a briga
Dos doze de Inglaterra:
Além, da água que sorve, engrossa a nuvem,
E o pé que tem no mar, a si recolhe.

Quanto se ergue entre estupidos humanos
Quem ao nascer sortio um peito altivo
Capaz de inçlyta empresa!
Mais que homem he um Nume.
Os parabens te dou, oh Lusa patria:
Tambem os tomo, de dever-te o berço.

Oh prole de Japéto, a tudo ousada,
De ser do barro vosso me gratulo,
Quando contemplo a chamma
Que em vós prendeo celeste,
Luzir no engenho, disferir no esfôrço
Brasão e assombro das futuras eras!

Logo Tyrteo, para as feroces guerras
O prendou co'o clarim agudo e forte,
Que a côr ao gesto muda;
E nelle os tons lhe ensaia,
Com que recontе as asperas batalhas
De Nuno fero, e do pugnaz Pacheco.

Eis no carro, que as alvas pombas tirão,
Lhe entrega agradecida a meiga Venus

PROLOGO.

(Do mimoso regaço)
 Quadros de Idalia e Chypre,
 As fontes e arvoredos namorados,
 Com que elle adorne a ilha dos Amores.

Os olhos para a esphera erguei celeste:
 Como raia vermella no oriente!
 Do centro escapa um lume
 Que de ouro reluzente
 Vai as nuvens cobrindo... Um Deos radioso
 Com placido semblante á terra desce.

Pelo cinto do lucido horizonte
 Melodias docisonas se espalhão;
 Alados Hymnos vôão
 Flammigeros em tórno
 Da verde-laurea fronte; as alvas azas
 Dos Zephyros na lyra ferem vozes.

Mas ja o providente Apollo abrindo
 O fatidico seio do futuro,
 Movido do ardimento
 Do generoso Vate,
 Põe nelle os olhos, de esplendor trajados,
 E estas aladas vozes lhe dirige:

“Feliz mancebo, que a veréda pizas
 “Dos dous Cysnes que além de todos prezo,
 “Não desmaies, ao veres
 “Os sustos, os despenhos
 “Que ameação na senda alcantilada
 “O laurifero Pindo, temeroso.

“Com meu raio facundo, e nunca-incerto
 “Quero teu guia ser na epica lida:
 “E serás celebrado
 “Na estreira perigosa

“Que, intrepido em rasgá-la aos teus, a estranhos,
 “De não murchandas flores esmaltares.

“Mas estro adquire gloria, e não thesouros.

“Morrerás pobre, tendo submettido

“Mais riscos, mais trabalhos

“Que o Gama, a quem dás nome.

“Aos vates que só põe na fama o fito

“Serás pharol de náufrago penedo.

“O mesmo Fado desastroso empunha

“Irado raio, em damno dos que venhão

“Por estas broncas fragas;

“E absortos na harmonia

“Dos sonorosos teus ousados versos,

“Te imitarão na lyra e na desgraça.

“Coridon, Coridon, que improba estrella

“Te dá nome immortal, fonte de invejas?

“Pelos sallões das honras

“Te arremessa ás masmorras,

“Onde os annos consumes, que devêrão

“Ser de ampla gloria e louros assombrados.

“Lá vai, de atroz calumnia perseguido,

“Correr mares, trilhar estranhas terras

“O candido Filinto,

“Que tanto tinha a peito

“O seu Camões grandiloquo, a quem lia

“Com gôsto, com respeito ás Musas grato.

“Lá, contigo abraçado em seu desterro,

“Em tí bebe a corrente nobre e pura,

“Com que os seus versos banha.

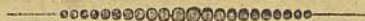
“Ainda, ausente, brada

“Ás novas aguias da soberba Elysia,

“Que o teu canto e dicção tomem por norte.

“Mas, em quanto te escuda e te defende,
“Lavra contra elle settas a Ignorancia;
“E dos seus bens e fama
“Põe opimo despôjo
“Nos altares da Inveja e da Calumnia:
“Iniquo galardão de haver-te amado!”

Porém a mais evidente prova do reconhecido merecimento deste poema, he o fervor com que todas as nações cultas da Europa o tem procurado apropriar a si, vertendo-o cada uma no seu idioma; poisque em Hespanhol sabemos de trez traducções; em Francez temos noticia de quatro; outras tantas se contão em Italiano, sendo a ultima a de Bricolani, impressa em Paris em 1826, obra mui estimavel pela sua fidelidade e elegancia; na lingua Ingleza duas; outras tantas na Alemãa; uma na Dinamarqueza; outra na Sueca: e até na Mosecovita ha traduzidos os episodios de Iñez de Castro e Adamastor. Das lingoas mortas, tambem se acha vertido na Latina e na Hebraica. E assim se póde dizer de Camões que, igualmente com Homero e Virgilio, tem por limites á sua fama os confins da Terra.



OS

L U S I A D A S.

22

OS EUSTASIAS

DE
CANTO MINEIRO

1804

[Faint handwritten text]

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As Armas e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passarão ainda além da Taprobana;¹
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto sublimarão:

II.

E tambem as memórias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andarão devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.²⁵

Canções I. 1. Taprobana — ilha g. doze do mar a Ceilão

III.

Cessem do sabio Grego e do Troiano
 As navegações grandes que fizerão;
 Calle-se de Alexandro e de Trajano
 A fama das victórias que tiverão;
 Que eu canto o peito illustre Lusitano,
 A quem Neptuno e Marte obedecêrão:
 Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
 Tendes em mi hum novo engenho ardente;
 Se sempre em verso humilde celebrado
 Foi de mi vosso rio alegremente;
 Dai-me agora hum som alto e sublimado,
 Hum estylo grandiloquo e corrente;
 Porque de vossas aguas Phebo ordene
 Que não tenham inveja ás de Hippocrene.²

V.

Dai-me huma furia grande e sonora,
 E não de agreste avena ou frauta ruda;
 Mas de tuba canora e bellicosa,
 Que o peito accende, e a còr ao gesto muda:
 Dai-me igual canto aos feitos da famosa
 Gente vossa, que Marté³ tanto ajuda;
 Que se espalhe e se cante no Universo;
 Se tão sublime preço cabe em verso.

- 1 - Phebo - o Sol
 2 - as de Hippocrene, isto é: a fonte do-
 cavallo Pegaso, a fonte Caballina.
 3 - Marté - o deus mythologico da guerra.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao Mundo por Deos, que todo o mande,
Para do Mundo a Deos dar parte grande:

VII.

Vós tenro e novo ramo florecente
De huma árvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou Christianissima chamada
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada;
Na qual vos deo por armas e deixou
As que elle para si na Cruz tomou):

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto Imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do Hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio: 24

IX.

Inclinaí por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo:
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno:
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois Senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente.
Se ser do Mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi, que não vereis com vâas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro;
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nano fero,
 Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
 Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
 A cithara para elles só cobiço.
 Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
 Os doze de Inglaterra e o seu Magriço:
 Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a trôco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar quereis igual memoria,
 Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria,
 E aquelle, que a seu Reino a segurança
 Deixou co'a grande e próspera victoria;
 Outro Joanne, invicto Cavalleiro,
 O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro,

xiv.

Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aquelles que nos Reinos lá da Aurora
 Se fizerão por armas tão subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora;
 Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
 Albuquerque terribil, Castro forte,
 E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as redeas vós do Reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o pêso grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos e feitos singulares
 De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tõe o Mouro frio,
 Em quem vê seu exicio affigurado;
 Só com vos ver o barbaro Gentio
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado.
 Tethys¹ todo o ceruleo senhorio
 Tõe para vós por dote aparelhado;
 Que affeiçoada ao gesto bello e tenro,
 Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
 Dos dous Avôs as almas cá famosas,
 Huma na paz angelica dourada,
 Outra pelas batalhas sanguinosas.
 Em vós esperão ver-se renovada
 Sua memoria e obras valerosas;
 E lá vos tõe lugar, no fim da idade,
 No templo da suprema Eternidade.

1- Tethys - imma deusa maritima e q
 na theologia ou fabulosa

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
 De regerdes os povos, que o desejão,
 Dai vós favor ao novo atrevimento,
 Para que estes meus versos vossos sejam:
 E vereis ir cortando o salso argento
 Os vossos Argonautas, porque veirão
 Que são vistos de vós no mar irado;
 E costumai-vos ja a ser invocado.

XIX.

Ja no largo Oceano navegavão,
 As inquietas ondas apartando;
 Os ventos brandamente respiravão,
 Das naos as velas concavas inchando;
 De branca escuma os mares se mostravão
 Cobertos, onde as proas vão cortando
 As maritimas aguas consagradas,
 Que do gado de Prótheo² são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympto luminoso,
 Onde o governo está da humana gente,
 Se ajuntão em concilio glorioso
 Sôbre as cousas futuras do Oriente.
 Pisando o crystallino ceo formoso
 Vem pela Via Lactea juntamente,
 Convocados da parte de Tonante³
 Pelo neto gentil do velho Atlante.²⁶

1. navegadores
 2. Prótheo: o deos protetor dos gados do arimhos
 3. Tonante - o deos maior - Júpiter

XXI.

Deixão dos sete ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;
 Alto poder, que só co' o pensamento
 Governa o ceo, a terra e o mar irado.
 Alli se achárão juntos n'hum momento
 Os que habitão o Arcturo¹ congelado,
 E os que o Austrô² tõe, e as partes onde
 A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,³
 N'hum assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo e soberano:
 Do rosto respirava hum ar divino,
 Que divino tornára hum corpo humano;
 Com huma c'roa e sceptro rutilante
 De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros deoses todos assentados,
 Como a razão e a ordem concertavão:
 Precedem os antigos mais honrados,
 Mais abaixo os menores se assentavão;
 Quando Jupiter alto assi dizendo
 C'hum tom de voz começa, grave e horrendo:

- 1 - Arcturo - estrella fixa de prim.º grandeza.
 situada na cauda da lima indica.
 2 - Austrô ou Austro - o Sul, o vento do sul.
 3 - Vulcano - o deus do fogo

XXIV.

Eternos moradores do luzente
 Estellifero Polo e claro assento,
 Se do grande valor da forte gente
 De Luso não perdeis o pensamento,
 Deveis de ter sabido claramente
 Como he dos fados grandes certo intento
 Que por ella se esqueção os humanos
 De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV.

Ja lhe foi (bem o vistes) concedido
 Com poder tão singelo e tão pequeno
 Tomar ao Mouro forte e guarnecido
 Toda a terra que rega o Tejo ameno.
 Pois contra o Castelhana tão temido,
 Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
 Assi que sempre em fim com fama e gloria
 Teve os tropheos pendentés da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
 Que co'a gente de Romulo alcançarão,
 Quando com Viriato na inimiga
 Guerra Romana tanto se affamarão.
 Tambem deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando alevantarão
 Hum por seu capitão, que peregrino
 Fingio na cerva espirito divino.

1 - Estellifero Polo - polo estrellado

XXVII.

Agora vêdes bem que, commettendo
 O duvidoso mar n'hum lenho leve
 Por vias nunca usadas, não temendo
 De Africo e Notó a fôrça, a mais se atreve;
 Que havendo tanto ja que as partes vendo
 Onde o dia he comprido e onde breve,
 Inclinaõ seu proposito e porfia
 A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
 Cuja alta lei não póde ser quebrada,
 Que tenham longos tempos o govêrno
 Do mar que vê do sol a roxa entrada.
 Nas aguas tõe passado o duro Inverno,
 A gente vem perdida e trabalhada:
 Ja parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tõe passados
 Na viagem tão asperos perigos,
 Tantos climas e ceos exprimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos;
 Que sejam, determino, agasalhados
 Nesta costa Africana como amigos;
 E, tendo guarneçada a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa róta.

1- Africo - vento q. sopra da affrica
 2- Notó - vento sul

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia,
 Quando os deoses, por ordem respondendo,
 Na sentença hum do outro differia,
 Razões diversas dando e recebendo.
 O Padre Baccho¹ alli não consentia
 No que Jupiter disse, conhecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados² que viria
 Huma gente fortissima de Hespanha
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da India tudo quanto Doris banha,
 E com novas victorias venceria
 A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nisa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que ja teve o Indo subjugado,
 E nunca lhe tirou Fortuna ou Caso
 Por vencedor da India ser cantado
 De quantos bebem água do Parnaso:³
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão célebre nome em negro vaso
 D'agua do esquecimento, se lá chegão
 Os fortes Portuguezes que navegão.²⁸

1 - Baccho - o deos das vinhas e bebidas alcoholicas

2 - Fados - divisa mythologica q. determinavam os a. contemimentos e o futuro

3 - Parnaso - monte da Grecia, antigam. dedicado ao Apollo (o sol) e as musas.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
 Affeição da á gente Lusitana
 Por quantas qualidades via nella
 Da antiga tão amada sua Romana,
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostrarão na terra Tingitana,²
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê qu'he a Latina.

XXXIV.

Estas causas movião Cytherea;³
 E mais porque das Parcas⁴ claro entende
 Que ha de ser celebrada a clara dea
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que hum pela infamia que arrecea,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem:
 A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero ou Boreas⁶ na espessura
 De sylvestre arvoredado abastecida
 Rompendo os ramos vão da mata escura
 Com impeto e braveza desmedida:
 Brama toda a montanha, o som murmura;
 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
 Tal andava o tumulto levantado
 Entr'os deoses no Olympo consagrado.

- 1 - Venus - deusa da formosura
- 2 - Tingitana - pertencente a Cid. de Tangor
- 3 - Cytherea - am. Venus
- 4 - Parcas - as 3 divindades que os logiceas p. fiam v. costumam a fio das vidas
- 5 - Austro - vento Sul
- 6 - Boreas - o vento Norte

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todos as partes em porfia;
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia;
 D'entre os deoses em pé se levantava:
 Merencorio no gesto parecia;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando hum pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer, se poz diante
 De Jupiter², armado, forte e duro:
 E dando humna pancada penetrante
 Co'o conto de bastão no solio puro,
 O Ceo tremeo, e Apollo³ de torvado
 Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: Ó Padre,⁴ a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que creaste;
 Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
 Cuja valia e obras tanto amaste,
 Não queres que padeção vituperio,
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste,
 Não ouças mais, pois es Juiz direito,
 Razões de quem parece que he suspeito.²⁹

1 - Marte - o deus da guerra
 2 - Jupiter - o principal e maior dos deuses mythologicos
 3 - Apollo - o Sol ou o deus do Sol
 4 - Pater - Jupiter

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão privado.
 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque em fim vem de estomago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tões tomada,
 Não tornes por detraz; pois he fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio¹, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padré poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mavorte² valeroso;
 E nectar sobre todos esparzio.
 Pelo caminho Lacteo³ glorioso
 Logo cada hum dos deoses se partio,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Para os determinados aposentos.

- 1 - Mercurio - o mensageiro entre os deos.
 mythologicos
 2 - Mavorte - é o m. do Mante
 3 - Cam. Lacteo - a Via Lactea ou Com. etc.
 São Thiago.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
 Casa etherea do Olympo omnipotente,
 Cortava o mar a gente bellicosa,
 Já lá da banda do Austro e do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica e a famosa
 Ilha de São Lourenço; e o sol ardente
 Queimava então os deoses que Typhéo
 Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavão,
 Como quem o Ceo tinha por amigo:
 Sereno o ar e os tempos se mostravão
 Sem nuvens, sem receio de perigo.
 O promontorio Prasso já passavão,
 Na costa de Ethiopia, nome antigo;
 Quando o mar descobrindo lhe mostrava
 Novas ilhas, que em torno cêrca e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo e de altivo coração,
 A quem fortuna sempre favorece,
 Para se aqui deter não vê razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinava;
 Mas não lhe succedeo como cuidava.³⁰

1 - Typhéo - um celebre gigante e divindade mythologica

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
 Huns pequenos batéis, que vem daquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vela:
 A gente se alvoroça, e de alegria,
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente será esta? (em si dizião)
 Que costumes, que Lei, que Rei terião?

XLVI.

As embarcações erão, na maneira,
 Mui veloces, estreitas e compridas;
 As velas, com que vem, erão de esteira
 De humas folhas de palma, bem tecidas:
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton nas terras accendidas
 Ao Mundo deo, de ousado e não prudente:
 O Pado o sabe, e Lampethusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinhão vestidos
 De várias côres; brancos e listrados;
 Huns trazem de redor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados:
 Das cintas para cima vem despidos;
 Por armas tem adargas e terçados;
 Com toucas na cabeça: e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co' os pannos e co' os braços acenavão
 Às gentes Lusitanas, que esperassem;
 Mas ja as proas ligeiras se inclinavão
 Para que junto ás Ilhas amainassem:
 A gente e marinheiros trabalhavão,
 Como se aqui os trabalhos se acabasser
 Tomão vélas; amaina-se a vêrga alta;
 Da âncora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não erão ancorados, quando a gente
 Estranha pelas cordas ja subia:
 No gesto ledos vem, e humanamente
 O Capitão subline os recebia:
 As mesas manda pôr em continente:
 Do licor que Lico prantado havia
 Enchem vasos de vidro, e do que deitão,
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

L.

Comendo alegremente perguntavão,
 Pela Arabica lingua, donde vinhão;
 Quem erão; de que terra; que buscavão;
 Ou que partes do mar corrido tinhão.
 Os fortes Lusitanos lhe tornavão
 As discretas respostas que convinhão:
 Os Portuguezes somos do Occidente;
 Imos buscando as terras do Oriente.³¹

LII.

Do mar temos corrido e navegado
 Toda a parte do Antartico e Callisto,
 Toda a costa Africana rodeado;
 Diversos ceos e terras temos visto:
 De hum Rei potente somos, taõ amado,
 Tãõ querido de todos e bemquisto,
 Que não no largo mar, com leda fronte,
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
 A terra Oriental, que o Indo rega:
 Por elle o mar remoto navegamos,
 Que só dos feios Phocas³ se navega.
 Mas ja razão parece que saibamos,
 Se entre vós a verdade não se nega,
 Quem sois; que terra he esta que habitais;
 Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos (hum dos das Ilhas lhe tornou)
 Estrangeiros na terra, lei, e nação;
 Que os proprios são aquelles que criou
 A Natura sem lei e sem razão.
 Nós temos a lei certa que ensinou
 O claro descendente de Abrahão,
 Que agora tem do Mundo o senhorio;
 A mãe Hebreá teve, e o pae Gentio.

1- Antartico - o sul

2- Acheronte - um supposto rio do inferno

3- Phocas - um animal marinho, es. pe.
 co. de Lontras

LIV.

Esta Ilha pequena, que habitamos,
 He em toda esta terra certa escala
 De todos os que as ondas navegamos
 De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
 E, por ser necessaria, procuramos,
 Como proprios da terra, de habitala:
 E, porque tudo em fim vos notifique,
 Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

LV.

E ja que de tão longe navegais,
 Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,
 Piloto aqui tereis, por quem sejais
 Guiados pelas ondas sabiamente:
 Tambem será bem feito que tenhais
 Da terra algum refrêsko, e que o Regente
 Que esta terra governa, que vos veja,
 E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
 A seus batéis com toda a companhia:
 Do Capitão e gente se apartou,
 Com mostras de devida cortezia.
 Nisto Phebo¹ nas agoas encerrou
 Co' o carro de crystal o claro dia:
 Dando cargo á irmãa,² que allumiasse
 O largo Mundo, em quanto repousasse.

1 Phebo - o sol
2 - a irmãa de Phebo - ou Lua

LVII.

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria e não cuidada,
 Por acharem da terra tão remota
 Nova de tanto tempo desejada.
 Qualquer então comsigo cuida e nota
 Na gente e na maneira desusada;
 E como os que na errada seita crêrão,
 Tanto por todo o Mundo se estendêrão.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavão
 Pelas argenteas ondas Neptuninas;¹
 As estrellas os Ceos acompanhavão,
 Qual campo revestido de boninas;
 Os furiosos ventos repousavão
 Pelas covas escuras peregrinas;
 Porém da armada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
 Os formosos cabellos espalhou
 No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio que acordou,
 Começa a embandeirar-se toda a armada;
 E de toldos alegres se adornou,
 Por receber com festas e alegria
 O Regedor das Ilhas que partia.

1 - Neptuninas - de Neptuno - deus das marés

LX.

Partia, alegremente navegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refrêscos da terra, em si cuidando
 Que são aquellas gentes inhumanas,
 Que os aposentos Caspios habitando,
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão, e por ordem do destino
 O Imperio tomárão a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
 O Mouro e toda sua companhia;
 Dá-lhe de ricas peças hum presente,
 Que só para este effeito ja trazia;
 Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
 Não usado licor, que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come e bebe.

LXII.

Está a gente marítima de Luso
 Subida pela enxarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo e uso,
 E a linguagem tão barbara e enleada.
 Tambem o Mouro astuto está confuso
 Olhando a côr, o traço, e a forte armada;
 E, perguntando tudo, lhe dizia,
 Se por ventura vinhão de Turquia.³³

1 - Caspios - vizinhos ao mar Caspio, enterrados montanhoso e áspero, como os do Caucaso.

LXIII.

E mais lhe diz tambem que ver deseja
 Os livros de sua Lei, perceito ou Fé,
 Para ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê.
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao Capitão pedia que lhe dê
 Mostra das fortes armas de que usavão,
 Quando co' os inimigos pelejavão.

LXIV.

Responde o valeroso Capitão
 Por hum que a lingua escura bem sabia:
 Dar-te-hei, Senhor illustre, relação
 De mi, da Lei, das armas que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia,
 Mas sou da forte Europa bellicosa:
 Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle a cujo Imperio
 Obedece o visibil e invisibil;
 Aquelle que creou todo o Hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil;
 Que padeceó deshonra e vituperio,
 Soffrendo morte injusta e insoffribil,
 E que do ceo á terra em fim desceo,
 Por subir os mortaes da terra ao ceo.

LXVI.

Deste Deos Homem, alto e infinito,
 Os livros que tu pedes não trazia;
 Que bem posso escusar trazer escrito
 Em papel, o que na alma andar devia.
 Se as armas queres ver, como tées dito,
 Cumprido esse desejo te seria;
 Como amigo as verás, porque eu me obrigo
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros amostrar as armaduras:
 Vem arnezes¹ e peitos reluzentes,
 Malhas finas e laminas seguras;
 Escudos² de pinturas diferentes,
 Pelouros³, espingardas de aço puras;
 Arcos e sagittiferas aljavas,
 Partazanas⁴ agudas, chuças bravas.

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
 As panellas sulphureas⁵, tão damnosas:
 Porém aos de Vulcano não consente
 Que dem fogo ás bombardas temerosas:
 Porque o generoso ânimo e valente,
 Entre gentes tão poucas e medrosas,
 Não mostra quanto pôde: e com razão;
 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.³⁴

1 - arnezes - armadura ou estromenta de ferro, com q. antiga
 m. t. u. e. b. r. i. a. m. o. s. g. u. e. r. r. i. o. s.

2 - Escudos - arma de ferro ou metal, q. se guera c. i. n. o. s.
 f. a. z. a. m. n. o. b. r. a. s. e. s. q. u. e. r. e. m. p. a. r. a. r. n. o. s. g. o. l. p. e. s. c. o. n. t. r. a.

3 - Pelouros - especie de balas de ferro ou metal, q. se usam
 a. m. b. o. s. a. r. m. a. s. d. e. f. e. r. o. n. o. s. a. r. m. a. s. d. e. i. n. f. e. r. r. a.

4 - Partazanas ou habibandas - especie de lança antiga

5 - Panellas sulphureas

LXIX.

Porém disto que o Mauro aqui notou,
 E de tudo o que vio com olho attento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Huma vontade má de pensamento:
 Nas mostras e no gesto o não mostrou,
 Mas com risinho e ledo fingimento,
 Trata-los brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão
 Por quem podesse á India ser levado:
 Diz-lhe, que largo premio levarão
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Promette-lhos o Mouro com tenção
 De peito venenoso e tão damnado,
 Que a morte, se podesse, neste dia
 Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Que aos estrangeiros subito tomou,
 Sabendo ser sequazes da verdade
 Que o Filho de David nos ensinou!
 Oh segredos daquella Eternidade,
 A quem juizo algum não alcançou!
 Que nunca falte hum perfido inimigo
 Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partio-se nisto em fim co' a companhia
 Das naos o falso Mouro, despedido
 Com enganosa e grande cortezia,
 Com gesto ledó a todos, e fingido.
 Cortarão os batéis a curta via
 Das aguas de Neptuno, e recebido
 Na terra, do obsequente ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o grão Thebano,¹
 Que da paternal coxa foi nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano
 Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
 No pensamento cuida hum falso engano,
 Com que seja de todo destruido:
 E, em quanto isto só na alma imaginava,
 Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias, tão famosas
 Hajão os Portuguezes alcançado
 Das Indianas gentes bellicosas.
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de soffrer, que o fado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?³⁵

1. Thebano - o sr. Basso, provavelmente f. do the attri
 buir a naturalid. da cid. de Thebas, na Grecia

LXXV.

Já quizerão os Deoses que tivesse
 O filho de Philippo¹ nesta parte
 Tanto poder, que tudo somettesse
 Debaixo do seu jugo o fero Marte.
 Mas ha-se de soffrer que o fado dêsse
 A tão poucos tamanho esforço e arte,
 Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu descerei á terra, e o indignado
 Peito revolverei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo, irado e quasi insano,
 Sobre a terra Africana descendeo,
 Onde vestindo a fórma e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moveo:
 E, por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteo
 De hum Mouro em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co' o Xequé mui valido.

1 - O filho de Philippo - provavelmente - o filho de Augusto

LXXVIII.

E, entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas.
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por estes homens que passavão,
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tõe destruido
Com roubos, com incendios violentos;
E trazem ja de longe engano ordido
Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tõe determinado
De vir por água a terra muito cedo
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperá-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E, se inda não ficarem deste feito
 Destruídos ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginada no conceito
 Outra manha e ardil, que te contente:
 Manda-lhe dar piloto, que de geito
 Seja astuto no engano e tão prudente,
 Que os leve aonde sejam destruídos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
 O Mouro nos taes casos sabio e velho
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho;
 E logo nesse instante concertou
 Para a guerra o belligero apparelho,
 Para que ao Portuguez se lhe tornasse
 Em roxo sangue a água que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano
 Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
 Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
 De quem fiar-se possa hum feito grande.
 Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
 Por taes costas e mares com elle ande,
 Que se daqui 'scapar, que lá diante
 Va cahir donde nunca se levante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo¹ visitava
 Os montes Nabatheios² accendido,
 Quando Gama co' os seus determinava
 De vir por agua á terra apercebido:
 A gente nos batéis se concertava,
 Como se fosse o engano já sabido;
 Mas pôde suspeitar-se facilmente;
 Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
 De antes polo piloto necessario;
 E foi-lhe respondido em som de guerra:
 Caso do que cuidava mui contrario.
 Por isto, e porque sabe quanto erra
 Quem se crê de seu perfido adversario,
 Apercebido vai, como podia,
 Em tres batéis sómente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavão pela praia
 Por lhe defender a agua desejada,
 Hum de escudo abraçado e de azagaia,
 Outro de arco encurvado e setta ervada,
 Esperão que a guerreira gente saia,
 Outros muitos já postos em cilada;
 E, porque o caso leve se lhe faça,
 Põe huns poucos diante por negaça.³

1. - O raio Apollineo - o raio do espanto - o raio do Sol
 2. - Nabatheios - isto é - montes pertencentes aos Nabatheios,
 em Suez, na Suezidade das Indias.

LXXXVII.

Andão pela ribeira, alva, arenosa
 Os bellicosos Mouros acenando
 Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
 Os fortes Portuguezes incitando.
 Não soffre muito a gente generosa
 Andarlh' os cães os dentes amostrando:
 Qualquer em terra salta tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pôde que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
 Vendo a formosa dama desejada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, e brada;
 Mas o animal atroz nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, mata e põe por terra.

LXXXIX.

Eis nos batéis o fogo se levanta
 Na furiosa e dura artilheria:
 A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba e assovia:
 O coração dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhe resfria:
 Ja foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

*1 - adarga - o an. g. - escudo - arma de defesa,
 q. se empia no braço esquerdo, f. superior
 n. Ma os golpes inimigo; era de ouro ou
 de ferro*

XC.

Não se contenta a gente Portugueza;
 Mas seguindo a victoria estrue e mata:
 A povoação sem muro, e sem defeza
 Esbombardêa, accende, e desbarata.
 Da cavalgada ao Mouro ja lhe peza;
 Que bem cuidou comprá-la mais barata:
 Ja blasphema da guerra, e maldizia
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
 Sem fôrça, de covarde e de apressado,
 A pedra, o pao, e o canto arremessando:
 Dá-lhe armas o furor desatinado.
 Ja a Ilha, e todo o mais desamparando,
 Á terra firme foge amedrontado:
 Passa e corta do mar o estreito braço,
 Que a Ilha em tórno cêrca, em pouco espaço.

XCII.

Huns vão nas almadias carregadas,
 Hun corta o mar a nado diligente;
 Quem se affoga nas ondas encurvadas,
 Quem bebe o mar e o deita juntamente.
 Arrombão as miudas bombardadas
 Os pangaios² subtis da bruta gente.
 Desta arte o Portuguez em fim castiga
 A vil malicia, perfida, inimiga.

1 - Almadias - especie de bargas ou charrões, usadas nos mares Indicos e no Oceano

2 - Pangaios - outro especie de canoas idios

XCH.

Tornão victoriosos para a armada
 Co' o despôjo da guerra e rica prêsa;
 E vão a seu prazer fazer aguada,
 Sem achar resistencia nem defesa.
 Ficava a Maura gente, magoada,
 No odio antigo mais que nunca accessa:
 E, vendo sem vingança tanto dano,
 Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido
 O Regedor daquella iniqua terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra:
 Porque o piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte lhe mandava,
 Como em sinal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitão, que ja lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acostumado;
 Que tempo concertado, e ventos tinha
 Para ir buscar o Indo desejado;
 Recebendo o piloto que lhe vinha,
 Foi d'elle alegremente agasalhado;
 E, respondendo ao mensageiro, attento,
 As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
 As ondas de Amphitrite dividia,
 Das filhas de Nereo acompanhada,
 Fiel, alegre, e doce companhia:
 O Capitão, que não cahia em nada
 Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
 Delle mui largamente se informava
 Da India toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganoso,
 Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
 De morte ou captiveiro novos danos,
 Antes que á India chegue, lhe prepara;
 Dando razão dos portos Indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara:
 Que, havendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais, co' o falso pensamento
 Com que Sinon os Phrygios enganou,
 Que perto está huma ilha, cujo assento
 Povo antigo christão sempre habitou.
 O Capitão, que a tudo estava attento,
 Tanto com estas novas se alegrou,
 Que com dadivas grandes lhe rogava,
 Que o leve á terra onde esta gente estava.

Canções I.

- 1 - Amphitrite - deusa dos mares, m. de Nereus
 2 - As filhas de Nereo - isto é: as nereidas, todas deusas
 Nereidas, Nereidas, maritimas, filhas de Nereo, deusas
 maritimas

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
 Que o seguro Christão lhe manda e pede;
 Que a ilha he possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Mafamede:¹
 Aqui o engano e morte lhe imagina,
 Porque em podêr e fôrças muito excede
 A Moçambique esta ilha, que se chama
 Quiloa; mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota;
 Mas a deosa em Cythera celebrada,²
 Vendo como deixava a certa rota,
 Por ir buscar a morte não cuidada,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca gente della tanto amada;
 E com ventos contrarios a desvia
 Donde o piloto falso a leva e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
 Tal determinação levar avante,
 Outra maldade iniqua commettendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
 Os levárão por fôrça por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente
 Erão Christãos com Mouros juntamente.

1 - Mafamede - om. mo. gen. Mafoma
 2 - Esta é Venus, q. é a deosa adorada
 em Cythera, ilha do Mediterraneo

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava:
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava:
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia:
Huma cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria;
Regida por hum rei d'antigua idade:
Mombaça he o nome da ilha e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De podêr ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem batéis da terra com recado
Do rei, que ja sabia a gente que era;
Que Baccho muito d'antes o avisára,
Na fórma d'outro Mouro que tomára.

CV.

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pôde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?



OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

I.

Ja neste tempo o lucido planeta,
Que as horas ai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrimdo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos Nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegarão
Ás naos, que pouco havia que ancorarão.

II.

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Têes de Neptuno o reino e salsa via;
O rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tõe tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te. 41

III.

E porque está em extremo desejoso
 De te ver, como cousa nomeada,
 Te roga que, de nada receoso,
 Entres a barra tu, com toda a armada.
 E porque do caminho trabalhoso
 Traras a gente debil e cansada,
 Diz que na terra podes reformá-la;
 Que a natureza obriga a desejá-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
 Que produce o aurifero Levante,
 Canella, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera e prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rigido diamante,
 Daqui levarás tudo tão sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
 As palavras do rei agradecendo;
 E diz que, porque o sol no mar se esconde,
 Não entra para dentro obedecendo;
 Porém que, como a luz mostrar por onde
 Vá sem perigo a frota, não temendo,
 Cumprirá sem receio seu mandado;
 Que a mais por tal Senhor está obrigado.

1 - Levante - o m. g - Oriente - Este - Este - Norte

VI.

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Des'ta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII.

E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventureados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A cidade e podêr, e porque vejjão
Os Christãos, que só tanto ver desejão.

VIII.

E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda;
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Ja a companhia perfida e nefanda
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Forão com gestos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E depois que ao rei apresentarão
 Co' o recado os presentes que trazião,
 A cidade corrêrão, e notárão
 Muito menos daquillo que querião;
 Que os Mouros cautelosos se guardarão
 De lhe mostrarem tudo o que pedião;
 Que onde reina a malicia está o receio,
 Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpétua, e foi nascido
 De duas mãis; que ordia a falsidade,
 Por ver o navegante destruido;
 Estava em huma casa da cidade
 Com rosto humano, e hábito fingido,
 Mostrando-se Christão, e fabricava
 Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
 Do alto e Sancto Espirito a pintura:
 A candida pombinha debuxada
 Sobre a unica Phenix Virgem pura.¹
 A companhia sancta está pintada
 Dos doze, tão torvados na figura,
 Como os que, só das linguas que cahirão
 De fogo, várias linguas referirão.²

1 - Unica Phenix Virgem pura - isto é - a Virgem Maria
 2 - Isto é: os doze Apóstolos, sobre quem cahiram
 as linguas de fogo do Santo Espirito, q. os fi-
 zeram sabedores de todas as linguas.

XII.

Aqui os dous companheiros, conduzidos
 Onde com este engano Baccho estava,
 Põe em terra os gijolhos, e os sentidos
 Naquelle Deos que o mundo governava.
 Os cheiros excellentes produzidos
 Na Panchaia odorifera queimava
 O Thyoneo;² e assi por derradeiro
 O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui forão de noite agasalhados
 Com todo o bom e honesto tratamento
 Os dous Christãos, não vendo que enganados
 Os tinha o falso e sancto fingimento.
 Mas assi como os raios espalhados
 Do sol forão no mundo, e n'hum momento
 Appareceo no rubido horizonte
 Da moça de Titão³ a roxa fronte:

XIV.

Tornão da terra os Mouros co' o recado
 Do rei, para que entrassem, e comsigo
 Os dous que o Capitão tinha mandado,
 A quem se o rei mostrou sincero amigo:
 E, sendo o Portuguez certificado
 De não haver receio de perigo,
 E que gente de Christo em terra havia,
 Dentro no salso rio entrar queria.

² - Thyoneo ou Lyos - m.^o Baccho.
³ - Titão - o sol, a moça de Titão - cantam a Aurora

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra virão
 Sacras aras, e sacerdote santo;
 Que alli se agasalhárão e dormirão,
 Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
 E que no rei e gentes não sentirão
 Senão contentamento e gosio tanto,
 Que não podia certo haver suspeita
 Nhũa mostra tão clara e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros que subião;
 Que levemente hum ánimo se fia
 De mostras que tão certas parecião.
 A nao da gente perfida se enchia,
 Deixando a bordo os barcos que trazião:
 Alegres vinhão todos, porque crem,
 Que a prêsa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavão
 Armas e munições, que como vissem
 Que no rio os navios ancoravão,
 Nelles ousadamente se subissem.
 E com esta traição determinavão,
 Que os de Luso de todo destruissem;
 E que incautos pagassem, deste geito,
 O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As âncoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinão para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Vôa do ceo ao mar como hum setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das águas o podêr lhe obedecia;
E, propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Ja na água erguendo vão, com grande pressa,
Co'as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespas em fôrça suma:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas. 44

XXI.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dióne furiosa:
 Não sente quem a leva o doce pêso,
 De soberbo com carga tão formosa.
 Ja chegão perto donde o vento teso
 Enche as velas da frota bellicosa:
 Repartem-se e rodeião nesse instante
 As naos ligeiras, que hião por diante.

XXII.

Põe-se a deosa com outras em direito
 Da proa capitaina, e alli fechando
 O caminho da barra estão de geito
 Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
 Põe no madeiro duro o brando peito,
 Para detraz a forte nao forçando;
 Outras em derredor levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavão.

XXIII.

Quaes para a cova as próvidas formigas
 Levando o pêso grande accommodado,
 As fôrças exercitão, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado:
 Alli são seus trabalhos e fadigas,
 Alli mostrão vigor nunca esperado:
 Taes andavão as Nymphas estorvando
 Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Mareião velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo e a outro atravessando.
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha.
Não sabem a razão de furia tanta;
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidão que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavão
A seus batéis veloces que trazião:
Outros em cima o mar alevantavão,
Saltando na agua, a nado se acolhião.
D'hum bordo e d'outro subito saltavão;
Que o medo os compellia do que vião;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce e chara,
A âncora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem constraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
 Oh milagre clarissimo e evidente!
 Oh descoberto engano inopinado!
 Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
 Quem poderá do mal aparelhado
 Livrar-se sem perigo sabiamente,
 Se lá de cima a Guarda soberana
 Não acudir á fraca fôrça humana?

XXXI.

Bem nos mostra a Divina Providencia
 Destes portos a pouca segurança:
 Bem claro temos visto na apparencia,
 Que era enganada a nossa confiança,
 Mas pois saber humano, nem prudencia
 Enganos tão fingidos não alcança,
 Ó tu Guarda Divina, tem cuidado
 De quem sem ti não póde ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
 Desta misera gente peregrina,
 Que só por tua altissima bondade,
 Da gente a salvas, perfida e malina;
 N'algum porto seguro de verdade
 Conduzir-nos ja agora determina,
 Ou nos amostra a terra que buscamos;
 Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
De entre as Nymphas se vai, que sandosas
Ficárão desta subita partida.
Ja penetra as estrellas luminosas;
Ja na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

XXXIV.

E, como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o Ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos onde faz seu filho o ninho
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea ja se apresentára.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o matárão;
Que primeiro desejos o acabárão.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparzião
 Pelo collo, que a neve escurecia;
 Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
 Com quem amor brincava, e não se via:
 Da alva petrina flammæ lhe sahião,
 Onde o menino as almas accendia;
 Pelas lisas columnas lhe trepavão
 Desejos, que como hera se enrolavão.

XXXVII.

Chum delgado cendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo;
 Porém nem tudo esconde, nem descobre
 O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
 Mas para que o desejo accenda e dobre,
 Lhe põe diante aquelle objecto raro.
 Ja se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante
 Co'o riso huma tristeza misturada;
 Como dama, que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos maltratada,
 Que se aqueixa, e se ri n'hum mesmo instante,
 E se torna entre alegre magoada:
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affabil, e amoroso,
 Postoque a algum contrário lhe pezasse.
 Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Faça-se como Baccho determina;
 Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
 As lagrimas que em vão cahidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo!
 Por elle a ti rogando, choro e bramo,
 E contra minha dita em fim pejejo.
 Ora pois, porque o amo he maltratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui... E nisto de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co' o orvalho fica a fresca rosa:
 Callada hum pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa;
 Torna a segui-la; e indo por diante,
 Lha atalha o poderoso e grão Tonante:

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
 Que movêrão de hum tigre o peito duro,
 Co' o vulto alegre, qual do ceo subido,
 Torna sereno e claro o ar escuro,
 As lagrimas lhe alimpa, e accendido
 Na face a beija, e abraça o collo puro;
 De modo que dalli, se só se achára,
 Outro novo Cupido se gerára.

XLIII.

E co' o seu apertando o rosto amado,
 Que os soluços e lagrimas augmenta;
 Como menino da ama castigado,
 Que quem no affaga, o chôro lhe accrescenta;
 Por lhe pôr em socêgo o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta:
 Dos fados as entranhas revolvendo,
 Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
 Perigo algum nos vossos Lusitanos;
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometto, filha, que vejais
 Esquecerem-se Gregos e Romanos,
 Pelos illustres feitos, que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou-
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo;
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
 Os vossos, mores cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades e altos muros
 Por elles vereis, filha, edificados;
 Os Turcos bellacissimos e duros
 Delles sempre vereis desbaratados;
 Os Reis da India, livres e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados:
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremar delle Neptuno, de medroso,
 Sem vento suas águas encrespando.
 Oh caso nunca visto e milagroso,
 Que trema e ferva o mar, em calma estando!
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
 Que inda ha de ser hum porto mui decente,
 Em que vão descançar da longa via
 As naos que navegarem do Occidente.
 Toda esta costa em fim, que agora ordia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não podêr resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso
 Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
 Vereis de Ormuz o reino poderoso
 Duas vezes tomado e subjugado:
 Alli vereis o Mouro furioso
 De suas mesmas settas traspassado;
 Que quem vai contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
 Alli se mostrará seu preço e sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo;
 Invejoso vereis o grão Mavorte
 Do peito Lusitano fero e horrendo.
 Do Mouro alli verão que a voz extrema
 Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co' os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porã, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar -se
De Cananor, com pouca fôrça e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente,
Que cithara jamais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto
A victoria trazia e prêza rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica;

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E, sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até ao longinquo China navegando,
E ás ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrará o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacífico porto e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Ja pelo ar o Cyllenêo voava;
 Com as azas nos pés á terra dece;
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cansados adormece:
 Com esta as tristes almas revocava
 Dos infernos, e o vento lhe obedece:
 Na cabeça o galero costumado;
 E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro;
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado e charo.
 Desta arte vai fazendo a gente amiga
 Co' o rumor famosissimo e preclaro:
 Ja Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
 Aonde as naos estavam temerosas,
 Para que á gente mande, que se aparte
 Da barra imiga e terras suspeitosas.
 Porque mui pouco val esforço e arte
 Contra infernaes vontades enganosas:
 Pouco val coração, astucia, e siso,
 Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado;
 E as estrellas no ceo, co' a luz alheia,
 Tinhão o largo mundo allumiado;
 E só co' o somno a gente se recreia:
 O Capitão illustre, ja cansado
 De vigiar a noite que arreceia,
 Breve repouso então aos olhos dava;
 A outra gente a quartos vigiava:

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
 Da cilada que o Rei malvado tece,
 Por te trazer ao fim e extremo dano;
 Fuge, que o vento e o Ceo te favorece,
 Sereno o tempo tões e o Oceano,
 E outro Rei mais amigo n'outra parte,
 Onde podés seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tões aqui senão aparelhado
 O hospicio que o cru Diomedes dava,
 Fazendo ser manjar acostumado
 De cavallos a gente que hospedava:
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hóspedes tristes immolava,
 Terás certas aqui, se muito esperas;
 Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade.
Alli, tua frota alegre recebendo,
Hum rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sábia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo.
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as velas dêsse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
Levão gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda fôrça, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as âncoras levavão,
 Na sombra escura os Mouros escondidos
 Mansamente as amarras lhe cortavão,
 Por serem, dando á costa, destruidos:
 Mas com vista de linceos vigiavão
 Os Portuguezes, sempre apercebidos:
 Elles, como acordados os sentirão,
 Voando, e não remando, lhe fugirão.

LXVII.

Mas ja as agudas proas apartando
 Hião as vias humidas de argento:
 Assopra-lhe galerno o vento e brando,
 Com suave e seguro movimento.
 Nos perigos passados vão fallando;
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, donde em tanto apêrto
 A vida em salvo escapa por acêrto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o sol ardente,
 E n' outra começava, quando virão
 Ao longe dous navios, brandamente
 Co' os ventos navegando, que respirão:
 Porque havião de ser da Maura gente,
 Para elles arribando, as velas virão:
 Hum de temor do mal que arreceava,
 Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia, e se a tivera
Mais damno resistindo recebêra.

LXX.

E, como o Gama muito desejasse
Piloto para a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas não lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a Índia estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvão do rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito
O Cyllenêo em sonhos, e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O presuroso sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito
O sêllo poz a quanto tinha feito;

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde ja se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte;
A cor purpúrea ao longe apparecia;
São os atambores e pandeiros;
E assi entravão ledos e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a de outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a âncora pezada:
Mândão féra hum dos Mouros que tomárão,
Por quem sua vinda ao Rei manifestárão.

LXXV.

O rei, que ja sabia da nobreza
 Que tanto os Poutuguezes engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto préza,
 Quanto a gente fortissima o merece:
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece,
 Lhe manda rogar muito que sahisses,
 Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
 Que tanto mar e terras tem passadas.
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
 E gallinhas domésticas, cevadas,
 Com as fructas que então na terra havia;
 E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo e seu recado;
 E logo manda ao rei outro presente,
 Que de longe trazia apparelhado:
 Escarlata purpúrea, còr ardente;
 O ramoso coral, fino e prezado,
 Que debaixo das aguas molle crece,
 E, como he fóra dellas, se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na prática elegante,
 Que co' o rei nobre as pazes concertasse;
 E que de não sahir naquelle instante
 De suas naos em terra o desculpasse.
 Partido assi o embaixador prestante,
 Como na terra ao rei se apresentasse,
 Com estylo que Pallas lhe ensinava,
 Estas palayras taes fallando orava:

LXXIX.

Subline Rei, a quem do Olympo puro,
 Foi da summa justiça concedido
 Refrear o soberbo povo duro,
 Não menos delle amado que temido;
 Como porto mui forte, e mui seguro,
 De todo o Oriente conhecido,
 Te vimos a buscar, para que achemos
 Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
 Pelas fracas cidades descuidadas,
 A ferro e a fogo as gentes vão matando,
 Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
 Mas da soberba Europa navegando,
 Imos buscando as terras apartadas,
 Da India grande e rica, por mandado
 De hum Rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente,
 Que barbaro costume e usança feia,
 Que não vedem os portos tamsomente,
 Mas inda o hospicio da deserta areia?
 Que má tenção, que peito em nós se sente?
 Que de tão pouca gente se arreceia,
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
 A teu porto seguros navegâmos,
 Conduzidos do Intérprete divino:
 Que pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que es de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII.

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
 O nosso Capitão esclarecido
 A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse
 O régimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lhe manda que não saia,
 Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV.

É porque he de vassallos o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça,
 Não quererás, pois tées de Rei o officio,
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:
 Mas as merces, e o grande beneficio
 Que ora acha em ti, promette que conheça,
 Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
 Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,
 Huns com outros em prática fallando,
 Louvavão muito o estomago da gente,
 Que tantos ceos e mares vai passando.
 E o Rei illustre, o peito obediente
 Dos Portuguezes na alma imaginando,
 Tinha por valor grande e mui subido
 O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E, com risonha vista e ledo aspeito,
 Responde ao embaixador, que tanto estima:
 Toda a suspeita má tirai do peito;
 Nenhum frio temor em vós se imprima:
 Que vosso preço e obras são de geito,
 Para vos ter o mundo em muita estima;
 E quem vos fez molesto tratamento,
 Não póde ter subido pensamento,

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavão;
E assi ledos a noite festejavão.

XC.

Não faltão alli os raios de artificio,
 Os tremulos cometas imitando:
 Fazem os bombardeiros seu officio,
 O ceo, a terra, e as ondas atroando.
 Mostra-se dos Cyclopas o exercicio
 Nas bombas que de fogo estão queimando:
 Outros com vozes, com que o ceo ferião,
 Instrumentos altisonos tangião.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente
 Co'o raio volteando com zonido;
 Anda em gyros no ar a roda ardente;
 Estoura o pó sulphureo escondido.
 A grita se alevanta ao ceo, da gente;
 O mar se via em fogos accendido,
 E não menos a terra: e assi festeja
 Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII.

Mas ja o ceo inquieto revolvendo,
 As gentes incitava a seu trabalho;
 E ja a mãe de Memnon, a luz trazendo,
 Ao somno longo punha certo atalho:
 Hião-se as sombras lentas desfazendo
 Sobre as flores da terra em frio orvalho,
 Quando o Rei Melindano se embarcava
 A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Vião-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustrão os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça huma fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico e dino,
Da Tyria côr, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada;
C'hum resplendor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
 Em huma alta e dourada hástea enxerido,
 Hum ministro á solar quentura veda
 Que não offenda e queime o Rei subido.
 Musica traz na proa, estranha e leda,
 De aspero som, horrisono ao ouvido,
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concérto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano
 Nos seus batéis da frota se partia
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
 Mas Franceza era a roupa que vestia,
 De setim da Adriatica Veneza
 Carmesi, côr que a gente tanto préza.

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Onde o sol reluzindo a vista cega;
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal que Fortuna a tantos nega;
 E com pontas do mesmo delicadas
 Os golpes do gibão ajunta e achega;
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava
 Da tinta que dá o murice excellente
 A vária côr, que os olhos alegrava,
 E a maneira do traço differente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos, olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

c.

Sonorosas trombetas incitavão
 Os animos alegres resoando;
 Dos Mouros os batéis o mar coalhavão,
 Os toldos pelas aguas arrojando.
 As bombardas horrisonas bramavão,
 Com as nuvens de fumo o sol tomando:
 Amiudão-se os brados accendidos,
 Tapão co'as mãos os Mouros os ouvidos.

ci.

Ja no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava;
 Elle co'a cortezia que a razão
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 C'humas mostras de espanto e admiração
 O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse;
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que ja ouvio dizer que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa
Lhe diz dos grandes feitos que fizerão,
Quando nella ganhárão a coroa
Do reino, onde as Hesperidas vivêrão.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso merecêrão,
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria e adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo
 Nos recebes em paz, do mar profundo;
 Em ti dos ventos horridos de Eolo
 Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
 Em quanto apascentar o largo Polo
 As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria
 Vivirão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frota, que o Mouro ver deseja;
 Vão as naos huma e huma rodeando,
 Porque de todas tudo note e veja.
 Mas, para o ceo Vulcano fuzilando,
 A frota co'as bombardas o festeja;
 E as trombetas canoras lhe tangião:
 Co'os anafis os Mouros respondião.

CVII.

Mas depois de ser tudo ja notado
 Do generoso Mouro que pasmava
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava;
 Mandava estar quieto e ancorado
 N'agua o batel ligeiro que os levava,
 Por fallar de vagar co'o forte Gama
 Nas cousas de que tõe noticia e fama.

CVIII.

Em práticas o Mouro differentes
 Se delectava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas e excellentes,
 Co' o povo havidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia última, onde mora;
 Agora pelos povos seus vizinhos;
 Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
 Nos conta (lhe dizia) diligente,
 Da terra tua o clima, e região
 Do mundo onde morais, distinctamente;
 E assi de vossa antigua geração,
 E o principio do reino tão potente,
 Co' os successos das guerras do comêço;
 Que sem sabê-las, sei que são de preço.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado;
 Vendo os costumes barbaros, alheios,
 Que a nossa Africa ruda tõe criado.
 Conta; que agora vem co' os aureos freios
 Os cavallos, que o carro marchetado
 Do novo sol, da fria Aurora trazem:
 O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co' o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol, para julgares
Que os Melindanos tõe tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commettêrão soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro;
Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão he que queira eterna gloria
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banhar-me Apollo n'agua soberana;
Senão direi que tões algum receio
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III.

Promptos estavam todos escuitando
 O que o sublime Gama contaria,
 Quando, depois de hum pouco estar cuidando,
 Alevantando o rosto, assi dizia:
 Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
 De minha gente a grão genealogia;
 Não me mandas contar estranha historia,
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
 Cousa he que se costuma e se deseja;
 Mas louvar os meus proprios, arreceio
 Que louvor tão suspeito mal me esteja;
 E para dizer tudo, temo e creio
 Que qualquer longo tempo curto seja:
 Mas pois o mandas, tudo se te deve,
 Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
 He não poder mentir no que disser,
 Porque de feitos taes, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer.
 Mas porque nisto a ordem leve e siga
 Segundo o que desejas de saber,
 Primeiro tratarei da larga terra,
 Depois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona que o Cancro senhoreia,
 Meta Septentrional do sol luzente,
 E aquella, que por fria se arreceia
 Tanto, como a do meio por ardente,
 Jaz a soberba Europa; a quem rodeia,
 Pela parte do Arcturo e do Occidente,
 Com suas salsas ondas o Oceano,
 E pela Austral, o mar Mediterraneo.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Asia se avisinha: mas o rio
 Que dos montes Rhipheios vai correndo,
 Na alagoa Meotis, curvo e frio,
 As divide, e o mar, que fero e horrendo
 Vio dos Gregos e irado senhorio;
 Onde agora de Troia triumphante
 Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do pólo,
 Os montes Hyperboreos apparecem;
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
 Aqui tão pouca fôrça tem de Apollo
 Os raios que no mundo resplandecem,
 Que a neve está contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antiguamente grande guerra
 Tiverão sobre a humana antiguidade
 Co'os que tinham então a Egypcia terra.
 Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Ja que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo Damasceno o perguntára.

X.

Agora nestas partes se nomeia
 A Lappia fria, a inculta Noroega;
 Escandinavia ilha, que se arreja
 Das victorias que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não refreia
 O congelado inverno, se navega
 Hum braço do Sarmatico Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar e o Tanais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
 Sarmatas outro tempo; e na montanha
 Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
 Sujeitos ao imperio de Alemanha
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
 E outras várias nações, que o Rheno frio
 Lava e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro e o claro estreito
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações várias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em tórno o cêrca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas, depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esfôrço veio e bellica arte:
Pobre está ja da antigua potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano he regada,
E do Garunna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantão, que segundo
Antiguidades contão, quando ardêrão,
Rios de ouro, e de prata então corrêrão.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli da Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com fôrça ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe nodas,
Que lha não tire o esfôrço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tõe o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Ja forão contra a gente Mohometa;
Tõe o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada;
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.

Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio-a a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte:

XXIII.

Hum Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, fôrça e manha
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se,
Vinhão a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de várias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostrarão nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno e dons iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era lustre nem prezado.
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhana que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse:
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano,
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Ja tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudarão,
Para seus senhorios se tornárão:

XXVIII.

Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo a quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pae deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pae tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor (não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pae lhas dera.

XXX.

Mas o principe Affonso (que dest'arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome:
Revolvidas as cousas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo ja se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era maior.

XXXII.

Oh Progne crua! oh magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos paes, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea
São as causas deste êrro principais.
Scylla por huma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas ja o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãe levava;
Ja lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava.
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos paes se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhana, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhana ja aguardava
Que o Principe, a seu mando submettido,
Lhe dêsse a obediencia que esperava:
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A trôco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços e despídos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado e da conſorte;
 Se a peitos generosos e excellentes
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
 Nellas sós exprimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
 Que ja na vida a morte tõe bebido,
 Põe no cepo a garganta, e ja entregado
 Espera pelo golpe tão temido:
 Tal diante do Principe indignado
 Egas estava a tudo offerecido.
 Mas, o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim que a ira, a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
 De vassallo que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezára,
 Que vinte Babyloñas que tomára.

XLII.

Mas ja o Principe Affonso apparelhava
 O Lusitano exército ditoso
 Contra o Mouro, que as terras habitava
 D'além do claro Tejo deleitoso;
 Ja no campo de Ourique se assentava
 O arraial soberbo e bellicoso
 Defronte do inimigo Sarraceno;
 Postoque em fôrça e gente tão pequeno;

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos que o ceo regia;
 Que tão pouco era o povo baptizado,
 Que para hum só cem Mouros haveria.
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais temeridade que ousadia
 Commetter hum tamanho ajuntamento,
 Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama;
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
 Seguem guerreiras damas seus amigos,
 Imitando a formosa e forte dama,
 De quem tanto os Troianos se ajudarão,
 E as que o Thermodonte ja gostarão.

XLV.

A matutina luz serena e fria
As estrellas do Polo ja apartava,
Quando na cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis!

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavão
Por seu Rei natural este excellent
Principe, que do peito tanto amavão:
E diante do exército potente
Dos imigos gritando o ceo tocavão,
Dizendo em alta voz: Real! Real!
Por Affonso alto Rei de Portugal.

XLVII.

Qual, co' os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso
Contra o touro remette, que fiado
Na fôrça está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a fôrça horrenda se quebranta:

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido
 Por Deos e pelo povò juntamente,
 O barbaro commette apercebido,
 Co'o animoso exército rompente.
 Levantão nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocão á arma, ferve a gente;
 As lanças e arcos tomão, tubas soão,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que atcada
 Foi nos aridos campos, (assoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co'o vento, o sêcco mato vai queimando:
 A pastoral companha, que deitada
 Co'o doce somno estava, despertando
 Ao estridor do fogo, que se atcia,
 Recolhe o fato, e foge para o aldeia:

L.

Dest' arte o Mouro attonito e torvado
 Toma sem tento as armas mui depressa;
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
 Huns cahem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

Alli se vem encontros temerosos
 Para se desfazer huma alta serra,
 E os animaes correndo furiosos,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
 Golpes se dão medonhos e forçosos,
 Por toda a parte andava accessa a guerra:
 Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
 Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas sem dono e sem sentido;
 E d'outros as entranhas palpitando,
 Pallida a côr, o gesto amortecido.
 Ja perde o campo o exército nefando;
 Correm rios do sangue desparzido,
 Com que tambem do campo a côr se perde,
 Tornado carmesi de branco e verde.

LIII.

Ja fica vencedor o Lusitano,
 Recollendo os tropheos e prêza rica.
 Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
 Tres dias o grão Rei no campo fica.
 Aqui pinta no branco escudo ufano,
 Que agora esta victória certifica,
 Cinco escudos azues esclarecidos,
 Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em vária tinta
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco cinco pinta,
Porque assi fica o número cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado ja algum tempo que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiâdes escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á fôrça Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção sancta erão partidos.
Entrando a boca ja do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cêrco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a lua se escondêra
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendêra
Ao duro cêrco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos ja desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada, se rendeo
 Aquella, que nos tempos ja passados
 Á grande fôrça nunca obedeceo
 Dos frios povos Scythicos ousados,
 Cujos podêr a tanto se estendeo,
 Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados;
 E em fim co' o Betis tanto alguns puderão,
 Que á terra de Vandalia nome derão.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
 Haverá que resista, se Lisboa
 Não pôde resistir á fôrça dura
 Da gente, cuja fama tanto voa?
 Ja lhe obedece toda a Estremadura,
 Obidos, Alemquer, por onde soa
 O tom das frescas águas entre as pedras,
 Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
 Affamadas co' o dom da flava Ceres,
 Obedeceis ás fôrças mais que humanas,
 Entregando-lhe os muros e os podêres:
 E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
 Se sustentar a fertil terra queres;
 Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
 E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antiguamente,
 Onde ora as águas nitidas de argento
 Vem sustentar de longe a terra e a gente
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantão nobremente,
 Obedeceo por meio e ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Ja na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida
 Affonso, que não sabe socegar
 Por estender co' a fama a curta vida.
 Não se lhe pôde muito sustentar
 A cidade; mas sendo ja rendida,
 Em toda a cousa viva a gente irada
 Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas subjugada foi Palmella
 E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata hum exército potente:
 Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
 Que a soccorrê-la vinha diligente
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
 Com quatro mil cavallos furiosos,
 Innumeros peões d'armas e de ouro
 Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
 Mas qual no mez de Maio o bravo touro
 Co'os ciumes da vacca arreceosos,
 Sentindo gente o bruto e cego amante,
 Salteia o descuidado caminhante:

LXVII.

Dest'arte Affonso, subito mostrado,
 Na gente dá, que passa bem segura;
 Fere, mata, derriba denodado;
 Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
 D'hum panico terror todo assombrado,
 Só de segui-lo o exército procura;
 Sendo estes, que fizerão tanto abalo,
 Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
 O grão Rei incansabil, ajuntando
 Gentes de todo o Reino, cuja usança
 Era andar sempre terras conquistando.
 Cercar vai Badajoz, e logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço, e arte e valentia,
 Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo daquelle que o merece,
 E ou para que se emende ás vezes tarda,
 Ou por segredos que homem não conhece;
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos a que elle se offerece;
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe que estava presa.

LXX.

Que estando na cidade que cercára,
 Cercado nella foi dos Leonezes,
 Porque a conquista della lhe tomára,
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes;
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
 Á batalha, onde foi vencido e preso.

LXXI.

Ó famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina;
 Nem ver que a justa Némesis ordene
 Ter teu sogro de ti victoria indina.
 Postoque o frio Phasis, ou Syene
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a Linha ardente
 Temessem o teu nome geralmente:

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
 Heniochos, e Colchos, cuja fama
 O veo dourado estende; e os Cappadoces,
 E Judea que hum Deos adora e ama;
 E que os molles Sophenes, e os atroces
 Cilicios, com a Armenia, que derrama
 As agnas dos duos rios, cuja fonte
 Está n' outro mais alto e sancto monte;

LXXIII.

E posto em fim que desd' o mar de Atlante
 Até o Scythico Tauro, monte erguido,
 Ja vencedor te vissem; não te espante
 Se o campo Emathio só te vio vencido;
 Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
 Tudo render, e ser depois rendido.
 Assi o quiz o Conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do divino Juizo castigado,
 Depois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foi cercado;
 E depois que do martyre Vicente
 O sanctissimo corpo venerado
 Do Sacro promontorio conhecido
 Á cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que ás terras se passasse d'Alemtejo
 Com gente, e co' o belligero apparelho.
 Sancho, d'esfôrço e d'animo sobejo,
 Avante passa, e faz correr vermelho
 O rio que Sevilha vai regando,
 Co' o sangue Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
 Ja não descansa o moço até que veja
 Outro estrago, como este temeroso,
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assi estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

Ja se ajuntão do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder que teve o ceo:
 Ja vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tinge, que assento foi de Anteo.
 O morador de Abyla não se escusa;
 Que tambem com suas armas se moveo
 Ao som da Mauritana e ronca tuba
 Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita ja trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esfôrço e acôrdo generoso,
Tudo provê com ânimo e prudencia;
Que em toda a parte ha esfôrço e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos ao socêgo,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co' a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada
 Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallo, jaezes, prêza rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida:
 O Mir-almuminin só não fugio,
 Porque antes de fugir, lhe foga a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio
 Dão louvores e graças sem medida:
 Que em casos tão estranhos claramente
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Affonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido.
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido;
 E pagarão seus annos deste geito
 Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o chorarão,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargarão
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão!

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficára
Imitando seu pae na valentia,
E que em sua vida ja se experimentára,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratára
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercarão
Os golpes de seu braço em si provárão:

LXXXVI.

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tõe cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea ja perdida.

LXXXVII.

Passavão a ajudar na sancta empresa
 O roxo Federico, que moveo
 O poderoso exército em defesa
 Da cidade onde Christo padeceo;
 Quando Guido co'a gente em sêde accesa
 Ao grande Saladino se rendeo
 No lugar onde aos Mouros sobejavão
 As aguas, que os de Guido desejavão.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Ja que em serviço vai do sancto marte.
 Assi como a seu pae acontecêra
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte
 Do Germano ajudado, Sylves toma,
 E o bravo morador destruc e doma.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mavorte;
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu, de todos estimado,
 Que foi segundo Affonso e Rei terceiro.
 No tempo deste aos Mouros foi tomado
 Alcacere do Sal, por derradeiro;
 Porque d'antes os Mouros o tomárão,
 Mas agora estruidos o pagárão.

XCI.

Morto depois Affonso, lhe succede
 Sancho segundo, manso e descuidado,
 Que tanto em seus descuidos se desmede,
 Que de outrem quem mandava era mandado.
 De governar o reino, que outro pede,
 Por causa dos privados foi privado;
 Porque, como por elles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por mulher, e depois horrendo incesto
 Com a mãe Agrippina commettia;
 Nem tão cruel ás gentes e molesto,
 Que a cidade queimasse onde vivia;
 Nem tão mao como foi Heliogabalo,
 Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Genero de tormentos inhumanos.
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido ja de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com fôrça e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis depois vem Diniz, que bem parece
 Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
 Com quem a fama grande se escurece
 Da liberalidade Alexandrina.
 Com este o Reino próspero florece
 (Alcançada ja a paz aurea divina)
 Em constituições, leis, e costumes,
 Na terra ja tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
 O valeroso officio de Minerva;
 E de Helicon as Musas fez passar-se
 A pizar do Mondego a fertil herva.
 Quanto póde de Athenas desejar-se,
 Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
 Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
 Fortalezas, castellos mui seguros;
 E quasi o Reino todo reformou
 Com edificios grandes, e altos muros.
 Mas, depois que a dura Atropos cortou
 O fio de seus dias ja maduros,
 Ficou-lhe o filho pouco obediente
 Quarto Affonso, mas forte e excellente.

xcix.

Este sempre as soberbas Castelhanas
 Co' o peito desprezou firme e sereno;
 Porque não he das fôrças Lusitanas
 Temer podêr maior, por mais pequeno.
 Mas porém, quando as gentes Mauritanas
 A possuir o Hesperico terreno
 Entrárão pelas terras de Castella,
 Foi o soberbo Affonso a soccorrê-la.

c.

Nunca com Semiranis gente tanta
 Veio os campos Hydaspicos enchendo;
 Nem Attila, que Italia toda espanta,
 Chamando-se de Deos açoute horrendo,
 Gotthica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co' o podêr excessivo de Granada,
 Foi nos campos Tartessios ajuntada.

ci.

E vendo o Rei sublime Castelhana
 A fôrça inexpugnabil, grande e forte,
 Temendo mais o fim do povo Hispano,
 Ja perdido huma vez, que a propria morte:
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandava a charissima consorte,
 Mulher de quem a manda, e filha amada
 Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
 Pelos paternaes paços sublimados;
 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados:
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos eburneos hombros espalhados:
 Diante do pae ledó, que a agasalha,
 Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
 De Africa toda, gente fera e estranha,
 O grão Rei de Marrocos conduzio,
 Para vir possuir a nobre Hespanha.
 Podêr tamanho junto não se vio,
 Depois que o salso mar a terra banha:
 Trazem ferocidade e furor tanto,
 Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me dêste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co' o pequeno podêr, offerecido
 Ao duro golpe está da Maura espada;
 E, se não for contigo soccorrido,
 Ver-me-has delle, e do reino ser privada;
 Viuva, e triste, e posta em vida escura,
 Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
 O corrente Muluca se congela;
 Rompe toda a tardança; acude cedo
 Á miseranda gente de Castella.
 Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
 De pae o verdadeiro amor assella,
 Acude, e corre pae; que se não corres,
 Póde ser que não achês quem soccorres.

CVI.

Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pae favor pedia
 Para Eneas seu filho navegando;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que, cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas ja co' os esquadrões da gente armada
 Os Eborenses campos vão coalhados;
 Lustra co' o sol o arnez, a lança, a espada;
 Vão rinchando os cavallo jaezados.
 A canora trombeta embandeirada
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
 Das insignias Reaes acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos leva o collo alevantado;
 E somente co'o gesto esforça e anima
 A qualquer coração amedrontado.
 Assi entra nas terras de Castella
 Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Affonsos finalmente
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Para quem são pequenos campo e monte.
 Não ha peito tão alto e tão potente,
 Que de desconfiança não se affronte,
 Em quanto não conheça e claro veja
 Que co'o braço dos seus Christo pejeja.

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
 Do podêr dos Christãos fraco e pequeno;
 As terras como suas repartindo
 Antemão entre o exército Agareno;
 Que com titulo falso possuindo
 Estão o famoso nome Sarraceno;
 Assi tambem com falsa conta e nua
 Á nobre terra alheia chamão sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
 Do Rei Saul com causa tão temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante
 Só de pedras e esforço apercebido;
 Com palavras soberbas o arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido,
 Que rodeando a funda, o desengana
 Quanto mais póde a fé, que a fôrça humana:

CXII.

Dest'arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos Christãos; e não entende
 Que está ajudado da alta fortaleza
 A quem o inferno horrifico se rende.
 Com ella o Castelhana e com destreza
 De Marrocos o Rei commette e offende;
 O Portuguez, que tudo estima em nada,
 Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças e espadas retinião
 Por cima dos arnezes, (bravo estrago!)
 Chamão, segundo as leis que alli seguião,
 Huns Mafamede, e os outros Sant-Iago.
 Os feridos com grita o ceo ferião,
 Fazendo de seu sangue bruto lago,
 Onde outros meios mortos se affogavão,
 Quando do ferro as vidas escapavão.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV.

Ja se hia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente o Vespero trazendo
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario
Dos que morrerão neste vencimento,
Quando as águas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano podêr de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
 Mandar ao reino escuro do Cocyto,
 Quando a sancta Cidade desfizeste
 Do povo pertinaz no antigo rito;
 Permissão e vingança foi celeste,
 E não fôrça de braço, ó nobre Tito,
 Que assi dos Vates foi prophetizado,
 E depois por JESU certificado.

CXVIII.

Passada esta tão próspera victoria,
 Tornado Affonso á Lusitana terra
 A se lograr da paz com tanta gloria,
 Quanta soube ganhar na dura guerra;
 O caso triste e digno de memoria,
 Que do sepulcro os homens desenterra,
 Aconteceo da misera e mesquinha
 Que depois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com fôrça crua
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Déste causa á molesta morte sua,
 Como se fôra perfida inimiga.
 Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
 He porque queres aspero e tyranno
 Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 Naquelle engão da alma, ledó e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuito,
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondião
 As lembranças que na alma lhe moravão;
 Que sempre ante seus olhos te trazião,
 Quando dos teus formosos se apartavão;
 De noite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos que voavão;
 E quanto em fim cuidava, e quanto via,
 Erão tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
 Os desejados thalamos engeita;
 Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
 Quando hum gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pae sisudo, que respeita
 O murmurar do povo, e a phantasia
 Do filho, que casar-se não queria;

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso;
 Credo co' o sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande pêso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Trazião-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, ja movido a piedade;
 Mas o povo com falsas e ferozes
 Razões á morte crua o persuade.
 Ella com tristes e piedosas vozes,
 Sahidas só da mágoa, e saudade
 Do seu Principe e filhos, que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos;
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Hum dos duros ministros rigorosos;
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
 Cuja orphandade como mãe temia,
 Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aérias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nino ja mostrarão,
E co' os irmãos que Roma edificarão;

CXXVII.

Ó tu, que tões de humano o gesto e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem fôrça, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tões á morte escura della:
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez êrro.
Mas, se to assi merecc esta innocencia,
Põe-me em perpétuo e misero destêrro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Alli co' o amor intrinseco e vontade
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras que o magoão;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 Que desta sorte o quiz, lhe não perdoão.
 Arrancão das espadas de aço fino
 Os que per bom tal feito alli pregoão.
 Contra humda dama, ó peitos carnicceiros,
 Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavão, fervidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó sol, da vista destes
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da seva mesa de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreo comia!
 Vós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouvir da boca fria,
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
 Tal está morta a pallida donzella,
 Sêccas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva côr, co' a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondêgo a morte escura
 Longo tempo chorando memorârão;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformârão.
 O nomê lhe puzerão, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passârão.
 Vêde que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas;
 Que, em tomando do Reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas.
 De outro Pedro cruissimo os alcança;
 Que ambos inimigos das humanas vidas,
 O concêrto fizerão duro e injusto,
 Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes, e adulterios:
 Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,
 Erão os seus mais certos refrigerios.
 As cidades guardando justicioso
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando á morte deo,
 Que o yagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
 (Vêde da natureza o desconcerto!)
 Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino poz em muito apêrto:
 Que vindo o Castellano devastando
 As terras sem defesa, esteve perto
 De destruir-se o Reino totalmente;
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado
 N' hum falso parecer mal entendido,
 Ou foi que o coração sujeito e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez e fraco; e bem parece,
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiverão sempre a pena
 Muitos, que Deos o quiz e permittio;
 Os que forão roubar a bella Helena;
 E com Apio tambem Tarquino o vio.
 Pois por quem David sancto se condena?
 Ou quem a Tribu illustre destruiu
 De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado.
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com er tanto a Cleopatra affeiçoado.
 Tu tambem, Pæno próspero, o sentiste,
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem póde livrar-se por ventura
 Dos laços que Amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, e o alabastro transparente?
 Quem de huma peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem preso,
 Em pedra não; mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando.
 Huma suave, e Angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transformando.
 Que tivesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando
 Para quem tem de amor experiéncia:
 Mas antes, tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

I.

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteeço,
Depois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejarão
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitarão
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcançarão,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina
 Por signaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma menina,
 Ante tempo fallando, o nomeou,
 E, como cousa em fim que o Ceo destina,
 No berço o corpo e a voz alevantou:
 Portugal! Portugal! alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes
 Co' o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas e evidentes
 Faz do povo o furor, por onde vinha:
 Matando vão amigos e parentes
 Do adultero Conde, e da Rainha,
 Com que sua incontinencia deshonesta
 Mais, depois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonnado,
 Diante della a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado;
 Que tudo o fogo erguido queima e corre:
 Quem, como Astyanax, precipitado
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
 A quem ordens, nem aras, nem respeito;
 Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
 As cruezas mortaes, que Roma vio,
 Feitas do feroz Mario, e do cruento
 Sylla, quando o contrário lhe fugio.
 Por isso Leonor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio,
 Faz contra Lusitania vir Castella,
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
 Co' o Castelhana está, que o Reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castella alevantada,
 Dizendo que esta filha ao pae succede,
 Suas fôrças ajunta para as guerras,
 De várias regiões e várias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
 (Se foi) ja teve o nome derivado;
 Das terras que Fernando, e que Rodrigo
 Ganhárão do tyranno e Mauro estado.
 Não estimão das armas o perigo
 Os que cortando vão co' o duro arado
 Os campos Leonezes, cuja gente
 Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntavão
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquivir as aguas lavão.
 A nobre ilha tambem se apercebia,
 Que antiguamente os Tyrios habitavão,
 Trazendo por insignias verdadeiras
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
 Cidade nobre e antigua, a quem cercando
 O Tejo em tôrno vai suave e ledô,
 Que das serras de Conca vem manando.
 A vós outros tambem não tolhe o medo,
 Ó sordidos Gallegos, duro bando,
 Que para resistirdes, vos armastes,
 Áquelles cujos golpes ja provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injúrias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipuscua, e das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou d'elle os soberhos moradores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
 Como a Samsão Hebreio da guedella,
 Postoque tudo pouco lhe parece,
 Co'os poucos de seu reino se aparelha.
 E, não porque conselho lhe fallece,
 Co'os principaes senhores se aconselha,
 Mas só por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
 Da opinião de todos na vontade,
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada e má deslealdade.
 Podendo o temor mais, gelado, inerte,
 Que a propria e natural fidelidade,
 Negão o Rei e a patria, e se convem,
 Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este êrro se sentisse
 No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
 Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
 Reprovando as vontades inconstantes,
 Áquellas duvidosas gentes disse
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada, irado e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como? da gente illustre Portugueza
 Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
 Como? desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza?
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes,
 Vencêrão esta gente tão guerreira,
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
 Puzerão em fugida, de maneira
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão
 Presos, a fóra a prêza que tiverão?

XVII.

Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz e seu filho sublimados,
 Senão co'os vossos fortes paes e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas fôrças o Rei novo;
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes.
 E se com isto em fim vos não moverdes
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atai as mãos a vosso vão receio,
 Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
 (E dizendo isto arranca meia espada)
 Defenderei da fôrça dura e infesta
 A terra nunca de outrem sobjugada.
 Em virtude do Rei, da Patria mesta,
 Da lealdade, ja por vós negada,
 Vencerei não só estes adversarios,
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
 Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
 Ja para se entregar, quasi movidos,
 Á fortuna das fôrças Africanas,
 Cornelio moço os faz, que compellidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas não deixarão, em quanto a vida
 Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI.

Dest' arte a gente fôrça e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as últimas razões
 Removem o temor frio, importuno,
 Que gelados lhe tinha os corações.
 Nos animaes cavalgão de Neptuno,
 Brandindo e volteando arremessões;
 Vão correndo e gritando á boca aberta:
 Viva o famoso Rei que nos liberta.

XXII.

Das gentes populares, huns approvão
 A guerra com que a patria se sostinha;
 Huns as armas alimpão e renovão,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
 Capacetes estofão, peitos provão;
 Arma-se cada hum como convinha;
 Outros fazem vestidos de mil côres,
 Com letras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia,
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes:
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as águas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia
 Quem para reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como ja o fero Hunno o foi primeiro
 Para Francezes, para Italianos.
 Outro tambem famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tée dos Lusitanos,
 Apto para mandá-los e regê-los,
 Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
 Antão Vasques de Almada he capitão,
 Que depois foi de Abranches nobre Conde:
 Das gentes vai regendo a sestra mão.
 Logo na retaguarda não se esconde
 Das quinas e castellos o pendão,
 Com Joanne Rei forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavão pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mães, irmãas, damas, e esposas,
 Promettendo jejuns e romarias.
 Ja chegão as esquadras bellicosas
 Defronte das inimigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem;
 E todas grande dūvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteão as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no sêcco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,
Entra em Astrea o sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castellhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terribil escuitarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
He menor muitas vezes que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejão, sendo alheia.

XXXI.

Ja pelo espêssô ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voão;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soão;
Espedação-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroão;
Recrescem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão,
(Caso feio e cruel!) mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Patria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias com profano
 Coração vos fizestes inimigos;
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
 Tantos dos inimigos a elles vão!
 Está alli Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita 'stá o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros
 Que os campos vão correr de Tetuão:
 Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
 Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com tôrva vista os vê, mas a natura
 Ferina, e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio. Alli perecem
 Alguns dos seus, que o ânimo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lhos furtára:

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atoa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vêdes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com fôrça tira; e deste unico tiro
Muitos lançarão o último suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
 D'huma nobre vergonha e honroso fogo,
 Sobre qual mais com ânimo valente
 Perigos vencerá do marció jôgo,
 Porfião: tinge o ferro o sangue ardente;
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
 Assi recebem junto e dão feridas,
 Como a quem já não doe perder as vidas.

XI.

A muitos mândão ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
 O Mestre morre alli de Sant-Iago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava:
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres ao profundo;
 Onde o trifauce cão perpétua fome
 Têe das almas que passão deste mundo:
 E, porque mais aqui se amanse e dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foi derribada aos pés da Lausitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encrucece
 Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
 A multidão da gente que perece,
 Têe as flores da propria côr mudadas.
 Ja as costas dão e as vidas; ja fallece
 O furor, e sobejão as lançadas;
 Ja de Castella o Rei desbaratado
 Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
 Contente de lhe não deixar a vida:
 Seguem-no os que ficarão; e o temor
 Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da mágoa, da deshonra e triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despôjo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo e blasphemando
 Do primeiro que guerra fez no mundo;
 Outros a sêde dura vão culpando
 Do peito cobiçoso e sitibundo,
 Que, por tomar o alheio, o miserando
 Povo aventura ás penas do profundo;
 Deixando tantas mães, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos, destitostas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande glória:
 Com offertas depois, e romarias,
 As graças deo a quem lhe deo victória.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento;
 Porque a terra dos Vandalos fronteira
 Lhe concede o despôjo, e o vencimento.
 Ja de Sevilha a Betica bandeira,
 E de varios senhores n'hum momento
 Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
 Obrigados da fôrça Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
 Erão os Castelhanos opprimidos;
 Quando a paz, desejada ja da gente,
 Derão os vencedores aos vencidos;
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os Reis inimigos por maridos
 Às duas illustrissimas Inglezas,
 Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não sofre o peito forte, usado á guerra,
 Não ter imigo já a quem faça dano;
 E assi, não tendo a quem vencer na terra,
 Vai commetter as ondas do Oceano.
 Este he o primeiro Rei que se desterra
 Da patria, por fazer que o Africano
 Conheça pelas armas quanto excede
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Tethys inquieta
 Abrindo as pandas azas vão ao vento
 Para onde Alcides poz a extrema meta.
 O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra; e segura toda Hespanha
 Da Juliana, má, e desleal manha.

I.

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do ceo supremo quiz que povoasse.
 Mas para defensão dos Lusitanos
 Deixou quem o levou quem governasse
 E augmentasse a terra mais que d'antes.
 Inclÿta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gôsto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em Fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reinò, e neste Rei
Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s' entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida;
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida.
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
(Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Podêr ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pôde collhêr as maçãs de ouro,
Que somente o Tyrinthio collhêr pôde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na frente a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas em fun, por fôrça entradas.
Os muros abaixarão de diamante
Ás Portuguezas fôrças, costumadas
A derribarem quanto achão diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizerão cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém depois, tocado de ambição,
 E glória de mandar, amara e bella,
 Vai commetter Fernando de Aragão,
 Sobre o potente reino de Castella.
 Ajunta-se a inimiga multidão
 Das soberbas e várias gentes della,
 Desde Cadix ao alto Pyreneo,
 Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
 O mancebo Joanne; e logo ordena
 De ir ajudar o pae ambicioso,
 Que então lhe foi ajuda não pequena.
 Sahio-se em fim do trance perigoso
 Com fronte não torçada, mas serena,
 Desbaratado o pae sanguinolento:
 Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro.
 Desta arte foi vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor, seu companheiro,
 Quando daquelles que Cesar matarão,
 Nos Philippicos campos se vingarão.

LX.

Porém depois que a escura noite eterna
 Affonso aposentou no Ceo sereno,
 O Principe, que o reino então governa,
 Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
 Este por haver fama sempiterna,
 Mais do que tentar pôde homem terreno,
 Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passarão
 Hespanha, França, Italia celebrada;
 E lá no illustre porto se embarcarão,
 Onde ja foi Parthenope enterrada:
 Napoles, onde os fados se mostrarão,
 Fazendo-a a várias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos
 Co' o senhorio de inelytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegão;
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
 E dalli ás ribeiras altas chegão,
 Que com morte de Magno são famosas.
 Vão a Memphis, e ás terras que se régão
 Das enchentes Niloticas undosas;
 Sobem á Ethiopia, sobre Egyto,
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passão também as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem não passou;
Ficão-lhe atrás as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura
(Que causa inda será de larga historia),
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV.

Virão gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morrêrão em fim e lá ficárão;
Que á desejada patria não tornarão.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
 A Manoel e seus merecimentos
 Esta empresa tão ardua, que o moveo
 A subidos e illustres movimentos.
 Manoel, que a Joanne succedeo
 No reino, e nos altivos pensamentos,
 Logo como tomou do reino cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficára
 De seus antepassados, (cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra chára)
 Não deixasse de ser hum só momento
 Conquistado no tempo que a luz clara
 Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
 A repouso convidão quando cahem;

LXVIII.

Estando ja deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas são;
 Revolvendo contino no conceito
 De seu officio e sangue a obrigação,
 Os olhos lhe occupou o somno acceito,
 Sem lhe desoccupar o coração;
 Porque, tanto que lasso se adormece,
 Morpheo em várias fórmás lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto, que tocava a prima esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha e fera:
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendêra,
 Vio de antiquos, longinquos e altos montes
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias
 Pelo monte selvatico habitavão:
 Mil arvores sylvestres, e hervas várias,
 O passo e o trato ás gentes atalhavão.
 Estas duras montanhas, adversarias
 De mais conversação, por si mostravão
 Que, desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as rompêrão nunca pés humanos.

LXXI.

Das águas se lhe antolha que sahião,
 Para elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos parecião,
 De aspeito, inda que agreste, venerando.
 Das pontas dos cabellos lhe cahião
 Gottas, que o corpo todo vão banhando;
 A côr da pelle, baça e denegrada;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos e hervas tinha;
 Hum delles a presença traz cansada,
 Como quem de mais longe alli caminha.
 E assi a água, com impeto alterada,
 Parecia que d'outra parte vinha;
 Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
 Dest'arte para o Rei de longe brada:
 O tu, a cujos reinos e coroa
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nós outros, cuja fama tanto voa,
 Cuja cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisâmos que he tempo que ja mandes
 A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro,
 Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tõe primeiro.
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra,
 Mas insisti-lo tu, por derradeiro
 Com não vistas victórias, sem receio,
 A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre e santo,
 Mas ambos desaparecem n'hum momento.
 Acorda Emanuel c'hum novo espanto,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeo nisto Phebo o claro manto
 Pelo escuro Hemispherio somnolento;
 Veio a manhã no ceo pintando as côres
 Da pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
 E propõe-lhe as figuras da visão;
 As palavras lhe diz do sancto velho,
 Que a todos forão grande admiração.
 Determinão o nautico apparelho,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente que mandar cortando os mares
 A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
 Se puzesse o que o peito me pedia,
 Que sempre grandes cousas deste geito
 Presago o coração me promettia;
 Não sei por que razão, por que respeito,
 Ou por que bom signal que em mim me via,
 Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
 Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII.

E com rôgo e palavras amorosas,
 Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
 Me disse: As cousas arduas e lustrosas
 Se alcanção com trabalho e com fadiga.
 Faz as pessoas altas e famosas
 A vida que se perde, e que periga;
 Que quando ao medo infame não se rende,
 Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para huma empresa, qual a vós se deve;
 Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
 O que eu sei, que por mi vos sera leve.
 Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido,
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
 He tão pouco por vós, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginal tamanhas aventuras,
 Quaes Eurystheo a Alcides inventava;
 O leão Cleoneo, Harpyas duras,
 O porco de Erymantho, a Hydra brava:
 Descer em fim ás sombras vâas e escuras,
 Onde os campos de Dite a Estyge lava;
 Porque a maior perigo, a mor affronta,
 Por vós, ó Rei, o espirito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d' amor e d' amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia, e de conselho,
D' experiencia em armas, e furor.
Ja de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valôr:
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palayras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi forão os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulysea,
 C'hum alvorôço nobre, e c'hum desejo,
 (Onde o licor mistura e branca area
 Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
 As naos prestes estão: e não refrea
 Temor nenhum o juvenil despejo,
 Porque a gente maritima, e a de Marte,
 Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
 De várias côres vem, e várias artes;
 E não menos de esforço apparelhados
 Para buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes naos os ventos socegados
 Ondeão os aerios estandartes:
 Ellas promettem, vendo os mares largos,
 De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte
 De quanto tal viagem pede e manda,
 Apparellhâmos a alma para a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
 Para o summo Poder, que a etherea côrte
 Sustenta só co' a vista veneranda,
 Implorâmos favor que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tõe da terra, para exemplo,
 Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado
 Cheio dentro de dúvida e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,
 Huns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver somente, concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós co' a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os batéis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho e duvidoso
 Por perdidos as gentes nos julgavão;
 As mulheres c'hum choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavão:
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavão
 A desesperação e frio medo
 De ja nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio e doce amparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará penoso e amaro,
 Porque me deixas misera e mesquinha?
 Porque de mi te vás, ó filho charo,
 A fazer o funereo enterramento
 Onde sejas de peixes mantimento?

XCI.

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
 Sem quem não quiz amor que viver possa,
 Porque is aventurar ao mar iroso
 Essa vida, que he minha, e não he vossa?
 Como por hum caminho duvidoso
 Vos esquece a affeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento
 Quereis que com as velas leve o vento?

XCII.

Nestas e outras palavras que dizião
 De amor, e de piedosa humanidade,
 Os velhos, e os meninos os seguião,
 Em quem menos esforço põe a idade.
 Os montes de mais perto respondião,
 Quasi movidos de alta piedade:
 A branca arcia as lagrimas banhavão,
 Que em multidão com ellas se igualavão.

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos ou mudarmos
 Do proposito firme começado.
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado;
 Que, postoque he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

XCIV.

Mas hum velho d' aspeito venerando,
 Que ficava nas praias entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente;
 A voz pezada hum pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C'hum saber só d' experiencias feito,
 Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh glória de mandar! Oh vãa cobiça
 Desta vaidade, a quem chamámos fama!
 Oh fraudulento gôsto, que se atixa
 C'hum a aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietação d' alma, e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios!
Chamão-te illustre, chamão-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamão-te fama, e glória soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana.

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d' algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D' ouro, que lhe faras tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que histórias?
Que triumphos? que palmas? que victórias?

XCVIII.

Mas ó tu, geração daquelle insano,
Cujos peccado e desobediencia
Não somente do reino soberano
Te poz neste destêrro e triste ausencia,
Mas inda d' outro estado mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia
Da idade d' ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d' armas te deitou;

XCIX.

Ja que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia;
 Ja que á bruta crueza e feridade
 Puzeste nome, esforço e valentia;
 Ja que prézas em tanta quantidade
 O desprêzo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que ja
 Temeo tanto perdê-la quem a dá;

C.

Não tées junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre teras guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas?
 Não tõe cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado,
 Se queres por victórias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
 Buscas o incerto e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 Chamando-te senhor, com larga cópia,
 Da India, Persia, Arabia, e de Ethiopia?

CII.

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em sêcco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome e a glória.

CIII.

Trouxe o filho de Jâpeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras, grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

CIV.

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector co'o filho, dando
Hum nome ao mar e o outro fama ao rio.
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! estranha condição!

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E como he ja no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento,
E o mundo, que co'o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfêrmo e lento.
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Ja a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavão:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra; e nella os olhos se alongavão.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavão;
E ja depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio,
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajão quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecerá
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastão;
Gente que as frescas águas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fructo enfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passámos o limite aonde chega
O sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiverão por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andarão vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

Àquella ilha aportámos, que tomou
 O nome do guerreiro Sant-Iago;
 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
 Tornámos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano; e assi deixámos
 A terra, onde o refrêscó doce achámos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficava ao Oriente;
 A provincia Jalofó, que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga, por cuja arte
 Logrâmos o metal rico e luzente,
 Que do curvo Gambea as águas bebe,
 As quaes o largo Atlantico recebe;

XI.

As Dorecadas passámos, povoadas
 Das irmãs, que outro tempo alli vivião,
 Que de vista total sendo privadas,
 Todas tres d'hum só ôlho se servião.
 Tu só, tu cujas tranças encrespadas
 Neptuno lá nas águas accendião,
 Tornada ja de todas a mais feia,
 De viboras encheste a ardente areia.

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
 No grandissimo gôlfão nos mettemos,
 Deixando a serra asperrima Leoa,
 Co' o cabo, a quem das Palmas nome demos.
 O grande rio, onde batendo soa
 O mar nas praias notas, que alli temos,
 Ficou, co' a ilha illustre que tomou
 O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
 Por nós ja convertido á fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro e longo,
 Rio pelos antigos nunca visto.
 Por este largo mar em fim me alongo
 Do conhecido pólo de Callisto,
 Tendo o término ardente ja passado,
 Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Ja descoberto tinhamos diante
 Lá no novo hemispherio nova estrella,
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta della.
 Vimos a parte menos rutilante,
 E, por falta d'estrellas menos bella,
 Do pólo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
 Por onde duas vezes passa Apollo,
 Dous invernos fazendo, e dous verões,
 Em quanto corre d'hum ao outro pólo,
 Por calmas, por tormentas e oppressões,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
 Banharem-se nas águas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homens não entendem,
 Subitas trovoadas, temerosas,
 Relampagos, que o ar em fogo accendem;
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro,
 Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
 Que tõe por mestra a longa experiencia,
 Contão por certos sempre e verdadeiros,
 Julgando as cousas só pela apparencia;
 E que os que tõe juizos mais inteiros,
 Que só por puro engenho, e por sciencia,
 Vem do mundo os segredos escondidos,
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi, claramente visto, o lume vivo
 Que a marítima gente tõe por santo,
 Em tempo de tormenta e vento esquivo,
 De tempestade escura e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas águas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar hum vaporzinho e subtil fumo,
 E, do vento trazido, rodear-se:
 D'aqui levado hum cano ao pólo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia:
 Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que hum largo mastro se engrossava:
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de água em si chupava.
 Estava-se co' as ondas ondeando;
 Em cima delle hũa nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada
 Co' o cargo grande d'água em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beijos da alimaria, que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria;
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tõe no mar a si recolhe;
E pelo ceo chovendo enfim voou,
Porque co'a água a jacente água molhe.
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejão agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

XXIII.

Se os antigos philosophos, que andárão
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passarão,
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escripturas, que deixarão!
Que influença de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas ja o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergámos;
As âncoras pezadas se adereção,
As velas, ja chegados, amainâmos;
E para que mais certas se conheção
As partes tão remotas onde estamos
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio;

XXVI.

Desembarcâmos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espallhou,
De ver cousas estranhas deseja
Da terra, que outro povo não pizou.
Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo ja passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomárão por fôrça, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se víra nunca em tal extremo:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, còr contente.
Vi logo por signaes e por acênos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
 Todos nus, e da côr da escura treva,
 Descendo pelos asperos outeiros,
 As peças vem buscar que est' outro leva:
 Domesticos ja tanto e companheiros
 Se nos mostram, que fazem que se atreva
 Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
 E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
 E de arrogante crê que vai seguro;
 Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
 Em que algum bom signal saber procuro,
 Estando, a vista alçada, co' o cuidado
 No aventureiro, eis pelo monte duro
 Apparece, e segundo ao mar caminha,
 Mais apressado do que fôra, vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
 Polo tomar; mas antes que chegasse,
 Hum Ethiope ousado se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse:
 Outro e outro lhe sahem; ve-se em pressa
 Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse;
 Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
 Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não forão ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida.
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a eôr vermelha levão desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles câes, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que tanto que passarão
Aquelle monte os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixarão,
Querendo, se não torna, alli matá-lo:
E tornando-se, logo se emboscárão,
Porque sahindo nós para tomá-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém ja cinco soes erão passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando huma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sòbre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

XXXIX.

Não acabava, quando huma figura
 Se nos mostra no ar robusta e válida;
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida;
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida;
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que hum dos sete milagres foi do mundo.
 Hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Pareceo sahir do mar profundo:
 Não-se as carnes e o cabelo
 e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
 No mundo commettêrão grandes cousas;
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas;
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha ja que guardo e tenho,
 Nunca arados d'estranho ou proprio lenho;

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento;
 Ouve os damnos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento
 Por todo o largo mar, e pela terra
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe que quantas naos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos e tormentas desmedidas.
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insofridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mor o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui 'spero tomar, se não me engano,
 De quem me descobrio summa vingança;
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naos vereis cada anno
 (Se he verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os ceos,
 Serei eterna e nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deos.
 Aqui porá da Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos tropheos:
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quíloa, com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trara a formosa dama,
 Que Amor por grão mercê lhe tera dado.
 Triste ventura e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
 Em tanto amor gerados e nascidos;
 Verão os Cafres asperos e avaros
 Tirar á linda dama seus vestidos:
 Os crystallinos membros e preclaros
 Á calma, ao frio, ao ar verão despídos;
 Depois de ter pizada longamente
 Co' os delicados pés a arcia ardente.¹⁰³

XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na férvida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de mágoa purza,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tõe maravilhado.
 A boca e os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pezada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezára:

L.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passarão, fui notorio.
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o pólo Antartico se estende:
 A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
 Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:
 Não que puzesse serra sôbre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza:
 Todas as deosas desprezei do ceo,
 Só por amar das águas a princeza.
 Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
 Sahir nua na praia; e logo preza
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcançá-la,
 Pela grandeza feia de meu gesto,
 Determinei por armas de tomá-la;
 E a Doris este caso manifesto.
 De medo a deosa então por mi lhe falla;
 Mas ella, c'hum formoso riso honesto,
 Respondeo: Qual será o amor bastante
 De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV.

Com tudo por livrarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com que, com minha honra, escuse o dano:
 Tal resposta me torna a mensageira.
 Eu que cahir não pude neste engano,
 (Que he grande dos amantes a cegueira)
 Enchêrão-me com grandes abundanças
 O peito de desejos e esperanças.

LV.

Ja nescio, ja da guerra desistindo,
 Huma noite de Doris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis unica despida.
 Como doudo corri, de longe abrindo
 Os braços, para aquella que era vida
 Deste corpo, e comêço os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c' hum duro monte
 De aspero mato e de espessura brava.
 Estando e' hum penedo fronte a fronte,
 Que eu polo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
 E junto d' hum penedo outro penedo.

LVII.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Ja que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado e quasi insano
Da mágoa e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Erão ja neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizerão;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas águas se estendêrão:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertêrão
Os deoses; e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando destas ágoas. 111

LX.

Assi contava, e c' hum medonho chôro
 Subito d' ante os olhos se apartou;
 Desfez-se a nuvem negra, e c' hum sonoro
 Bramido, muito longe o mar soou.
 Eu, levantando as mãos ao sancto côro
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deos pedi que removesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Ja Phlegon e Pyrois vinhão tirando
 Co' os outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foi mostrando,
 Em que foi convertido o grão gigante.
 Ao longo desta costa, começando
 Ja de cortar as ondas do Levante,
 Por ella abaixo hum pouco navegámos,
 Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente que esta terra possuia,
 Postoque todos Ethiópes erão,
 Mais humana no trato parecia,
 Que os outros, que tão mal nos recebêrão.
 Com bailes e com festas de alegria,
 Pela praia arenosa a nós vierão;
 As mulheres comsigo, e o manso gado,
 Que apascentavão, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
 Dos vagarosos bois, alli sentadas;
 Animaes que elles tõe em mais estima,
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantão concertadas
 Co' o doce som das rusticas avenas,
 Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes, como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos tratárão,
 Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
 A trôco d' outras peças que levárão:
 Mas como nunca em fim meus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançárão,
 Que dêsse algum signal do que buscâmos,
 As velas dando, as âncoras levâmos.

LXV.

Ja aqui tinhamos dado hum grão rodeio
 À costa negra de Africa, e tornava
 A proa a demandar o ardente meio
 Do ceo, e o pólo Antartico ficava:
 Aquelle ilheo deixâmos, onde veio
 Outra armada primeira, que buscava
 O Tormentorio cabo, e descoberto,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo. 112

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias,
 Entre tormentas tristes e bonanças,
 No largo mar fazendo novas vias,
 Só conduzidos de arduas esperanças:
 Co' o mar hum tempo andámos em porfias,
 Que, como tudo nelle são mudanças,
 Corrente nelle achámos tão possante,
 Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a fôrça em demasia
 (Segundo para traz nos obrigava)
 Do mar, que contra nós alli corria,
 Que por nós a do vento que assoprava.
 Injuriado Noto da porfia
 Em que co' o mar, parece, tanto estava,
 Os assopros esfôrça iradamente,
 Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o sol o dia celebrado,
 Em que tres Reis das partes do Oriente
 Forão buscar hum Rei de pouco nado,
 No qual Rei outros tres ha juntamente:
 Neste dia outro porto foi tomado
 Por nós, da mesma ja contada gente,
 N' hum largo rio, ao qual o nome demos
 Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refrêsko algum tomámos,
 E do rio fresca água; mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achámos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
 Sem sáhir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova nem signal
 Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Por climas e por mares não sabidos;
 E do esperar comprido tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto ja e damnado o mantimento,
 Damnoso e mau ao fraco corpo humano;
 E além disso nenhum contentamento,
 Que se quer da esperança fosse engano.
 Crês tu, que se este nosso ajuntamento
 De soldados não fôra Lusitano,
 Que durára elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crês tu, que ja não forão levantados
 Contra seu capitão, se os resistira,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente por certo estão provados;
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portugueza alta excellencia
 De lealdade firme e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
 E tornando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pégo toda a armada,
 Porque, ventando Noto manso e frio,
 Não nos apanhasse a água da enseada,
 Que a costa faz alli daquella banda,
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
 Encommendado ao sacro Nicolao,
 Para onde o mar na costa brada e geme
 A proa inclina d' huma e d' outra nao:
 Quando, indo o coração, que espera e teme,
 E que tanto fiou d' hum fraco pao,
 Do que esperava ja desesperado,
 Foi d' huma novidade alvoroçado.

LXXV.

É foi, que estando ja da costa perto,
 Onde as praias e valles bem se vião,
 N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
 Batéis á vela entravão e sahião.
 Alegria mui grande foi por certo
 Acharmos ja pessoas que sabião
 Navegar; porque entr' ellas esperámos
 De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicavão:
 Palavra alguma Arabia se conhece
 Entre a linguagem sua que fallavão:
 E com panno delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças apertavão;
 Com outro, que de tinta azul se tinge,
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallão,
 E que Fernão Martins mui bem entende,
 Dizem, que por naos que em grandeza igualão
 As nossas, o seu mar se corta e fende:
 Mas que lá donde sahe o sol, se abalão
 Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
 E do Sul para o Sol; terra onde havia
 Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
 Co' a gente, e com as novas muito mais:
 Polos signaes que neste rio achámos,
 O nome lhe ficou dos Bons-Signais:
 Hum padrão nesta terra alevantámos;
 Que para assignalar lugares tais
 Trazia alguns: o nome tõe do bello
 Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
 Nojosa criação das águas fundas,
 Alimpámos as naos, que dos caminhos
 Longos do mar vem sordidas e immundas.
 Dos hóspedes que tinhamos visinhos,
 Com mostras apraziveis e jucundas,
 Houvemos sempre o usado mantimento,
 Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi, da esperança grande e immensa
 Que nesta terra havemos, limpa e pura
 A alegria; mas logo a recompensa
 A Rhamnusia com nova desventura.
 Assi no Ceo sereno se dispensa,
 Com esta condição pezada e dura
 Nascemos: o pezar tera firmeza,
 Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua e feia,
 A mais que eu nunca vi, desampararão
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos para sempre sepultarão.
 Quem houvera que sem o ver o creia?
 Que tão disformemente alli lhe incharão
 As gengivas na boca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia c' hum fetido e bruto
 Cheiro, que o ar visinho inficionava:
 Não tínhamos alli médico astuto,
 Cirurgião subtil menos se achava:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pela carne ja podre assi cortava,
 Como se fôra morta; e bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixámos para sempre os companheiros,
 Que em tal caminho, e em tanta desventura,
 Forão sempre commosco aventureiros.
 Quão facil he ao corpo a sepultura!
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Recebêrão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
 Com maior esperança e mór tristeza,
 E pela costa abaixo o mar abrimos,
 Buscando algum signal de mais firmeza:
 Na dura Moçambique em fim surgimos,
 De cuja falsidade e má vileza
 Ja seras sabedor, e dos enganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandura e doce tratamento
 Dara saude a hum vivo, e vida a hum morto,
 Nos trouxe a piedade do alto assento.
 Aqui repousei, aqui doce confôrto,
 Nova quietação do pensamento
 Nos dêste. E ves-aqui, se attento ouviste,
 Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Agora julga, ó Rei, se houve no mundo
 Gentes, que taes caminhos comnettessem.
 Crês tu, que tanto Eneas e o facundo
 Ulysses pelo mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo,
 Por mais versos que delle se escrevessem,
 Do que eu vi, a podêr d'effôrço e de arte,
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse que bebo tanto da água Aonia,
 Sobre quem tõe contenda peregrina,
 Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
 Athenas, Chios, Argo, e Salamina;
 Ess' outro, que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz allisona e divina,
 Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tibre co' o som se ensoberbece;

LXXXVIII.

Cantem, louvem e escrevão sempre extremos
 Desses seus semideoses e encareção,
 Fingindo magas Circes, Polyphemos,
 Sirenas que co' o canto os adormeção:
 Dem-lhe mais navegar á vela e remos,
 Os Cicones, e a terra onde se esqueção
 Os companheiros, em gostando o loto;
 Dem-lhe perder nas águas o piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjão e imaginem
 Dos odres, e Calypsos namoradas,
 Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
 Descer ás sombras nuas ja passadas:
 Que por muito e por muito que se affinem
 Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua e pura
 Vence toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo capitão
 Pendendo estavam todos embebidos,
 Quando deo fim á longa narração
 Dos altos feitos grandes e subidos.
 Louva o Rei o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
 Da gente louva a antiga fortaleza,
 A lealdade d'ânimo e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
 O caso cada qual que mais notou:
 Nenhum delles da gente os olhos tira,
 Que tão longos caminhos rodeou.
 Mas ja o mancebo Delio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampecia mal guiou,
 Por vir a descansar nos Tethyos braços;
 E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quão doce he o louvor e a justa glória
 Dos proprios feitos, quando são soados!
 Qualquer nobre trabalha, que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes ja passados.
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublinados.
 Quem valerosas obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles Alexandro na peleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos; isso só louva, isso deseja.
 Os trophéos de Milciades famosos
 Themistocles despertão só de inveja;
 E diz, que nada tanto o delectava,
 Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas navegações, que o mundo canta,
 Não merecem tamanha glória e fama,
 Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
 Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
 Com dons, mercês, favores, e honra tanta
 A lyra Mantuana, faz que soe
 Eneas, e a Romana glória voc.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
 Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
 Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
 Cujá falta os faz duros e robustos.
 Octavio, entre as maiores oppressões,
 Compunha versos doutos e venustos.
 Não dirá Fulvia certo que he mentira,
 Quando a deixava Antonio por Glaphyra,

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,
 E as armas não lhe impedem a sciencia;
 Mas n' hũa mão a penna, e n' outra a lança,
 Igualava de Cicero a eloquencia.
 O que de Scipião se sabe e alcança,
 He nas comedias grande experiencia:
 Lia Alexandro a Homero de maneira,
 Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
 Que não fosse tambem douto e sciente,
 Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
 Senão da Portugueza tamsomente.
 Sem vergonha o não digo; que a razão
 D' algum não ser por versos excellente,
 He não se ver prezado o verso e rima,
 Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
 Não ha tambem Virgilio, nem Homeros;
 Nem haveria, se este costume dura,
 Pios Eneas, nem Achilles ferros.
 Mas o peor de tudo he, que a ventura
 Tão asperos os fez e tão austeros,
 Tão rudos e de engenho tão remisso,
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tõe por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gòsto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presuppòsto
Das Tagides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.



OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO.

I.

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abriu caminho.

II.

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegre e engana.
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

III.

Mas vendo o Capitão que se detinha
 Já mais do que devia, e o fresco vento
 O convida que parta, e tome asinha
 Os pilotos da terra e mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito para cortar do salso argento:
 Já do Pagão benigno se despede,
 Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas frotas visitado;
 Que nenhum outro bem maior deseja,
 Que dar a taes Barões seu reino e estado:
 E que em quanto seu corpo o espirito reja,
 Estara de continuo aparelhado
 A pôr a vida e reino totalmente,
 Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
 O Capitão, e logo as velas dando,
 Para as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já que vai buscando.
 No piloto que leva não havia
 Falsidade, mas antes vai mostrando
 A navegação certa: e assi caminha
 Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavão do Oriente
 Ja nos mares da India, e enxergavão
 Os thalamos do sol, que nasce ardente;
 Ja quasi seus desejos se acabavão.
 Mas o mau de Thyoneo, que na alma sente
 As venturas que então se apparelhavão
 Á gente Lusitana, dellas dina,
 Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma:
 Não no póde estorvar, que destinado
 Está d' outro podêr que tudo doma.
 Do Olympo desce em fim desesperado,
 Novo remedio em terra busca e toma;
 Entra no humido reino, e vai-se á côrte
 Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas sahem furibundas,
 Quando ás iras do vento o mar responde,
 Neptuno mora, e morão as jucundas
 Nercidas, e outros deoses do mar, onde
 As águas campo deixão ás cidades,
 Que habitão estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
 As areias alli de prata fina;
 Torres altas se vem no campo aberto
 Da transparente massa crystallina.
 Quanto se chegão mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se he crystal o que vê, se diamante,
 Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino e marchetadas
 Do rico aljofar que nas conchas nace,
 De esculptura formosa estão lavradas,
 Na qual o irado-Baccho a vista paze:
 E vê primeiro em côres variadas
 Do velho chaos a tão confusa face:
 Vem-se os quatro elementos trasladados
 Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
 Que em nenhuma materia se sustinha;
 Daqui as cousas vivas sempre anima,
 Depois que Prometheo furtado o tinha.
 Logo apos elle leve se sublima
 O invisibil Ar, que mais asinha
 Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
 Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes, revestida
De verdeservas e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara fórma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N' outra parte esculpida estava a guerra
Que tiverão os deoses co' os gigantes:
Está Typhéo debaixo da alta serra
D' Ethna, que as flammás lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houverão, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
E ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravillhando,
De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d' agua o rei do vinho:

XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque também co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus podêres:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Oução todos o mal que toca a todos.

XVI.

Julgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão que chame os deoses da água fria,
Que o mar habitão d'huma e d'outra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Huns limos prenhes d'água, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecêrão:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se gerão;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebo crescimento;
Ostras e misilhões de musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com fôrça ja tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Ja toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerára;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoára:
O propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pascer pela água amára,
Alli veio tambem: mas ja sabia
O que o Padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
 Grave e ledá no gesto, e tão formosa,
 Que se amansava o mar de maravilha.
 Vestida huma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha
 Que o corpo crystallino deixa ver-se;
 Que tanto bem não he para esconder-se.

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
 Neste caso não quiz que fallecesse:
 O delphim traz consigo, que aos amores
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
 Co' os olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerá que o sol vencesse:
 Ambas vem pela mão; igual partido,
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
 Fugindo, veio a ter divino estado,
 Consigo traz o filho, bello infante,
 No número dos deoses relatado.
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria; e ás vezes pela area
 No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa;
 Inda vinha chorando o feio engano
 Que Circe tinha usado co'a formosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
 Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Ja finalmente todos assentados
 Na grande sala, nobre e divinal,
 As deosas em riquissimos estrados,
 Os deoses em cadeiras de crystal;
 Forão todos do Padre agasalhados,
 Que co'o Thebano tinha assento igual.
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, e a arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado ja o tumulto
 Dos deoses e de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Hum pouco carregando-se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreias
 D'hum pólo ao outro pólo o mar irado,
 Tu, que as gentes da terra toda enfreias
 Que não passem o termo limitado;
 E tu, padre Oceano, que rodeias
 O mundo universal e o tões cercado,
 E com justo decreto assi permittes
 Que dentro vivão só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
 Injúria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quemquer que por elle corra e ande;
 Que descuido foi este em que viveis?
 Quem póde ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos, fracos e atrevidos?

XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia
 Forão ja commetter o ceo supremo;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela e remo.
 Vistes, e ainda vemos cada dia
 Soberbas e insolencias taes, que temo
 Que do mar e do ceo em poucos annos
 Venhão deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vêdes agora a fraca geração,
 Qué d'hum vassallo meu o nome toma,
 Com soberbo e altivo coração
 A vós e a mi, e o mundo todo doma.
 Vêdes o vosso mar cortando vão
 Mais do que fez a gente alta de Roma;
 Vêdes, o vosso reino devassando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu vi que contra os Minyas, que primeiro
 No vosso reino este caminho abrirão,
 Boreas injuriado e o companheiro
 Aquilo, e os outros todos resistirão.
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injúria assi sentirão,
 Vós, a quem mais compete esta vingança,
 Que esperais? porque a pondeis em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis
 Que por amor de vós do ceo desci,
 Nem da mágoa da injúria que soffreis,
 Mas da que se me faz tambem a mi.
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no mundo ganhei, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e Fados que destinão,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinão
De dar a estes Barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó deoses, como ensinão
O mal tambem a deoses, que a segundo
Se vê, ninguem ja tõe menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympto ja fugi,
Buscando algum remédio a meus pezares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'água em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mândão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo
 Dizer neste negócio o que sentia;
 E, segundo o que a todos pareceo,
 Era alguma profunda prophecia:
 Porém tanto o tumulto se moveo
 Subito na divina companhia,
 Que Tethys indignada lhe bradou:
 Neptuno sabe bem o que mandou.

XXXVII.

Ja lá o soberbo Hippotades soltava
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os Barões audaces e animosos.
 Subito o ceo sereno se obumbrava;
 Que os ventos mais que nunca impetuosos
 Começão novas fôrças a ir tomando,
 Torres, montes e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este concelho se fazia
 No fundo aquoso, a leda lassa frota
 Com vento socegado proseguia
 Pelo tranquillo mar a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo hemispherio está remota:
 Os do quarto da prima se deitavão,
 Para o segundo os outros despertavão.

XXXIX.

Vencidos vem do somno e mal despertos,
 Bocejando a miude se encostavão
 Pelas antenas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares que assopravão:
 Os olhos contra seu querer abertos,
 Mas esfregando, os membros estiravão:
 Remedios contra o somno buscar querem,
 Histórias contão, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pezado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o somno carregado?
 Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 Que contos poderemos ter melhores
 Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra férvida e robusta
 A nossa história seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendão
 A Velloso, que conte isto que approva.
 Contarei, disse, sem que me reprehão
 De contar cousa fabulosa ou nova.
 E porque os que me ouvirem daqui aprendão
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos nascidos direi na nossa terra;
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
 João, filho de Pedro, moderava;
 Depois que socegado e livre o teve
 Do visinho podêr que o molestava;
 Lá na grande Inglaterra, que da neve
 Boreal sempre abunda, semeava
 A fera Erinnys dura e má eizania,
 Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da cõrte Inglesa,
 E nobres cortezãos, acaso hum dia
 Se levantou discordia em ira accessa:
 Ou foi opinião, ou foi porfia.
 Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
 Soltar palavras graves de ousadia,
 Dizem que provarão, que honras e famas
 Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV.

E que se houver alguém com lança e espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo razo, ou estacada,
 Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
 A feminil fraqueza pouco usada,
 Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
 De fôrças naturaes convenientes,
 Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI.

Mas, como fossem grandes e possantes
 No reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem férvidos amantes,
 A sustentar as damas, como devem.
 Com lagrimas formosas e bastantes
 A fazer que em soccorro os deoses levem
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militára
 Co' os Portuguezes ja contra Castella,
 Onde as fôrças magnanimas provára
 Dos companheiros e benigna estrella:
 Não menos nesta terra exprimentára
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que socorrer-lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz: Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras Iberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderião, se não erro,
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vós lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas e polidas
 De vosso aggravo os fação sabedores.
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras d' affagos e d' amores
 Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creio,
 Que alli tereis soccorro e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
 E logo lhe nomeia doze fortes;
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sôbre elles lancem sortes;
 Que ellas só doze são: e descoberto
 Qual a qual tõe cahido das consortes,
 Cada huma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a côrte alvoroça a novidade:
 Quizera o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser com férvida vontade;
 E só fica por bem-aventurado
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal cidade, donde teve
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leve
 Manda o que tõe o leme do govêrno.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas e roupas d'uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras e primores,
 Cavallos, e concertos de mil côres.

LIII.

Já do seu Rei tomado tõe licença
 Para partir do Douro celebrado
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Forão do Duque Inglez experimentado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro destro ou esforçado;
 Mas hum só, que Magriço se dizia,
 Dest'arte falla á forte companhia:

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
 Ha muito ja de andar terras estranhas,
 Por ver mais águas, que as do Douro e Tejo,
 Várias gentes e leis, e várias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu impedido
 Por quem das cousas he última linha,
 Não for comvosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mi fareis o que he devido;
 Mas se a verdade o espirito me adivinha,
 Rios, montes, Fortuna ou sua inveja,
 Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz, e abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte:
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Lugares, que ganhára o patrio Marte;
 Navarra, co' os altissimos perigos
 Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
 Vistas em fim de França as cousas grandes,
 No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias;
 Mas dos onze a illustrissima companhia
 Cortão do mar do Norte as ondas frias.
 Chegados de Inglaterra á costa estranha,
 Para Londres já fazem todos vias:
 Do Duque são com festa agasalhados,
 E das damas servidos e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo e dia assignalado
 De entrar em campo ja co' os doze Inglezes,
 Que pelo Rei ja tinhamo segurado:
 Armão-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
 Ja as damas tõe por si, fulgente e armado,
 O Mavorte feroz dos Portuguezes:
 Vestem-se ellas de côres e de sedas,
 De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro nesta empreza:
 Bem que os onze apregoão, que acabado
 Sera o negócio assi na côrte Ingleza,
 Que as damas vencedoras se conheção,
 Postoque dous e tres dos seus falleção.

LX.

Ja n'hum sublime e público theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
 Estavão tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,
 De fôrça, esfôrço, e d'ânimo mais forte,
 Outros doze sahir, como os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigão os cavallos, escumando,
 Os aureos freios com feroz semblante:
 Estava o sol nas armas rutilando
 Como em crystal ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
 Partido desigual e dissonante,
 Dos onze contra os doze: quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Virão todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboiço:
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:
 Ao Rei, e ás damas falla; e logo se hia
 Para os onze, que este era o grão Magriço;
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome e fama,
 Se alegre, e veste alli do animal de Helle,
 Que a gente bruta mais que virtude ama.
 Ja dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos que inflamma;
 Picão d'esporas, largão redeas logo,
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrépito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme;
 O coração no peito que estremece
 De quem os olha, se alvoroça e teme.
 Qual do cavallo voa, que não dece,
 Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algun dalli tomou perpétuo sono,
 E fez da vida ao fim breve intervallo;
 Correndo algum cavallo vai sem dono,
 E n'outra parte o dono sem cavallo.
 Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
 Que dous, ou tres ja fóra vão do vallo:
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão ja que arnez, escudo e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos,
 Maos do tempo com fábulas sonhadas.
 Basta por fim do caso que entendemos
 Que, com finezas altas e affamadas,
 Co'os nossos fica a palma da victória,
 E as damas vencedoras, e com glória.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços com festas e alegria;
 Cozinheiros occupa e caçadores
 Das damas a formosa companhia;
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil cada hora e cada dia,
 Em quanto se detêe em Inglaterra,
 Até tornar á doce e chara terra.

LXVIII.

Mas dizem que com tudo o grão Magriço,
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde hum serviço
 Notavel á Condessa fez de Frandes:
 E, como quem não era ja noviço
 Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
 Hum Francez mata em campo, que o destino
 Ja teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, e teve hum fero desafio
 C'hum Germano enganoso, que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio.
 Contando assi Velloso, ja a companhia
 Lhe pede que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço e vencimento,
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca: acordão despertando
 Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
 E, porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaveas tomar manda:
 Álerta, disse, estai, que o vento crece
 Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande e subita procella:
 Amaina, disse o mestre a grandes brados,
 Amaina, disse, amaina a grande vela.
 Não esperão os ventos indignados
 Que amainassem; mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, c' hum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente
 Com subito temor e desacôrdo;
 Que no romper da vela a nao pendente
 Toma grão somma d'água pelo bordo.
 Alija, disse o mestre rijamente,
 Alija tudo ao mar: não falte acôrdo:
 Vão outros dar á bomba, não cessando:
 Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba; e tanto que chegarão
 Os balanços que os mares temerosos
 Derão á nao, n'hum bordo os derribarão.
 Tres marinheiros duros e forçosos
 A manear o leme não bastarão:
 Talhas lhe punhão d'hum e d'outra parte,
 Sem aproveitar de homens fôrça e arte.

LXXIV.

Os ventos crão taes, que não pudêrão
 Mostrar mais fôrça d'impeto cruel,
 Se para derribar então vierão
 A fortissima torre de Babel.
 Nos altissimos mares, que crescêrão,
 A pequena grandura d'hum batel
 Mostra a possante nao, que move espanto,
 Vendo que se sostêe nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a nao de Coelho, com receio,
 Com quanto teve o mestre tanto tento,
 Que primeiro amainou, que dêsse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo:
 Agora a ver parece que descião
 As intimas entranhas do profundo.
 Noto,¹ Austro,² Boreas,³ Aquilo⁴ querião
 Arruinar a máchina do mundo:
 A noite negra e feia se allumia
 Co' os raios em que o pólo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoncas⁵ aves triste canto
 Junto da costa brava levantárão,
 Lembrando-se de seu passado pranto,
 Que as furiosas águas lhe causárão.
 Os delphins namorados entretanto
 Lá nas covas maritimas entrárão,
 Fugindo á tempestade e ventos duros,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.¹³¹

1-2 Noto - Austro - vento sul

3-4 - Boreas - Aquilo - vento norte, vento forte.

5 Halcyoncas aves - aves do mar - estacurica

LXXVII.

Nunca tão vivos raios fabricou
 Contra a fera soberba dos gigantes
 O grão ferreiro sordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes:
 Nem tanto o grão Tonante arremessou
 Relampagos ao mundo fulminantes
 No grão diluvio, donde sós vivêrão
 Os dous, que em gente as pedras convertêrão.

LXXIX.

Quantos montes então que derribárão
 As ondas que batião denodadas!
 Quantas arvores velhas arrancárão
 Do vento bravo as furias indignadas!
 As forçosas raizes não cuidárão
 Que nunca para o ceo fossem viradas;
 Nem as fundas areias que podessem
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tão perto
 Do fim de seu desejo se perdia;
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,
 Ora com nova furia ao ceo subia;
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio sancto e forte,
 Que o impossibil póde, desta sorte:

LXXXI.

Divina guarda, angelica, celeste,
 Que os ceos, e mar e terra senhoreas;
 Tu, que a todo Israel refúgio deste
 Por metade das águas Erythreas;¹
 Tu, que livraste Paulo e defendeste
 Das syrtes arenosas e ondas feas,
 E guardaste co'os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo;

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
 D'outra Scylla² e Charybdis³ ja passados,
 Outras Syrtes⁴ e baixos arenosos,
 Outros Acroceraunios⁵ infamados;
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Porque somos de ti desamparados,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderão
 Entre as agudas lanças Africanas
 Morrer, em quanto fortes sostiverão
 A sancta Fè nas terras Mauritanas:
 De quem feitos illustres se soberão,
 De quem ficão memórias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdê-la,
 Doce fazendo a morte as honras della!

1 - aguas Erythreas - aguas do mar vermelho ou sôo o.
 2 - Scylla e Charybdis - duas rochêdas fronteiras
 muito perigosas q' existiam entre a Sicilia e Sicilia.
 3 - Syrtes - esothos, baixos perigosos no mar
 4 - Acroceraunios - montes onde cabem m. m. m. m.

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavão
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta accrescentavão,
 Pela miuda enxarcia assoviando.
 Relampagos medonhos não cessavão,
 Feros trovões, que vem representando
 Cahir o ceo dos eixos sôbre a terra,
 Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella scintillava
 Diante do sol claro no horizonte,
 Mensageira do dia, e visitava
 A terra e o largo mar com leda fronte.
 A deosa que nos ceos a governava,
 De quem foge o ensifero¹ Oriente;²
 Tanto que o mar e a chara armada vira,
 Tocada junto foi de medo e d'ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,
 Disse; mas não será que ávante leve
 Tão damnada tenção, que descoberto
 Me será sempre o mal a que se atreve.
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,
 Em quanto manda ás nymphas amorosas
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

1- Ensiferos - g. tres espada na mão
 2- Oriente ou Orion - Constellação do tra-
 mpo boreal.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de várias côres
 Sôbre cabellos louros á porfia.
 Quem não dirá, que nascem roxas flores
 Sôbre ouro natural, que amor enfia?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
 Que mais formosas vinhão que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi; porque tanto que chegarão
 Á vista dellas, logo lhe fallecem
 As fôrças com que d'antes pelejãrão,
 E ja como rendidos lhe obedecem.
 Os pés, e mãos parece que lhe atãrão
 Os cabellos que os raios escurecem.
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX.

Não creias, fero Boreas, que te creio,
 Que me tiveste nunca amor constante;
 Que brandura he de amor mais certo arreio,
 E não convem furor a firme amante.
 Se ja não pões a tanta insania freio,
 Não esperes de mi daqui em diante,
 Que possa mais amar-te, mas temer-te;
 Que amor contigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
 Dizia ao fero Noto; que bem sabe
 Que dias ha que em ve-la se recrea,
 E bem crê que com elle tudo acabe.
 Não sabe o bravo tanto bem se o crea;
 Que o coração no peito lhe não cabe:
 De contente de ver que a dama o manda,
 Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavão
 Subitamente os outros amadores;
 E logo á linda Venus se entregavão,
 Amansadas as iras e os furores.
 Ella lhe prometteo, vendo que amavão,
 Sempiterno favor em seus amores,
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
 De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Ja a manhã clara dava nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gávea os marinheiros
 Enxergárão terra alta pela proa.
 Ja fóra de tormenta, e dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito voa.
 Disse alegre o Piloto Melindano:
 Terra he de Calecut, se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
 Da verdadeira India, que apparece;
 E se do mundo mais não desejais,
 Vosso trabalho longo aqui fenece.
 Soffrer aqui não pôde o Gama mais,
 De ledô em ver que a terra se conhece:
 Os gíolhos no chão, as mãos ao ceo,
 A mercê grande a Deos agradecco.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
 Que não somente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho experimentava;
 Mas via-se livrado tão asinha
 Da morte, que no mar lhe aparelhava
 O vento duro, férvido e medonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
 Destes trabalhos graves e temores,
 Alcanção os que são de fama amigos
 As honras immortaes, e graos maiores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores,
 Não nos leitos dourados entre os finos,¹³⁴
 Animaes de Moscovia zebellinos: ¹

*1. Zebellina é uma espécie de corincha da Moscovia
 cuja pelle é m. ^{to} utilizada*

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
 Não co'os passeios molles e ociosos,
 Não co'os varios deleites e infinitos,
 Que affeminão os peitos generosos;
 Não co'os nunca vencidos appetitos,
 Que a fortuna tõe sempre tão mimosos,
 Que não soffre a nenhum que o passo mude
 Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas,
 Vigiando e vestindo o forjado aço,
 Soffrendo tempestades e ondas cruas;
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul e regiões de abrigo nuas;
 Engulindo o corrupto mantimento,
 Temperado c'hum arduo soffrimento.

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, ledô, inteiro
 Para o pelouro ardente, que assovia
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 Dest'arte o peito hum callo honroso cria
 Desprezador das honras e dinheiro;
 Das honras e dinheiro, que a ventura
 Forjou, e não virtude justa e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.



OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

I.

Ja se vião chegados junto á terra
Que desejada ja de tantos fôra,
Que entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ja sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo:
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Cural de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia.

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco podêr vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas várias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feias guerras occupado,
Que inda co'o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomeia
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia:
Quem vio honra tão longe da verdade?
Entre as Boreaes neves se recreia,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tõe a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
 A cidade Hierosolyma terrestre,
 Em quanto elle não guarda a sancta lei
 Da cidade Hierosolyma celeste.
 Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
 Que o nome Christianissimo quizeste,
 Não para defendê-lo, nem guardá-lo,
 Mas para ser contra elle e derribá-lo.

VII.

Achas que tões direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
 E não contra o Cinypho e Nilo, rios
 Inimigos do antigo nome santo?
 Alli se hão de provar da espada os fios
 Em quem quer reprovar da Igreja o canço.
 De Carlos, de Luis, o nome e a terra
 Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,
 Gastão as vidas, logrão as divicias,
 Esquecidos de seu valor antigo?
 Nascem da tyrannia inimicicias,
 Que o povo forte tõe de si inimigo:
 Contigo, Italia, fallo, ja submersa
 Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miseros Christãos! pola ventura,
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
 Que huns aos outros se dão a morte dura,
 Sendo todos de hum ventre produzidos?
 Não vêdes a divina sepultura
 Possuida de Cães, que sempre unidos
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,
 Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vêdes que tõe por uso e por decreto,
 Do qual são tão inteiros observantes,
 Ajuntarem exército inquieto,
 Contra os povos que são de Christo amantes;
 E entre vós nunca deixa a fera Aleto
 De semear cizanias repugnantes:
 Olhai se estais seguros de perigos,
 Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
 Vos faz ir conquistar terras alheias,
 Não vêdes que Pactolo e Hermo rios,
 Ambos volvem auríferas areias?
 Em Lydia, Assyria, lavrão de ouro os fios;
 Africa esconde em si luzentes veias;
 Mova-vos ja sequer riqueza tanta,
 Pois mover-vos não póde a Casa santa.

1. Aleto - ave de rapina m.^{to} conajosa e affanta

XII.

Aquellas invenções feras e novas
 De instrumentos mortaes da artilheria
 Ja devem de fazer as duras provas
 Nos muros de Byzancio e de Turquia.
 Fazei que torne lá ás sylvestres covas
 Dos Caspios montes, e da Scythia fria
 A Turca geração, que multiplica
 Na polícia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
 Bradando-vos estão, que o povo bruto
 Lhe obriga os charos filhos aos profanos
 Preceitos do Alcorão: (duro tributo!)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriai de peito forte e astuto;
 E não queirais louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos e sedentos
 Andais de vosso sangue, ó gente insana,
 Não faltarão Christãos atrevimentos
 Nesta pequena casa Lusitana.
 De Africa tõe marítimos assentos;
 He na Asia mais que todas soberana;
 Na quarta parte nova os campos ara;
 E se mais mundo houvera, lá chegára.

XV.

E vejamos entanto que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fin de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegarão,
Leves embarcações de pescadores
Achárão, que o caminho lhe mostrarão
De Calecut, onde erão moradores.
Para lá logo as proas se inclinárão;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII.

Além do Indo jaz, e aquem do Gange,
Hum terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adorão,
Alguns os animaes, que entre elles morão. 132

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
 Tão larga terra, toda Asia discorre;
 Que nomes tão diversos vai tomando,
 Segundo as regiões por onde corre;
 As fontes sahem, donde vem manando
 Os rios, cuja grão corrente morre
 No mar Indico, e cercão todo o pêso
 Do terreno, fazendo-o Chersoneso. ↗

XIX.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,
 Sahe da larga terra hũa longa ponta,
 Quasi pyramidal, que no regaço
 Do mar, com Ceilão insula confronta:
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta,
 Que os visinhos, da terra moradores,
 Do cheiro se mantêe das finas flores,

XX.

Mas agora de nomes e de usança
 Novos e varios são os habitantes;
 Os Delijs, os Patanes, que em possança
 De terra e gente, são mais abundantes:
 Decanis, Oriás, que a esperança
 Têe de sua salvação nas resonantes
 Águas do Gange; e a terra de Bengala,
 Fertil de sorte, que outra não lhe ignala.

1 - Chersoneso - synonymo de - península.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso
 (Dizem que foi de Poro, Rei potente),
 O reino de Narsinga, poderoso
 Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxérga lá do mar undoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Serv'ndo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamão Gate:
 Do pé do qual pequena quantidade
 Se estende hũa fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferocidade.
 Aqui de outras cidades, sem debate,
 Calecut tõe a illustre dignidade
 De cabeça de imperio rica e bella:
 Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portuguez mandado logo parte
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tão remota parte.
 Entrando o mensageiro pelo rio
 Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
 A côr, o gesto estranho, o traço novo,
 Fez concorrer a ve-lo todo o povo.

1- Canará - natural dos Reis de Bismagar

XXIV.

Entre a gente que a ve-lo concorria,
 Se chega hum Mahometa, que nascido
 Fôra na região da Barbaria,
 Lá onde fôra Antheo obedecido:
 Ou pela visinhança ja teria
 O reino Lusitano conhecido,
 Ou foi ja assinalado de seu ferro:
 Fortuna o trouxe a tão longo destêrro.

XXV.

Em vendo o mensageiro, com jucundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
 Lhe disse: Quem te trouxe a est' outro mundo,
 Tão longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
 O Mouro, que Monçaide se chamava,
 Ouvindo as oppressões que na passagem
 Do mar o Lusitano lhe contava.
 Mas vendo em fim, que a fôrça da mensagem
 Só para o Rei da terra relevava,
 Lhe diz, que estava fôra da cidade,
 Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se quera,
 Na sua pobre casa repousasse,
 E do manjar da terra comeria:
 E depois que se hum pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria;
 Que alegria não póde ser tamanha,
 Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece;
 Como se longa fôra ja a amizade,
 Com elle come e bebe, e lhe obedece:
 Ambos se tornão logo da cidade
 Para a frota, que o Mouro bem conhece;
 Sobem á capitaina; e toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella;
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
 Pela terra pergunta e cousas della.
 Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
 Só por ouvir o amante da donzella
 Eurydice tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: Ó gente, que a natura
 Visinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tão grande, ou que ventura,
 Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
 Não he sem causa, não, occulta e escura,
 Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
 Por mares nunea d'outro lenho arados,
 A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum serviço seu, por vós obrado:
 Por isso só vos guia, e vos defende
 Dos inimigos, do mar, do vento irado.
 Sabei, que estais na India, onde se estende
 Diverso povo, rico e prosperado
 De ouro luzente e fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
 Tomado tendes, Malabar se chama:
 Do culto antigo os idolos adora,
 Que cá por estas partes se derrama:
 De diversos Reis he, mas d'hum só fôra
 N'outro tempo, segundo a antigua fama:
 Saramá Perimal foi derradeiro
 Rei, que este reino teve unido e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem
 De lá do seio Arabico outras gentes,
 Que o culto Mahometico trouxessem
 (No qual me instituirão meus parentes);
 Succedeo, que prégando convertessem
 O Perimal: de sabios e eloquentes,
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
 Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Naos arma e, nellas mette curioso
 Mercadoria, que offereça, rica,
 Para ir nellas a ser religioso
 Onde o propheta jaz, que a lei publica:
 Antes que parta, o reino poderoso
 Co'os seus reparte, porque não lhe fica
 Herdeiro proprio: faz os mais acceitos
 Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
 A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
 E os mais, a quem o mais serve e contenta.
 Hum só moço, a quem tinha muito amor,
 Depois que tudo deo, se lhe apresenta:
 Para este Calecut somente fica,
 Cidade ja por trato nobre e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
 De Imperador, que sobre os outros mande.
 Isto feito, se parte diligente
 Para onde em sancta vida acabe e ande.
 E daqui fica o nome de potente
 Samorim, mais que todos digno e grande,
 Ao moço e descendentes, donde vem
 Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,
 De fábulas composta se imagina:
 Andão nus, e somente hum panno cobre
 As partes, que a cobrir natura ensina:
 Dous modos ha de gente; porque a nobre
 Naires chamados são; e a menos dina
 Poleás tõe por nome, a quem obriga
 A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

Porque os que usárão sempre hum mesmo officio,
 D'outro não podem receber consorte;
 Nem os filhos terão outro exercicio,
 Senão o de seus passados, até morte.
 Para os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados, de tal sorte,
 Que quando algum se toca, por ventura,
 Com ceremonias mil se alimpa e apura.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Bramenes são os seus religiosos;
Nome antigo e de grande preeminencia:
Observão os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia.
Não matão cousa viva, e temerosos,
Das carnes tõe grandissima abstinencia:
Somente no venereo ajuntamento
Tõe mais licença, e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres; mas somente
Para os da geração de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente
Que não são de ciumes offendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro. Mas vagando
 Andava a fama ja pela cidade
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade.
 Ja vinhão pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo e idade,
 Os principaes, que o Rei buscar mandára
 O Capitão da armada que chegára.

XLIII.

Mas elle, que do Rei ja tõe licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portuguezes, sem detença
 Parte, de ricos pannos adornado.
 Das côres a formosa differença
 A vista alegre ao povo alvoroçado:
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodeado de Naires, que esperava
 Com desusada festa o nobre Gama.
 Ja na terra nos braços o levava,
 E n'hum portatil leito hũa rica cama
 Lhe offerece em que vá, (costume usado)
 Que nos hombros dos homens he levado.

XLV.

Dest' arte o Malabar, dest' arte o Luso,
 Can.nhão lá para onde o Rei o espera:
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue, esquadra fera:
 O povo que concorre vai confuso
 De ver a gente estranha, e bem quizera
 Perguntar; mas no tempo ja passado,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama e o Catual hião fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
 Monçaide entr' elles vai interpretando
 As palavras que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde huma rica fabrica se erguia
 De hum sumptuoso templo ja chegavão,
 Pelas portas do qual juntos entravão.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, e em pedra fria;
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhe fingia:
 Vem-se as abominaveis esculpturas,
 Qual a Chimera em membros se varia:
 Os Christãos olhos, a ver Deos usados
 Em fórma humana, estão maravilhados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
 Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Jano se pintava;
 Outro com muitos braços divididos,
 A Briareo parece que imitava;
 Outro fronte canina tée de fóra,
 Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
 A supersticiosa adoração,
 E ritos vão, sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão:
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co'os que vem ver o estranho Capitão:
 Estão pelos telhados e janellas
 Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Ja chegão perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoríferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos.
 Edificação-se os nobres seus assentos
 Por entre os arvoredos delectuosos:
 Assi vivem os Reis daquella gente,
 No campo e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As histórias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exército que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de frente lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava:
Tão proprio, que se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mais ávante bebendo sécca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita ao feminino senhorio
De huma tão bella, como incontinente:
Alli tõe junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia; e subjugavão
Até ás águas Gangeticas undosas;
D'hum capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victórias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro especularão.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar fôrça tamanha,
Não valerá dos homens resistencia;
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido.

LVII.

Assi fallando entravão ja na sala,
 Onde aquelle potente Imperador
 N'hum camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no preço e no lavor.
 No recostado gesto se assinala
 Hum venerando e próspero senhor;
 Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente,
 Co'os giolhos no chão, de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herva ardente,
 Que a seu costume estava ruminando.
 Hum Bramene, pessoa preeminente,
 Para o Gama vem com passo brando,
 Para que ao grande Principe o apresente,
 Que diante lhe acena que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais affastados, prompto em vista
 Estava o Samorim no trajo e geito
 Da gente nunca d'antes delle vista.
 Lançando a grave voz do sabio peito,
 Que grande autoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, do povo todo,
 O Capitão lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura nota;
Ouvindo do rumor, que lá responde,
O ecco como em ti da India toda
O principado está e a magestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

LXI.

E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desd'a fria plaga de Zelanda
Até bem onde o sol não muda o estylo
Nos dias, sôbre a gente de Ethiopia,
Tudo tõe no seu reino em grande cópia.

LXII.

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresção as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle glória ingente.

LXIII.

E, sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estara prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sôbre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia:
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem'era
O Rei, e a gente e terra que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Ja nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados forão juntamente
 O Gama e Portuguezes no aposento
 Do nobre regedor da Indica gente,
 Com festas e geral contentamento.
 O Catual, no cargo diligente,
 De seu Rei tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha,
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
 Mancebo Delio¹ vio, que a luz renova,
 Manda chamar Monçaide, deseioso
 De poder-se informar da gente nova.
 Ja lhe pergunta prompto e curioso
 Se tõe noticia inteira e certa prova
 Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
 Que he gente de sua patria mui vizinha.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe dêsse
 Informação mui larga, pois fazia
 Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
 O que neste negócio se faria.
 Monçaide torna: Postoque eu quizesse
 Dizer-te disto mais, não saberia;
 Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
 Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

1 - Delio - synonymo de clarividente. Delio.
 - Luz, - Delio - sol.

LXIX.

Têe a lei d'hum Propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da Mãe; tal que por bafo está approvedo
 Do Deos que têe do mundo o regimento.
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles, he que o valor sanguinolento
 Das armas no seu braço resplandece;
 O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana
 Os deitárão dos campos abundosos
 Do rico Tejo e fresca Guadiana,
 Com feitos memoraveis e famosos:
 E não contentes inda, na Africana
 Parte, cortando os mares procellosos,
 Nos não querem deixar viver seguros,
 Tomando-nos cidades e altos muros.

LXXI.

Não menos têe mostrado esfôrço e manha
 Em quaesquer outras guerras que aconteção,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,
 Ou lá d'alguns que do Pyrene deçção.
 Assi que nunca em fim com lança estranha
 Se têe, que por vencidos se conheção;
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informação não for inteira,
 Tanto quanto convem, delles pretende
 Informar-te; que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja e offende.
 Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende;
 E folgarás de veres a polícia
 Portugueza na paz e na milicia,

LXXIII.

Ja com desejos o Idolátra ardia
 De ver isto que o Mouro lhe contava:
 Manda equipar batéis; que ir ver queria
 Os lenhos em que o Gama navegava.
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naira geração, que o mar coalhava;
 Á capitaina sobem forte e bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
 Do rico fio são, que o bicho gera;
 Nellas estão pintadas as guerreiras
 Obras, que o forte braço ja fizera:
 Batalhas tõe campaes, aventureiras,
 Desafios crueis; pintura fera,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,
 Attento nella os olhos apascenta.

1 - Naira - m. b. c. p. com adjetivo da m. b. c.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
 Lhe pedia primeiro que se assente,
 E que aquelle deleite, que tanto ama
 A seita Epicurea¹, experimente.

Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noé mostrára á gente;
 Mas comer o Gentio não pretende,
 Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares;
 Co' o fogo o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o Gentio nota; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
 Coelho de outra parte; e o Mauritano
 Os olhos põe no bellico transunto
 De hum velho branco, aspeito soberano,
 Cujó nome não póde ser defunto
 Em quanto houver no mundo trato humano:
 No traje a Grega usança está perfeita,
 Hum ramo por insignia na direita. 147

¹ - Seita Epicurea, seita de Epicuro, sensual

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha. . . Mas oh cego!
 Eu que commetto insano e temerario,
 Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo e vário?
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar com vento tão contrário,
 Que se não me ajudais, hei grande medo
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
 A Fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo e novos danos:
 Agora o mar, agora experimentando
 Os perigos Mavorcios¹ inhumanos,
 Qual Canace, que á morte se condena,
 N'hũa mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida
 Por hospicios alheios degradado;
 Agora da esperança ja adquirida
 De novo mais que nunca derribado;
 Agora ás costas escapando a vida
 Que d'hum fio pendia tão delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

1 - Mavorcios - de Marte, da guerra.

LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem.
A trôco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventarão,
Com que em tão duro estado me deitirão.

LXXXII.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memória,
Que merecerem ter eterna glória!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho ja jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido. 149

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não, que fama desse
 A quem ao bem commum, e do seu Rei,
 Antepuzer seu proprio interesse,
 Imigo da divina e humana lei:
 Nenhum ambicioso, que quizesse
 Subir a grandes cargos, cantarei,
 Só por podêr com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu podêr bastante,
 Para servir a seu desejo feio;
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio:
 Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
 Quem com hábito honesto e grave, veio,
 Por contentar o Rei no officio novo,
 A despir e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
 Guardar-se a lei do Rei severamente,
 E não acha que he justo e bom respeito,
 Que se pague o suor da servil gente:
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões apprende, e cuida que he prudente,
 Para taixar, com mão rapace e escassa,
 Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventurárão
Por seu Deos, por seu Rei a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilatárão,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanhárão,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tome alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.



OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
Quem era, e porque causa lhe convinha
A divisa que tõe na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
 Que tão diversas partes conquistou:
 Parece vindo ter ao ninho Hispano,
 Seguindo as armas que confino usou.
 Do Douro, e Guadiana, o campo ufano,
 Ja dito Elysio¹, tanto o contentou,
 Que alli quiz dar, aos ja cansados ossos
 Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo que lhe vês para divisa,
 O verde thyrsos² foi de Baccho usado,
 O qual á nossa idade amostra e avisa,
 Que foi seu companheiro e filho amado.
 Vês outro que do Tejo a terra pisa,
 Depois de ter tão longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edifica,
 E templo a Pallas³, que em memória fica?

V.

Ulysses he, que faz a sancta casa
 Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
 Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.
 Quem sera est'outro cá, que o campo arrasa
 De mortos, com presença furibunda?
 Grandes batalhas tõe desbaratadas,
 Que as aguias nas bandeiras tõe pintadas.¹⁵¹

- 1 - Elysio, campo elyio, campo dos mortos - francez
 2 - Thyrsos - dardo, mia lancia, insignia de Baccho.
 3 - Pallas - dona da sabedoria, das artes, sciencias e da guerra

VI.

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
 Este que vês, pastor ja foi de gado;
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais, que no cajado:
 Injuriada tõe de Roma a fama,
 Vencedor invencibil, affamado:
 Não tõe com elle, não, nem ter pudêrão:
 O primor que com Pyrrho ja tiverão.

VII.

Com fôrça não, com manha vergonhosa
 A vida lhe tirárão, que os espanta;
 Que o grande apêrto em gente, inda que honrosa,
 Ás vezes leis magnanimas quebranta.
 Outro está aqui, que contra a patria irosa,
 Degradado, comnosco se alevanta:
 Escolheo bem com quem se alevantasse,
 Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

Vês? comnosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aves de Jupiter validas;
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nós souberão ser vencidas.
 Olha tão subteis artes e maneiras
 Para adquirir os povos, tão fingidas;
 A fatidica cerva que o avisa:
 Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX.

Olha est' outra bandeira, e vê pintado
 O grão progenitor dos Reis primeiros:
 Nós Hungaro o fazemos, porém nado
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros.
 Depois de ter os Mouros superado,
 Gallegos e Leonezes cavalleiros,
 Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est' outro que me espanta,
 (Pergunta o Malabar maravilhado)
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,
 Com tão pouca, tõe roto e destroçado?
 Tantos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas dá, nunca cansado,
 Tantas coroas tõe por tantas partes
 A seus pés derribadas e estandartes!

XI.

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
 Que todo Portugal aos Mouros toma;
 Por quem no Estygio¹ lago jura a Fama
 De mais não celebrar nenhum de Roma:
 Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro inigo doma;
 Para quem de seu reino abaixa os muros,
 Nada deixando ja para os futuros.

1. Estygio - Estygio - nome mythologico de um lago no
 inferno segundo a fabelos.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiverão
Tão pequeno podêr, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos, quantos erão
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estendêrão
Com glórias immortaes tão largamente.
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar, com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhana.
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cêrco, que ja estava soberano:
Os filhos e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fez o consul tanto, que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante.
 Este, pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só, firme e constante;
 Est' outro a si e os filhos naturais,
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este que, sahindo da cilada,
 Dá sôbre o Rei, que cerca a villa forte?
 Ja o Rei tõe preso e a villa descercada:
 Illustre feito, digno de Mavorte.
 Ve-lo cá vai pintado nesta armada,
 No mar tambem aos Mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a glória
 Da primeira marítima victoria:

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
 E no mar resplandece juntamente,
 Co'o fogo que accendeu junto da serra
 De Abyla nas galés da Maura gente.
 Olha como em tão justa e sancta guerra
 De acabar pelejando está contente:
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos Ceos, com justa palma.

XVIII.

Não vês hũ ajuntamento, de estrangeiro
 Trajo, sahir da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta prova?
 Olha Henrique, famoso cavalleiro,
 A palma que lhe nasce junto á cova:
 Por elles mostra Deos milagre visto:
 Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada
 Por quem por Mafamede enresta a lança:
 He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
 Santarem, e verás a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo, ergueo das Quinas¹ a bandeira:

XX.

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o alferes mata,
 E o Hispalico pendão derriba em terra.
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pae co' os ossos cerra:
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contrária derriba, e a sua exalta.

8- Quinas - esquinas - cantos de ruas

XXI.

Olha aquelle que desce pela lança
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde, com que alcança
 A cidade por manhas e ousadias.
 Ella por armas toma a semelhança
 Do cavalleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava: feito nunca feito!
 Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Não vês hum Castelhana, que aggravado
 De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
 Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,
 De Portugal fazendo-se inimigo?
 Abrantes villa toma, acompanhado
 Dos duros infieis que traz comsigo.
 Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
 O desbarata e o prende ousadamente.

XXIII.

Martin Lopes se chama o cavalleiro,
 Que destes levar pôde a palma e o louro.
 Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o bago de ouro:
 Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro
 Em não negar batalha ao bravo Mouro:
 Olha o signal no ceo que lhe apparece,
 Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV.

Vês? vão os Reis de Cordova e Sevilha
 Rotos, co' os outros dous, e não de espaço;
 Rotos? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deos, que não de humano braço.
 Vês? ja a villa de Alcacere se humilha,
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma alli coroa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarves, e ja nella
 Não acha quem por armas lhe resista:
 Com manha, esfôrço e com benigna estrellla,
 Villas, castellos toma á escala vista.
 Vês Tavila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
 Sylves, que elle ganhou com fôrça ingente:
 He Dom Paio Correa, cuja manha
 E grande esfôrço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres que em França e Hespanha
 Se fazem conhecer perpetuamente
 Em desafios, justas e torneos,
 Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Ve-los? co'o nome vem de aventureiros
 A Castella, onde o preço sós levárão
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,
 Que com damno de alguns se exercitárão.
 Vê mortos os soberbos cavalleiros,
 Que o principal dos tres desafiárão,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
 Que póde não temer a Lei Lethea.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta;
 Que a patria que de hum fraco fio pende,
 Sôbre seus duros hombros a sustenta.
 Não no vês tinto de ira, que reprende
 A vil desconfiança, inerte e lenta,
 Do povo, e faz que tome o doce freio
 De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX.

Olha: por seu conselho, e ousadia
 De Deos guiada só, e de sancta estrella,
 Só pôde, o que impossibil parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Vês por industria, esforço e valentia,
 Outro estrago, e victória clara e bella,
 Na gente, assi feroz como infinita,
 Que entre o Tartesso e Guadiana habita? 155

*1. - A Lei Lethea, isto é - a lei da agressão. Letheus é
 nome mythologico do - rio da agressão.*

XXX.

Mas não vês quasi ja desbaratado
 O podêr Lusitano, pela ausencia
 Do capitão devoto, que apartado
 Orando invoca a summa e trina Essencia?
 Ve-lo com pressa ja dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra podêr tamanho; e que viesse,
 Porque consigo esforço aos fracos dêsse?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
 Que inda não era tempo, respondia;
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victória, que logo lhe daria.
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve
 Ouvir quizeres como se nomeia,
 Portuguez Scipião chamar-se deve,
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arreja.
 Ditosa patria que tal filho teve!
 Mas antes pae; que em quanto o sol rodeia
 Este globo de Ceres¹ e Neptuno,²
 Sempre suspirará por tal alumno.

¹ Ceres - deusa da ceirva

² Neptuno - deus dos mares

XXXIII.

Na mesma guerra vê que prêzas ganha
Est' outro capitão de pouca gente!
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavão roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o último dano:
De Xerez rouba o campo e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés, diante pôsto.

XXXV.

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor polos tomar se estendem:
Porém logo sentirão com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antigamente que trezentos
 Ja contra mil Romanos pelejarão,
 No tempo que os viris atrevimentos
 De Viriato tanto se illustrarão.
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraveis, de herança nos deixarão,
 Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
 O que depois mil vezes amostrámos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
 Progenie generosa de Joanne:
 Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane:
 Este, que ella nos mares o publique
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceíta a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria?
 Vês? outro Conde está, que representa
 Em terra Marte, em fôrças e ousadia:
 De podêr defender se não contenta
 Alcacere da ingente companhia;
 Mas do seu Rei defende a chara vida,
 Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias, que os pintores
 Aqui tambem por certo pintarião;
 Mas falta-lhe pincel, faltão-lhe côres,
 Honra, prémio, favor, que as artes crião:
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degenerão certo, e se desvião
 Do lustre, e do valor dos seus passados,
 Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles paes illustres que ja derão
 Principio á geração que delles pende,
 Pola virtude muito então fizerão,
 E por deixar a casa que descende.
 Cegos! que dos trabalhos que tiverão,
 Se alta fama e rumor delles se estende,
 Escuros deixão sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,
 Sem nenhum tronco illustre donde venhão;
 Culpa de Reis, que ás vezes a privados
 Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenhão.
 Estes os seus não querem ver pintados,
 Credo que côres vâas lhe não convenhão;
 E como a seu contrário natural,
 Á pintura que falla querem mal.

XLII.

Não nego que ha com tudo descendentes
 De generoso tronco e casa rica,
 Que com costumes altos e excellentes
 Sustentão a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
 O Gama, que alli mostra a vária tinta;
 Que a douta mão tão claros, tão perfectos,
 Do singular artifice alli pinta.
 Os olhos tinha promptos e direitos
 O Catual na história bem distinta:
 Mil vezes perguntava, e mil ouvia
 As gostosas batalhas que alli via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do horizonte, e luminosa
 Levava aos antipodas o dia,
 Quando o Gentio, e a gente generosa
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso, que descansa
 Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV.

Entretanto os haruspices¹ famosos
 Na falsa opinião, que em sacrificios
 Antevem sempre os casos duvidosos
 Por signaes diabolicos e indicios;
 Mandados do Rei proprio, estudiosos
 Exercitavão a arte e seus officios,
 Sôbre esta vinda desta gente estranha,
 Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro
 De como a nova gente lhe seria
 Jugo perpétuo, eterno captiveiro,
 Destruição de gente, e de valia.
 Vai-se espantado o attonito agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos, que alcançara
 Nas entranhas das victimas que olhára.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
 Sacerdote da lei de Mafamede,
 Dôs odios concebidos não remoto
 Contra a divina Fé, que tudo excede,
 Em fórma do propheta falso e noto,
 Que do filho da escrava Agar procede,
 Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
 Que de seus odios inda se não dece.

1. Haruspices ou aruspices = advinhões ou agouros.
 2. pretendiam predir o futuro p. a inspecção das
 entranhas dos animais.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
 Do mal que se apparelha pelo inigo,
 Que pelas águas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo.
 Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
 Espantado do sonho: mas consigo
 Cuida que não he mais que sonho usado:
 Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
 O grão legislador, que a teus passados
 Têe mostrado o preceito a que obedeces,
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces?
 Pois saberás, que aquelles que chegados
 De novo são, serão mui grande dano
 Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a fôrça desta gente,
 Ordena como em tudo se resista;
 Porque quando o sol sahe, facilmente
 Se pôde nelle pôr a aguda vista:
 Porém depois que sobe claro e ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tão cega fica, quanto ficareis
 Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle e o somno se despede:
 Tremendo fica o attonito Agareno:
 Salta da cama, lume aos servos pede,
 Lavrando nelle o férvido veneno.
 Tanto que a nova luz, que ao sol precede,
 Mostrára rosto angelico e sereno,
 Convoca os principaes da torpe seita,
 Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres e contrarios
 Alli se dão, segundo o que entendião:
 Astutas traições, enganos varios,
 Perfidias inventavão e tecião.
 Mas deixando conselhos temerarios,
 Destruição da gente pretendião
 Por manhas mais subtis e ardis melhores,
 Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
 Concilião da terra os principaes;
 E com razões notaveis e discretas
 Mostrão ser perdição dos naturaes;
 Dizendo que são gentes inquietas,
 Que os mares discorrendo Occidentaes,
 Vivem só de piraticas rapinas,
 Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
 De olhar que os conselheiros, ou privados,
 De consciencia e de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados!
 Porque, como estê pôsto na superna
 Cadeira, pôde mal dos apartados
 Negocios ter noticia mais inteira,
 Da que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tão pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciencia limpa e certa,
 Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
 Onde ambição a caso ande encoberta.
 E quando hum bom em tudo he justo e santo,
 Em negocios do mundo pouco acerta;
 Que mal com elles poderá ter conta
 A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
 Que o Gentilico povo governavão,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portuguez despacho dilatavão.
 Mas o Gama, que não pretende mais
 De tudo quanto os Mouros ordenavão,
 Que levar a seu Rei hum signal certo
 Do mundo, que deixava descoberto;

LVII.

Nisto trabalha só; que bem sabia,
 Que depois que levasse esta certeza,
 Armas, e naos, e gente mandaria
 Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo e lei sobmetterá
 Das terras e do mar a redondeza:
 Que elle não era mais que hum diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse;
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejasse.
 O Rei, que da notícia falsa e indina
 Não era d'espantar se s'espantasse;
 Que tão credulo era em seus agouros,
 E mais sendo affirmados pelos Mouros;

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
 Por outra parte a fôrça da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Hum desejo immortal lhe accende e atixa;
 Que bem vê que grandissimo proveito
 Fara, se com verdade e com justiça
 O contrato fizer por longos annos,
 Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sôbre isto nos conselhos que tomava,
 Achava mui contrarios pareceres;
 Que naquelles com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus podêres.
 O grande Capitão chamar mandava;
 A quem chegado disse: Se quizeres
 Confessar-me a verdade limpa e nua,
 Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
 Que de teu Rei me deste, que he fingida;
 Porque nem tu tês Rei, nem patria amada;
 Mas vagabundo vás passando a vida:
 Que quem da Hesperia última alongada,
 Rei, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir commetter com naos e frotas
 Tão incertas viagens e remotas?

LXII.

E se de grandes reinos poderosos
 O teu Rei tõe a régia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Signaes de tua incognita verdade?
 Com peças e dons altos sumptuosos
 Se lia dos Reis altos a amizade:
 Que signal nem penhor não he bastante
 As palavras d'hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como ja forão homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia ou morte;
Que por se sustentar em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
C'hum a alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influa,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

Se os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causárão que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpétua inimicia
Na geração de Adão co'a falsidade
(Ó poderoso Rei) da torpe seita,
Não concebêras tu tão má suspeita. ¹⁶¹

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interêsse
Viria experimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo.
Mas se a Fortuna tanto me sublina,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com qué minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da última Hesperia a ti me mande,
 O coração sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possibil tõe por grande.
 Bem parece que o nobre e grão conceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, e fé de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propuzerão
 De vencer os trabalhos e perigos,
 Que sempre ás grandes cousas se oppuzerão.
 E, descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretendêrão
 De saber que fim tinhão, e onde estavam
 As derradeiras praias que lavavão.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que arou primeiro
 O mar, por ir deitar do ninho charo
 O morador de Abyla derradeiro.
 Este, por sua indústria e engenho raro
 N' hum madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pôde a parte, que faz clara
 De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.¹⁶²

LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros
 No peito as ousadias, descobrirão
 Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
 Que huns succedendo aos outros proseguirão.
 De Africa os moradores derradeiros
 Austraes, que nunca as sete flammias virão,
 Forão vistos de nós, atraz deixando
 Quantos estão os Tropicós queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
 Proposito vencemos a Fortuna,
 Até que nós no teu terreno estranho
 Viemos pôr a última columna.
 Rompendo a fôrça do liquido estanho,
 Da tempestade horrifica e importuna,
 A ti chegámos, de quem só queremos
 Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
 Qual, não sendo isto assi, sperar podia,
 Tão longo, tão fingido e vão proemio:
 Mas antes descansar me deixaria
 No nunca descansado e fero gremio
 Da madre Tethys, qual pirata inico,
 Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
 Têes por qual he, sincera e não dobrada,
 Ajunta-me ao despacho brevidade,
 Não me impidas o gôsto da tornada.
 E se inda te parece falsidade,
 Cuida bem na razão que está provada,
 Que com claro juizo póde ver-se;
 Que facil he a verdade d'entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
 Com que provava o Gama o que dizia:
 Concebe delle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia:
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na autoridade grão valia:
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
 Que espera do contracto Lusitano,
 O faz obedecer, e ter respeito
 Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
 Em fim ao Gama manda que direito
 Ás naos se vá, e seguro d'algum dano
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Ja da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação; que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mau regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse.
Ja com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendêra.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam
 Corruptos pela Maumefana gente,
 O principal por quem se governavão
 As cidades do Samorim potente:
 Delle somente os Mouros esperavão
 Efeito a seus enganos torpemente.
 Elle, que no concêrto vil conspira,
 De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere
 Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
 E que assi lho mandára, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal.
 Por que razão lhe impede e lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal?
 Pois aquillo que os Reis ja tõe mandado,
 Não póde ser por outrem derogado.

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na phantasia algum subtil e astuto
 Engano diabolico e estupendo;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido estava vendo,
 Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Maumetas,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar a terra as naos que longe estão,
Porque melhor dalli fosse e tornasse.
Signal he de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama,
Phantasiando está remedio certo,
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava:
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,
 Que de raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso;
 E, sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes e telhado,
 Trémulo aqui, alli dessocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrára
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co'os batéis, como ordenára:
 Logo secretamente lhe mandava,
 Que se tornasse á frota, que deixára,
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Maumetanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
 Imitar os illustres, e igualá-los:
 Voar co'o pensamento a toda parte,
 Adivinhar perigos e evitá-los:
 Com militar engenho e subtil arte
 Entender os imigos, e enganá-los;
 Crer tudo em fim; que nunca louvarei
 O capitão que diga: Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,
 Se não manda chegar a terra a armada;
 Elle constante, e de ira nobre acceso,
 Os ameaços seus não teme nada:
 Que antes quer sôbre si tomar o pêso
 De quanto mal a vil malícia ousada
 Lhe andar armando, que pôr em ventura
 A frota de seu Rei, que tõe segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
 E parte do outro dia; quando ordena
 De se tornar ao Rei: mas impedido
 Foi da guarda que tinha não pequena.
 Commette-lhe o Gentio outro partido,
 Temendo de seu Rei castigo ou pena,
 Se sabe esta malícia; a qual asinha
 Sabera, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, para terra,
 Para que de vagar se troque e venda;
 Que quem não quer commércio, busca guerra.
 Postoque os maos propositos entenda
 O Gama, que o damnado peito encerra,
 Consente; porque sabe por verdade,
 Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertão-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas em que venha;
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficão Alvaro e Diogo,
Que apodessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rôgo
No peito vil o prémio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pola fazenda.

XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interêsse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que ja lhe não convinha
Tornar a terra; porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia ja do cobiçoso
 Regedor corrompido e pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Póde o vil interêsse, e sêde imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threício,
 Só por ficar senhor do grão thesouro:
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
 Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
 Que a trôco do metal luzente e louro
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
 Faz traidores e falsos os amigos:
 Este aos mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz e desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicação, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador e illude;
Mas não sem côr, com tudo, de virtude.



OS LUSIADAS.

CANTO NONO.

I.

Tiverão longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha e falsidade
Fazem que não lha comprem mercadores:
Que todo seu proposito e vontade
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egyptio Ptolemeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

IV.

Por estas naos os Mouros esperavão;
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commércio lhe tomavão,
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavão,
Que ja não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos e gentes,
Que para quanto tõe determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influo piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavão,
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno;
Que 'agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal aperecebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama;
E que despacho ja não esperava
Melhor do Rei, que os Maumetanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás naos: e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse, com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Forão sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás naos vierão
A vender pedraria que trouxerão.

X.

Erão estes, antiguos mercadores
Ricos em Calecut e conhecidos:
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas ja nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxão pela amarra,
Outros quebrão co'o peito duro a barra.

XI.

Outros pendem da vêrga, e ja desatão
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatão
A pressa, com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matão,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixão que perdidos
Huns tõe os paes, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda livremente,
 A pezar dos inimigos Maumetanos,
 Porque lhe torne a sua presa gente:
 Desculpas manda o Rei de seus enganos.
 Recebe o Capitão de melhor mente
 Os presos, que as desculpas; e tornando
 Alguns negros, se parte, as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
 Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
 Em querer delle paz; a qual pretende
 Por firmar o commercio que tratava.
 Mas como aquella terra, que se estende
 Pela Aurora, sabida ja deixava,
 Com estas novas torna á patria chara,
 Certos signaes levando do que achára.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
 Por força, dos que ao Samorim mandára,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leva pimenta ardente, que comprára:
 A sêcca flor de Banda não ficou,
 A noz e o negro cravo, que faz clara
 A nova ilha Maluco, co' a canella,
 Com que Ceilão he rica, illustre e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos;

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes;
Vir a lograr o prémio que ganhára
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tõe por gôsto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria,¹ que ordenada
 Era para favor dos Lusitanos
 Do padre eterno, e por bom genio dada,
 Que sempre os guia ja de longos annos;
 A glória por trabalhos alcançada,
 Satisfação de bem soffridos danos,
 Lhe andava ja ordenando, e pretendia
 Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Despois de ter hum pouco revolido
 Na mente o largo mar, que navegárão,
 Os trabalhos que pelo Deos nascido
 Nas Amphioneas Thebas se causarão;
 Ja trazia de longe no sentido,
 Para prémio de quanto mal passarão,
 Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
 No reino de crystal liquido e manso:

XX.

Algum repouso em fim, com que pudesse
 Refocilar a lassa humanidade
 Dos navegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que encurta a breve idade.
 Parece-lhe razão que conta dêsse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os deoses faz descer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

1 - Deosa Cypria - Venus - Cypria dea,
 da ilha Cypre
 2 - Amphioneas, adjectivo de Amphion, ou Thebes
 ou divindade mythologica, g. os portos de
 Thebes. Ter sido adivinhada por os romanos.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das águas alguma insula divina,
Ornada d' esmaltado e verde arreio:
Que muitas tõe no reino que confina
Da mãe primeira co'o terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Para dentro das porias Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tõe titulo de bellas,
Glória dos olhos, dor dos corações,
Com danças e choreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou ja, para que aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tõe todo seu podêr, fero Cupido;
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou ja, nest'outra a ajude e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando,
 E aquellas em que já foi convertida
 Peristera, as boninas apanhando.
 Em derredor da deosa já partida,
 No ar lascivos beijos se vão dando:
 Ella por onde passa, o ar e o vento
 Sereno faz, com brando movimento.

XXV.

Ja sôbre os Idalios¹ montes pende,
 Onde o filho frecheiro estava então
 Ajuntando outros muitos; que pretende
 Fazer huma famosa expedição
 Contra o mundo rebelde, porque emende
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,
 Amando cousas, que nos forão dadas,
 Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon² na caça tão austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir hum feio animal fero,
 Foge da gente e bella fôrma humana:
 E por castigo quer, doce e severo,
 Mostrar-lhe a formosura de Diana:³
 E guarde-se não seja inda comido
 Desses cães, que agora ama, e consumido.

- 1 - Idalios, adjetivo, - pertencente as montes ou
 do que - Ida -, na ilha de Creta.
 2 - Acteon, provavelmente - deo da caça
 3 - Diana - a dea.

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bem público imagina;
 Vê nelles, que não tõe amor a mais,
 Que a si somente, e a quem Philaúcia¹ ensina.
 Vê que esses que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira e sã doutrina
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
 Amor divino e ao povo charidade,
 Amão somente mandos e riqueza,
 Simulando justiça e integridade.
 Da feia tyrannia e de aspereza,
 Fazem direito e vãa severidade:
 Leis em favor do Rei se estabelecem;
 As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
 Senão o que somente mal deseja:
 Não quer que tanto tempo se releve
 O castigo que duro e justo seja.
 Seus ministros ajunta, porque leve
 Exercitos conformes á pejeja
 Que espera ter co'a mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

1. Philaúcia - egoísmo

XXX.

Muitos destes meninos voadores
 Estão em várias obras trabalhando,
 Huns amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de settas delgaçando:
 Trabalhando, cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando;
 Melodia sonora e concertada,
 Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas frágoas immortaes, onde forjavão
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estavão,
 Vivas entranhas inda palpitantes.
 As águas onde os ferros temperavão,
 Lagrimas são de miseros amantes:
 A viva flamma, o nunca morto lume,
 Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavão
 Nos duros corações da plebe ruda:
 Crebros^o suspiros pelo ar soavão
 Dos que feridos vão da setta aguda.
 Formosas nymphas são as que curavão
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não somente dá vida aos mal feridos;
 Mas põe em vida os inda não nascidos.

s. Crebros - amirados - frequentes

XXXIII.

Formosas são algumas, e outras feias,
 Segundo a qualidade for das chagas;
 Que o veneno espalhado pelas veias
 Curão-no ás vezes asperas triagas.
 Alguns ficão ligados em cadeias,
 Por palavras subtis de sábias magas:
 Isto acontece ás vezes, quando as seitas
 Acertão de levarervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o povo ferido, miserando:
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando;
 Qual o das moças, Bibli e Cinyrea;
 Hum mancebo de Assyria; hum de Judea.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vêdes;
 E por baixos e rudos, vós senhoras,
 Tambem vos tomão nas Vulcaneas redes.
 Huns esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis telhados e paredes:
 Mas eu creio que deste amor indino
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.¹⁴³

1- Vulcaneas redes - redes de fôgo, amor adulterno

XXXVI.

Mas ja no verde prado o carro leve
 Punhão os brancos cisnes mansamente;
 E Dioné, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, descia diligente.
 O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
 A recebê-la vem, ledó e contente;
 Vem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada;
 Filho, em quem minhas fôrças sempre estão;
 Tu que as armas Typheas² tões em nada,
 A socorrer-me á tua potestade
 Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
 Que eu ja de muito longe favoreço,
 Porque das Parcas³ sei minhas amigas,
 Que me hão de venerar, e ter em preço.
 E porque tanto inilão as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lh dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o podêr nosso.

1. Dioné - deusa dos amores.

2. Typheas, adjetivo, pertencente ao gigante
 Typhoea
 Parcas, as Sirmans q. trabalham o destino
 da vida e morte: é da mythologia

XXXIX.

E porque das insídias do odioso
 Baccho¹ forão na India molestados,
 E das injúrias sós do mar undoso,
 Pudérão mais ser mortos, que cansados;
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados;
 Tomando aquelle prémio e doce glória
 Do trabalho, que faz clara a memória.

XL.

E para isso queria que feridas
 As filhas de Nereó² no Ponto fundo,
 D'amor dos Lusitanos incendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo;
 Todas n'huma ilha juntas e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De dons de Flora e Zephyro³ adornada:

XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoriferos e rosas,
 Em crystallinos paços singulares
 Formosos leitos, e ellas mais formosas:
 Em fim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as nymphas amorosas,
 D'amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

- 1 - Baccho - deus das vinhas
 2 - Nereó - deus do mar, isto é - um d'elles.
 3 - Isto é: de branda ou suave

XLII.

Quero que haja no reino Neptunino,
 Onde eu nasci, progenic forte e bella:
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se rebella;
 Porque entendão que muro adamantino,
 Nem triste hypocrisia val contra ella:
 Mal haverá na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas águas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz; e o filho unico
 Para lhe obedecer já se apercebe;
 Manda trazer o arco eburneo, rico,
 Onde as settas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto fido a Cypria e impudico
 Dentro no carro o filho seu recebe;
 A redea larga ás aves, cujo canto
 A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Huma famosa e celebre terceira,
 Que postoque mil vezes lhe he contrária,
 Outras muitas a tõe por companheira:
 A deosa gigantea, temeraria,
 Jactante, mentirosa, e verdadeira,
 Que com cem olhos vê, e por onde voa,
 O que vê, com mil bocas apregoa.

A. A. Farra

XLV.

Vão-na buscar e mandão-na diante,
 Que celebrando vá com tuba clara
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrára.
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhára:
 Falla verdade, havida por verdade;
 Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
 O coração dos deoses, que indignados
 Forão por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando, os fez hum pouco affeioados.
 O peito feminil, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por mau zêlo e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
 Huma apos outra; geme o mar co'os tiros:
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão, e algumas fazem giros:
 Cahem as nymphas, lanção das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros:
 Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama;
 Que tanto como a vista póde a fama. 175

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lã,
 Com fôrça o moço indomito excessiva,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiua.
 Ja não fica na aljava setta algũa,
 Nem nos equoreos campos nympha viva;
 E se feridas inda estão vivendo,
 Sera para sentir que vão morrendo.

XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
 Que, vêdes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas e redondas,
 Que vem por cima da água Neptunina.
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, á flamma feminina,
 He forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Ja todo o bello côro se apparelha
 Das Nereidas; e junto caminhava
 Em choreas gentis, usança velha,
 Para a ilha, a que Venus as guiava.
 Alli a formosa deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava:
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

*1. Nereidas - as filhas de Nereus, g. her
 ántica omar.*

LI.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente para a patria amada,
 Desejando prover-se de água fria
 Para a grande viagem prolongada:
 Quando juntas, com subita alegria,
 Houverão vista da ilha namorada;
 Rompendo pelo ceo a mãe formosa — (*Aurora*)
 De Memnonio, suave e delectosa.

LII.

De longe a ilha virão fresca e bella;
 Que Venus pelas ondas lha levava,
 Bem como o vento leva branca vela,
 Para onde a forte armada se enxergava:
 Que porque não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde as naos navegão a movia
 A Acidalia, que tudo em fim podia. (*Acidalia é — Venus*)

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio
 Que era dos nautas vista e demandada;
 Qual ficou Delos,¹ tanto que pario
 Latonã² Phebo,³ e a deosa á caça usada.
 Para lá logo a proa o mar abrio,
 Onde a costa fazia huma enseada
 Curva e quieta, cuja branca area
 Pintou de ruiyas conchas Cytherea. ⁴ 176

1. Delos — ilha em q. dizem os poetas ter nascido o sol
2. Latona — entidade que deusa mythologica, q. dizem os poetas ser mãe do sol
3. Phebo, epónimo de Apolo — o sol
4. Cytherea, adjectivo de Cythera, ilha em que dizem os poetas

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravão
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornavão,
 Na formosa ilha alegre e deleitosa:
 Claras fontes, e limpidas manavão
 Do cume, que a verdura tõe viçosa:
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle amenø, que os outeiros fende,
 Vinhão as claras águas ajuntar-se,
 Onde hũa mesa fazem, que se estende
 Tão bella, quanto póde imaginar-se:
 Arvoredo gentil sôbre ella pende,
 Como que prompto está para afeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil árvores estão ao ceo subindo,
 Com pomos odoriferos e bellos:
 A lorangeira tõe no fructo lindo
 A côr, que tinha Daphné¹ nos cabellos:
 Encosta-se no chão, que está cahindo
 A cidreira co' os pezos amarellos:
 Os formosos limões, alli cheirando
 Estão virgineas tetas imitando.

1. Daphné - Deusa fabulosa, filha de Peneo, aq.
 do transformou em - loureiro.

LVII.

As árvores agrestes, que os outeiros
 Têe com frondente coma ennobrecidos,
 Aremos são de Alcides, e os loureiros
 Do louro deos amados e queridos;
 Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
 De Cybele, por outro amor vencidos:
 Está apontando o agudo cypariso — *(a arvore - cypariso)*
 Para onde he pôsto o ethereo paraíso.

LVIII.

Os dons que dá Pomona,¹ alli natura
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura;
 Que sem ella se dão muito melhores:
 As cerejas purpureas na pintura;
 As amoras, que o nome têe de amores;
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
 Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
 Vide, e'huns cachos roxos e outros verdes.
 E vós, se na vossa arvore fecunda,
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,
 Entregai-vos ao damno que co'os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos. 177

1. Pomona - deusa do outeiro, dos jardins, dos fructos

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Alli a cabeça a flor Cephisia inclina *Cephisia - fonte em U. Pa.*
 Sobolo tanque lucido e sereno:
 Florece o filho e neto de Cinyras, *(Cinyras - rei de Chipr.)*
 Por quem tu, deosa Paphia,¹ inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fôra,
 No ceo vendo e na terra as mesmas côres,
 Se dava ás flores côr a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava alli Zephyro,² e Flora, *(deusa das flores)*
 As violas, da côr dos amadores;
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella:

LXII.

A candida cecem, das matutinas
 Lagrimas rociada, e a mangerona:
 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,³
 Tão queridas do filho de Latona:⁴
 Bem se enxerga nos pomos e boninas,
 Que competia Chloris⁵ com Pomona.⁵
 Pois se as aves no ar cantando voão,
 Alegres animaes o chão povoão.

¹ Zephyro - o vento brando e agradável, e brisa.
² Paphia - epíteto de Venus, q. a deusa adorada em Chipr.
³ Hyacinthinas - adjetivo, cor de jacinto.
⁴ Latona - mãe de Sol.
⁵ Chloris - prociacim. deusa das flores; o rim. q. Flora.

LXIII.

Ao longo da água o niveo cisne canta,
 Responde-lhe do ramo philomela:
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n'água crystallina e bella.
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, ou timida gazella:
 Alli no bico traz ao charo ninho
 O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavão
 Ja das naos os segundos Argonautas,²
 Onde pela floresta se deixavão
 Andar as bellas deosas, como incautas.
 Algumas doces citharas tocavão,
 Algumas arpas e sonoras frautas,
 Outras co' os arcos de ouro se fingião
 Seguir os animaes, que não seguião.

LXV.

Assi lho aconselhára a mestra experta,
 Que andassem pelos campos espalhadas;
 Que vista dos Barões a prêza incerta,
 Se fizessem primeiro desejadas.
 Algumas, que na fórma descoberta
 Do bello corpo estavão confiadas,
 Posta a artificiosa formosura,
 Nuas lavar se deixão na água pura. ¹⁷⁹

1. Acteon - deus da caça, que se tornou cego por ter visto a Diana em sua
 2. Argonautas, nome q. se dá aos primeiros navegantes

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
 Punhão os pés, de terra cobiçosos;
 Que não ha nenhum delles, que não saia,
 De acharem caça agreste desejosos;
 Não cuidão que sem laço ou redes caia
 Caça naquelles montes deleitosos
 Tão suave, doméstica e benina,
 Qual ferida lha tin' a ja Erycina.

LXVII.

Alguns que em espingardas e nas béstas
 Para ferir os cervos se fiavão,
 Pelos sombrios matos e florestas,
 Determinadamente se lançavão:
 Outros nas sombras, que das altas sestas
 Defendem a verdura, passeavão
 Ao longo d'água, que suave e queda
 Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começão de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos várias côres;
 Côres de quem a vista julga e sente,
 Que não erão das rosas ou das flores;
 Mas da lã fina e seda differente,
 Que mais incita a fôrça dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se por arte mais formosas.

1 - Erycina - é ^{uma} am. Venus, adorna no monte Cith

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A deosas he sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lanção a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixão ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e d'outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de indústria cahe, e ja releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sôbre ella, empecendo, tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
 Com as deosas despidas, que se lavão:
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavão.
 Humas fingindo menos estimar
 A vergonha que a fôrça, se lançavão
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
 Á vergonha da deosa caçadora,
 Esconde o corpo n'água; outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tõe fóra.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi e calçado (que co'a mora
 De se despir ha medo que inda tarde)
 A matar na água o fogo que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
 Usado a tomar n'água a ave ferida,
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
 Para a garcenha ou pata conhecida,
 Antes que sôe o estouro, mal soffrido
 Salta n'água, e da prêza não duvida;
 Nadando vai e latindo: assi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo. — *Phébo - out*

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,
 A quem amor não dera hum só desgosto,
 Mas sempre fôra d'elle maltratado;
 E tinha ja por firme presupposto
 Ser com amores mal affortunado;
 Porém não que perdesse a esperança
 De inda podêr seu fado ter mudança;

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
 Apos Ephyre¹, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria
 O que deo para dar-se a natureza.
 Ja cansado correndo lhe dizia:
 Ó formosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansão, nympha pura,
 Rendendo-se á vontade do inimigo:
 Tu só de mi só foges na espessura?
 Quem te disse, que eu era o que te sigo?
 Se to tõe dito ja aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 Oh não na creas, porque eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

1 Ephyre - nympha f. do leão

LXXVIII.

Não cansas; que me cansas: e se queres
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,
 Minha ventura he tal, que inda que esperes,
 Ella fara que não possa alcançar-te.
 Espera: quero ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te:
 E notarás no fim deste successo,
 Tra la spiga e la man qual muro é messo.

LXXIX.

Oh não me fujas! assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua formosura!
 Que só com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a fôrça dura.
 Que Imperador, que exército se atreve
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejei me vai seguindo?
 O que tu só faras não me fugindo.

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me hum coração, que livre tinha?
 Solta-mo, e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas? Ou depois de presa,
 Lhe mudaste a ventura, e menos peza?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o pêzo della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Se lhe mudará a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII.

Ja não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto ja sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tão suaves! que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais paixão na manhã e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he experimenta-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não póde experimentá-lo.

LXXXIV.

Dest' arte em fim conformes ja as formosas
 Nymphas, co'os seus amados navegantes,
 Os ornão de capellas deleitosas
 De louro, e de ouro, e flores abundantes:
 As mãos alvas lhe davão como esposas:
 Com palavras formaes e estipulantes
 Se promettem eterna companhia,
 Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha
 Todo o côro das nymphas e obedece,
 Que dizem ser de Celo¹ e Vestá² filha, *(Tethys)*
 O que no gesto bello se parece;
 Enchendo a terra e o mar de maravilha,
 O Capitão illustre, que o merece,
 Recebe alli com pompa honesta e régia,
 Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,
 C'hum alto exordio de alta graça ornado,
 Dando-lhe a entender, que alli viera
 Por alta influição do immobil fado,
 Para lhe descobrir da unida esphera
 Da terra immensa e mar não navegado
 Os segredos, por alta prophecia,
 O que esta sua nação só merecia:

1 - Celo - provavelm^{te} deos dos astros
 2 - Vestá - deusa da Terra.

LXXXVII.

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cune d'hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fábrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui paixão do dia
Em doces jogos e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O prémio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 Lá no estellante Olympo, a quem subia
 Sôbre as azas inclytas da fama
 Por obras valerosas que fazia,
 Pelo trabalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude alto e fragoso,
 Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI.

Não erão senão premios, que reparte
 Por feitos immortaes e soberanos
 O mundo co'os barões, que esforço e arte
 Divinos os fizerão, sendo humanos:
 Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
 Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
 Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
 Todos forão de fraca carne humana.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhe deo no mundo nomes tão estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais,
 Indigetes,¹ Heroicos, e de Magnos.
 Por isso, ó vós que as famas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do somno do ocio ignavo,
 Que o ânimo de livre faz escravo.

1 - Varão - heroe - divinizado, homideus.

XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambição tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
 Vício da tyrannia infame e urgente:
 Porque essas honras vâas, esse ouro puro,
 Verdadeiro valor não dão á gente:
 Melhor he merecê-los sem os ter,
 Que possui-los sem os merecer.

XCIV.

Ou dae na paz as leis iguaes, constantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
 Fareis os reinos grandes e possantes,
 E todos tereis mais e nenhum menos:
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
 Agora co' os conselhos bem cuidados;
 Agora co' as espadas, que immortais
 Vos farão, como os vossos ja passados:
 Impossibilidades não façais;
 Que quem quiz sempre pôde: e numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

I.

Mas ja o claro amator da Larissea¹⁾
Adúltera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão²⁾ nos fins Occidentaes:
O' grande ardor do sol Favonio³⁾ enfrea
Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a água serena, e despertava
Os lirios e jasmims que a calma aggrava:

II.

Quando as formosas nymphas co' os amantes
Pela mão, ja conformes e contentes,
Subião para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem de cansada natureza.

1- Larissar - adji. e. da Larissa, cid. da
sahia, na Syria.

2- Temistitão - provavelm. alg. cid. occidental

3- Favonio - o m. g. Zephyrus - o vento brande.

III.

Alli em cadeiras ricas crystallinas
Se assentão dous e dous, amante e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A que não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'água fria.

V.

Mil práticas alegres se tocavão,
Risos doces, subtis e argutos ditos,
Que entre hum e outro manjar se alevantavão,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavão,
Quaes no profundo reino os nus espiritos
Fizerão descansar da eterna pena,
Com a voz d'huma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella Nympha, e co'os accentos
 Que pelos altos paços vão soando,
 Em consonancia igual os instrumentos
 Suaves vem a hum tempo conformando.
 Hum subito silencio enfreia os ventos,
 E faz ir docemente murmurando
 As águas e nas casas naturaes
 Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
 Altos barões, que estão por vir ao mundo,
 Cujas claras ideas vio Proteo — *Conduz q. tem a sua Torre
 as parnas*
 N'hum globo vão, diaphano, rotundo;
 Que Jupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos, e depois no reino fundo
 Vaticinando o disse; e na memória
 Recolheo logo a nympha a clara história.

VIII.

Materia he de cothurno, e não de socco,
 A que a nympha apprendeo no immenso lago,
 Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
 Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
 Aqui, minha Calliope, te invoco
 Neste trabalho extremo, porque em pago
 Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
 O gôsto de escrever, que vou perdendo.

1 - Calliope - a musa q. inspira a poesia heroica

IX.

Vão os annos descendo, e ja do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual ja não me jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha.

X.

Cantava a bella deosa que virião
Do Tejo pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras vencerião,
Por onde o Oceano Indico suspira.
E que os gentios Reis, que não darião
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provarião do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI.

Cantava d'hum, que tõe nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera d'amizade,
Soffrerá suas cidades e lugares
Com ferro, incendios, ira e crueldade
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios tera co'a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si o mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano.
O pêso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n'água os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur e de Tanor
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fara que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz e Cananor,
D'ambas as leis inimigas para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar tera admirado.
Commetterà outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

XVI.

Ja não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem razas,
Fara que os seus, da vida pouco escassos,
Commettão o Pacheco, que tõe azas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D' hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
Mas hum tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Ja não verá remedio, ou manha boa,
Nem fôrça, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fara menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,
 Pelejar com o invicto e forte Luso,
 A quem nenhum trabalho peza e aggrava;
 Mas com tudo este só o fara confuso:
 Trara para a batalha horrenda e brava
 Máchinas de madeiros fóra de uso,
 Para lhe abalroar as caravelas;
 Que atelli vão lhe fóra commettê-las.

XIX.

Pela água levará serras de fogo
 Para abraçar-lhe quanta armada tenha:
 Mas a militar arte e engenho logo
 Fara ser vã a braveza com que venha.
 Nenhum claro barão no Marcio jôgo,
 Que nas azas da fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma:
 E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados;
 Ou parecerão fábulas sonhadas,
 Ou que os celestes coros invocados
 Descerão a ajudá-lo, e lhe darão
 Esfôrço, fôrca, ardil e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão podêr de Dário estrue e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o podêr Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
O grande esfôrço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no côro
Das Musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tões com quem podes consolar-te!

XXIII.

Aqui tões companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro.
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
 N'humã apparencia branda que os contenta,
 Dão os premios de Aiace merecidos,
 Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
 Mas vingó-me, que os bens mal repartidos
 Por quem só doces sombras apresenta,
 Se não os dão a sabios cavalleiros,
 Dão-nos logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
 Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
 Se não es para dar-lhe honroso estado,
 He elle para dar-te hum reino rico.
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos Apollineos raios, eu te fico,
 Que elle seja entre a gente illustre e claro,
 E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome Real, e traz consigo
 O filho, que no mar será illustrado,
 Tanto como qualquer Romano antigo.
 Ambos darão com braço forte, armado,
 A Quiloa fertil aspero castigo,
 Fazendo nella Rei leal e humano,
 Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arreia
 De casas sumptuosas e edificios,
 Co'o ferro e fogo seu queimada e feia
 Em pago dos passados maleficios.
 Depois na costa da India, andando cheia
 De lenhos inimigos e artificios
 Contra os Lusos, com velas e com remos
 O mancebo Lourenço fara extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente
 Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
 Que sahe com trovão do cobre ardente,
 Fara pedaços leme, mastro, vela.
 Depois, lançando arpeos ousadamente
 Na capitaina imiga, dentro nella
 Saltando, a fara só com lança e espada
 De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
 (Que ella só sabe o bem de que se serve)
 O pora onde esforço nem prudencia
 Poderá haver, que a vida lhe reserve.
 Em Chaul, onde em sangue e resistencia
 O mar todo com fogo e ferro ferve,
 Lhe farão que com vida se não saia
 As armadas d'Egypto e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com fôrça rende,
Os ventos, que faltárão, e os perigos
Do mar, que sobejárão, tudo o offende.
Aqui resurjão todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se apprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficára:
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co'a alma o corpo se liára.
Ella sôlta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança ja lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem ja dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pae com animo estupendo,
Trazendo furia e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo
Que o sangue fara dar pelos gíolhos
Nas inimigas naos; senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho ou alta faia,
E o ar ferindo, as fôrças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada affia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fara 'spalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tõe por malhas.
Á de Melique Yaz acautelada
Co'os pelouros, que tu Vulcano espalhas,
Fara ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos e ouvidos,
He fumo, ferro, flammæ e alaridos.

XXXVII.

Mas ah! que desta próspera victória
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa glória
Hum successo que triste e negro vejo.
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não tera pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tirarão toda a India e Egyto.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros inimigos não puderão;
E rudos paos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizerão.
Occultos os juizos de Deos são:
As gentes vâas, que não os entendêrão,
Chamão-lhe fado mao, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a nympha, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamão
De São-Lourenço, e em todo o Sul se affamão!

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusão o jugo honroso e brando.
Alli verão as settas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes não defendem
De corrupão os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á fôrça só de braço apprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçãõ de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Victoria a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vãa de medo ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Em que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

XLIII.

Eis ja sôbre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que ja te vejo armada,
Malaioz namorados, Jaos valentes,
Todos faras ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estações cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura;
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refreia,
Põe na fama alva nota negra e feia.

XLVIII.

Vio Alexandre a Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado experimentado,
Nem vendo-se n'hum cêrco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava ja abrazado
Araspas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomára em guarda, e promettia
Que nenhum mau desejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa que vencido
Fôra de Amor, que em fim não tõe defenza,
Levemente o perdoa; e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por fôrça, de Juditha foi marido
O ferreo Balduino; mas dispensa
Carlos pae della, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

L.

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Giddá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Ja pelo nome antiguo tão famosa,
 Quanto agora soberba e soberana
 Pela cortiça calida, cheirosa;
 Della dara tributo á Lusitana
 Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
 Vencendo, se erguerá na tórre erguida
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas¹
 Dividindo, abrirá novo caminho
 Para ti, grande imperio, que te arreas
 De seres de Candace e Sabá ninho.
 Maçua, com cisternas de água cheas,
 Verá, e o porto Arquico allí visinho;
 E fara descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá depois Meneses, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá tera provado:
 Castigará de Ormuz soberba o êrro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.
 Tambem, tu Gama, em pago do destêrro
 Em que estás, e serás inda tornado,
 Co'os titulos de Conde e honras nobres
 Virás mandar a terra que descobres.¹³¹

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
 De que ninguem se exime dos humanos,
 Illustrado co' a Regia dignidade,
 Te tirará do mundo e seus enganos.
 Outro Meneses logo, cuja idade
 He maior na prudência que nos annos,
 Governará, e fará o ditoso Henrique
 Que perpétua memória delle fique.

LV.

Não vencerá somente os Malabares,
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Commettendo as bombardas, que nos ares
 Se vingão só do peito que as commette;
 Mas com virtudes certo singulares,
 Vence os inimigos d'alma todos sete,
 De cobiça triumpho e incontinencia;
 Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas depois que as estrellas o chamarem,
 Succederás, ó forte Mascarenhas;
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometto-te que fama eterna tenhas.
 Para teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroadas,
 Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injúrias de mil annos
Vingarás co' o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas e submettas.

LVIII.

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e semrazão,
Com fôrças e podêr em que está posto,
Não vence; que a victória verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

Mas com tudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fara cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido delle venha
Cuitale, com quanta armada tenha.

LX.

E não menos de Dio a fera frota,
 Que Chaul temerá de grande e ousada,
 Fara co' a vista só perdida e rota
 Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
 Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
 Que na costa Cambaica sempre armada
 Será aos Guzarates tanto dano,
 Quanto ja foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
 Cunha, que longo tempo tõe o leme:
 De Chale as tórres altas erguerá,
 Em quanto Dio illustre delle treme.
 O forte Baçaim se lhe dará,
 Não sem sangue porém; que nelle geme
 Melique, porque á fôrça só de espada
 A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
 De Dio os Runes feros affugenta;
 Dio, que o peito e bellico exercicio
 De Antonio da Sylveira bem sustenta.
 Fara em Noronha a morte o usado officio,
 Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
 No govêrno do imperio; cujo zêlo
 Com medo o Roxo mar fara amarello.

LXIII.

Das mãos do teu Estevão vem tomar
As redeas hum, que ja será illustrado
No Brasil com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois, Capitão mor do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dara na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecut; que a si com quantos veio
O fara retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co' o furor do ferro e fogo:
Em si verá Beadala o Marcio jôgo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
 Virá depois com sceptro a governá-la,
 Sem que ache resistencia nem perigos;
 Que todos tremem delle, e nenhum falla.
 Só quiz provar os asperos castigos
 Batalalá, que víra ja Beadala:
 De sangue e corpos mortos ficou cheia,
 E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
 O nome tõe co'as obras derivado;
 Tanto em armas illustre em toda parte,
 Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
 Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
 Portuguez tera sempre levantado:
 Conforme successor ao succedido;
 Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas feroces, Abassis, e Rumes
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes;
 Que mil nações ao cêrco feras vem;
 Farão dos ceos ao mundo vãoos queixumes
 Porque huns poucos a terra lhe detem:
 Em sangue Portuguez jurão descridos
 De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos e leões,
 Trabucos feros, minas encobertas
 Sustenta Mascarenhas co'os barões,
 Que tão ledos as mortes tõe por certas:
 Até que nas maiores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
 Onde o violento fogo com ruido
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Será alli arrebatado e ao ceo subido.
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
 E tõe o caminho humido impedido,
 Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.

LXXI.

Eis vem depois o pae, que as ondas corta
 Co' o restante da gente Lusitana;
 E com fôrça, e saber, que mais importa,
 Batalha dá felice e soberana:
 Huns, paredes subindo, escusão porta,
 Outros a abrem na fera esquadra insana:
 Feitos farão tão dignos de memória,
 Que não caibão em verso ou larga história.

LXXII.

Este depois em campo se apresenta
 Vencedor forte e intrepido ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalcão do braço triumphante
 Que castigando vai Dabul na costa:
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros barões, por várias partes
 Dignos todos de fama e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos desta ilha,
 Varrendo triumphantes estandartes,
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas nymphas e estas mesas,
 Que glórias e honras são de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a nympha; e as outras todas
 Com sonoro applauso vozes davão,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravão.
 Por mais que da fortuna andem as rodas,
 (N'huma consona voz todas soavão)
 Não vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, e fama gloriosa.

LXXV.

Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Virão os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema de co'os olhos corporais
Veres o que não póde a vã sciencia
Dos errados e miseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co' os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andão muito, que no erguido cume
Se achárão, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente. 106

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxerga-se bem que está composto
 De varios orbis, que a divina verga
 Compoz, e hum centro a todos só tõe posto.
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
 Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto
 Por toda a parte tõe, e em toda a parte
 Começa e acaba em fim por divina arte:

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
 Qual em fim o Archetypo, que o creou.
 Vendo o Gama este globo, commovido
 De espanto e de desejo alli ficou.
 Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou
 Do mundo aos olhos teus, para que vejas
 Por onde vás e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande máchina do mundo,
 Etherea, e elemental, que fabricada
 Assi foi do saber alto e profundo,
 Que he sem princípio e meta limitada.
 Quem cêrca em derredor este rotundo
 Globo e sua superficie tão limada,
 He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende;
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

o Archetypo - supremo architecto, Deus

LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tõe;
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambõe,
Empyreo se nomeia; onde logrando
Puras almas estão d'aquelle bõe
Tamanho, que elle só se entende e alcança;
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tõe prudencia,
Governa o mundo todo que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui pintura que varia,
 Agora deleitando, ora ensinando,
 Dar-lhe nomes, que a antiga poesia
 A seus deoses já dera, fabulando:
 Que os Anjos da ceeste companhia
 Deoses o sacro verso está chamando;
 Nem nego que esse nome preeminente
 Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
 Causas obra no mundo, tudo manda:
 E tornando, a contar-te das profundas
 Obras da mão divina veneranda,
 Debaixo deste circulo, onde as mundas
 Almas divinas gozão, que não anda,
 Outro corre tão leve e tão ligeiro,
 Que não se enxerga: he o Mobile primeiro.

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento
 Vão todos os que dentro tõe no seio:
 Por obra deste, o sol, andando a tento,
 O dia e noite faz, com curso alheio.
 Debaixo deste leve anda outro lento,
 Tão lento e subjogado a duro freio,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
 Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Ólha est'outro debaixo, que esmaltado
 De corpos lisos anda e radiantes,
 Que tambem nelle tõe curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintillantes.
 Bem vês como se veste e faz ornado
 Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
 Animaes doze traz affigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Ólha por outras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
 Ólha a Carreta,¹ attenta a Cynosura,²
 Andromeda³ e seu pae, e o Drago⁴ horrendo;
 Vê de Cassiopea⁵ a formosura,
 E do Oriente o gesto vê tremendo;
 Ólha o Cysne⁶ morrendo, que suspira,
 A Lebre⁷ e os Cães,⁸ a Nao⁹ e a doce Lyra.¹⁰

5 - Constellação e ent. for. Cassiopeia, mãe de Andromeda.

6 - Cygnus Constell. em hemisph. do sept. norte.

7-8-9-10 - idem, idem, idem.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
 Vês o ceo de Saturno,¹¹ deos antigo;
 Jupiter¹² logo faz o movimento,
 E Marte¹³ abaixo, bellico inimigo;
 O claro ôlho do ceo no quarto assento,
 E Venus,¹⁴ que os Amores traz consigo,
 Mercurio¹⁵ de eloquencia soberana:
 Com tres rostos abaixo vai Diana.¹⁶

11-12-13-14-15 e 16 - São todos as estrellas ou planetas mercurio, venus, jupiter, saturno e Marte. - deo do firmamento da antiguidade.

- 1 - A Carreta - uma constellação, q. tbm se chama - a sa - maior.
- 2 - Cynosura - outra idem, q. tbm se chama - Ursa m. m.
- 3 - Andromeda - outra idem, ou, sup. de um thelogia grega e da deusa ou princesa fabulosa, filha de Cassiopeia e Ceo da com Perseo.
- 4 - Drago ou Dragão - outra idem m. us. tbm a no norte.

XC.

Em todos estes orbes diferente
 Curso verás, n'huns grave e n'outros leve;
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estão caminho breve;
 Bem como quiz o Padre Omnipotente,
 Que o fogo fez, o ar, o vento e neve:
 Os quaes verás que jazem mais a dentro,
 E tõe, co'o mar, a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
 Que não somente ousados se contentão
 De soffrerem da terra firme os danos,
 Mas inda o mar instabil experimentão;
 Verás as várias partes, que os insanos
 Mares dividem, onde se aposentão
 Várias nações, que mandão varios Reis,
 Varios costumes seus e várias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara
 Que as outras em policia e fortaleza;
 Vês África, dos bens do mundo avara,
 Inculta, e toda cheia de bruteza,
 Co'o cabo, que atéqui se vos negára,
 Que assentou para o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita
 Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
 De selvatica gente, negra e nua;
 Onde Gonçalo morte e vituperio
 Padecerá pela Fé sancta sua.
 Nasce por este incognito hemispherio
 O metal por que mais a gente sua.
 Vê que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV.

Ólha as casas dos negros; como estão
 Sem portas confiados, em seus ninhos,
 Na justiça Real e defensão,
 E na fidelidade dos visinhos.
 Olha: delles a bruta multidão,
 Qual bando espêso e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV.

Ólha lá as alagoas, donde o Nilo
 Nasce, que não souberão os antigos;
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Christo amigos:
 Ólha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos.
 Vê Meroe, que ilha foi de antigua fama,
 Que ora dos naturaes Nobá se chama. 195

XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro;
 Ha de ser Dom Christovão o nome seu:
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.
 Vê cá a costa do mar, onde te deu
 Melinde hospicio gazalhoso e charo:
 O Rapto rio, nota, que o romance
 Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê ja Arómata chamado,
 E agora Guardafú, dos moradores,
 Onde começa a boca do affamado
 Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
 Este como limite está lançado,
 Que divide Asia de Africa; e as melhores
 Povoações, que a parte Africa tem,
 Maçua são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente
 Dizem que foi dos Héroas a cidade;
 Outros dizem que Arsinoe; e ao presente
 Tõe das frotas do Egypto a potestade.
 Ólha as águas, nas quaes abriu patente
 Estrada o grão Moysés na antigua idade.
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

Ólha o monte Sinai, que se ennobrece
 Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
 Ólha Toro, e Gidá, que lhe fallece
 Água das fontes doce e crystallina.
 Ólha as portas do estreito, que fenece
 No reino da sêcca Ádem, que confina
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

c.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga e baça;
 Donde vem os cavallos para a guerra,
 Ligeiros e feroces, de alta raça.
 Ólha a costa, que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co'o nome se appellida
 Da cidade Fartaque alli sabida.

ci.

Ólha Dofar insigne, porque manda
 O mais cheiroso incenso para as aras.
 Mas attenta: ja cá dest'outra banda
 De Roçalgate e praias sempre avaras
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras, que inda serão claras
 Quando as galés do Turco e fera armada
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Ólha o cabo Asabóro, que chamado
 Agora he Moçandão dos navegantes:
 Por aqui entra o lago, que he fechado
 De Arabia, e Persias terras abundantes.
 Attenta a ilha Barém, que o fundo ornado
 Têe das suas perlas ricas e imitantes
 Á cor da Aurora; e vê na água salgada
 Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII.

Ólha da grande Persia o imperio nobre,
 Sempre posto no campo e nos cavallos,
 Que se injuria de usar fundido cobre,
 E de não ter das armas sempre os callos.
 Mas vê a ilha Gerúm, como descobre
 O que fazem do tempo os intervallos;
 Que da cidade Armuza, que alli esteve,
 Ella o nome despois, e a glória teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos Portuguezes
 Os muitos Párseos vencerá de Lara:
 Virão provar os golpes e revezes
 De Dom Pedro de Sousa, que provára
 Ja seu braço em Ampaza, que deixada
 Tera por terra a fôrça só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della:
Carmania teve ja por appellido.
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Ólha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a íntima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada:
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada.
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Ja chamado Corí, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tõe de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Tera victórias, terras, e cidades:
Nas quaes hão de viver muitas idades. 201

CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio
 Vês com várias nações, são infinitas;
 Hum reino Mahometa, outro Gentio,
 A quem tõe o Demonio leis escritas.
 Ólha que de Narsinga o senhorio
 Tõe as reliquias sanctas e beinditas
 Do corpo de Thomé, varão sagrado,
 Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
 Meliapor, formosa, grande e rica:
 Os idolos antigos adorava,
 Como inda agora faz a gente inica.
 Longe do mar naquelle tempo estava,
 Quando a Fé que no mundo se publica,
 Thomé vinha prégando, e ja passára
 Provincias mil do mundo, que ensinára.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
 A doentes saude, a mortos vida,
 A caso traz hum dia o mar vagando
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rei, que andava edificando,
 Fazer d'elle madeira, e não duvida
 Podêr tira-lo a terra com possantes
 Fôrças d'homens, de engenhos, de elephants.

CXI.

Era tão grande o pêzo do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabía bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tõe por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a inveja;
Buscão maneiras mil, buscão desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz; que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

Hum filho proprio mata: logo accusa
 De homicidio Thomé, que era innocente:
 Dá falsas testemunhas, como se usa:
 Condemnárão-no á morte brevemente.
 O Sancto, que não vê melhor escusa,
 Que appellar para o Padre Omnipotente,
 Quer diante do Rei e dos senhores,
 Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
 Que resuscite, e seja perguntado
 Quem foi seu matador; e será crido
 Por testemunho o seu mais approvedo.
 Virão todos o moço vivo erguido
 Em nome de Jesu crucificado:
 Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
 E descobre seu pae ser homicida.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rei se banha logo na água santa,
 E muitos após elle: hum beija o manto,
 Outro louvor do Deos de Thomé canta.
 Os Bramenes se enchêrão de odio tanto,
 Com seu veneno os morde inveja tanta,
 Que, persuadindo a isso o povo rudo,
 Determinão matá-lo em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia que prégando ao povo estava,
Fingirão entre a gente hum arruido:
Ja Christo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, ja a tudo offerecido:
Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Chorarão-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te chorão as almas, que vestindo
Se hião da sancta Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?
203

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
 E tornemos á costa debuxada.
 Ja com esta cidade tão famosa,
 Se faz curva a Gangetica enseada.
 Corre Narsinga rica e poderosa,
 Corre Orixa, de roupas abastada:
 No fundo da enseada o illustre rio
 Ganges vem ao salgado senhorio;

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
 Morrem banhados, tendo por certeza,
 Que inda que sejam grandes peccadores,
 Esta água sancta os lava e dá pureza.
 Vê Cathigão, cidade das melhores
 De Bengala, provincia que se preza
 De abundante; mas ólha que está posta
 Para o Austro, daqui virada a costa.

CXXII.

Ólha o reino Arracão, ólha o assento
 De Pegu, que ja monstros povoarão;
 Monstros filhos do feio ajuntamento
 D'hũa mulher e hum cão, que sós se acharão.
 Aqui soante arame no instrumento
 Da geração costumão; o que usarão
 Por manha da Rainha, que inventando
 Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Ólha Tavai cidade, onde começa
 De Sião largo o imperio tão comprido;
 Tenassari, Quedá, que he só cabeça
 Das que pimenta alli tõe produzido.
 Mais avante fareis que se conheça
 Malaca por emporio ennobrecido,
 Onde toda a provincia do mar grande,
 Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, co' as possantes
 Ondas o mar entrando, dividio
 A nobre ilha Samatra, que ja d' antes
 Juntas ambas a gente antiga vio.
 Chersoneso foi dita; e das prestantes
 Veias d'ouro, que a terra produzio,
 Aurea por epithéto lhe ajuntárão:
 Alguns que fosse Ophir imaginárão.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
 Verás, ondê o caminho ás naos se estreita:
 Daqui tornando a costa á Cynosura,
 Se encurva, e para a Aurora se endireita.
 Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
 De Sião que estes e outros mais sujeita.
 Ólha o rio Menão, que se derrama
 Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamão, de selvages vidas:
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente; usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos e inquieta:
Têe as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e glória têe despois da morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido e brando
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonora
Será mais affamada que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama;
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se affama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Ólha o muro e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio e o outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba e rica.
Estes, o Rei que tõe, não foi nascido
Principe, nem dos paes aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta, meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina;
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII.

Ólha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tídore e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As árvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Ólha de Banda as ilhas, que se esmaltão
Da vária côr que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltão,
Da verde noz tomando seu tributo.
Ólha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que camphora he chamado;
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero e cheiroso:
Ólha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente, do sertão que as terras anda,
Hum rio diz que tõe miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cahe.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
 Que tambem flaminas trémulas vapora,
 A fonte que oleo mana, e a maravilha
 Do cheiroso licor que o tronco chora;
 Cheiroso mais que quanto estilla a filha
 De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
 E vê que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Ólha em Ceilão que o monte se alevanta
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
 Os naturaes o tõe por cousa santa,
 Pola pedra onde está a pégada humana.
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
 No profundo das águas, soberana,
 Cujó pomo contra o veneno urgente
 He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito
 Socotorá, co'o amaro Aloe famosa;
 Outras ilhas no mar tambem sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa;
 Onde sahe do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
 De São-Lourenço vê a ilha affamada,
 Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'um Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vêdes a grande terra que continua
Vai de Callisto ao seu contrário pólo,
Que soberba a fara a luzente mina
Do metal, que a côr tõe do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Várias provincias tõe de várias gentes,
Em ritos e costumes diferentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota:
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis:
Descobri-la-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXXI.

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico pólo vai da Linha,
 D'uma estatura quasi gigantea
 Homens verá, da terra alli visinha;
 E mais avante o Estreito que se arrea
 Co' o nome delle agora, o qual caminha
 Para outro mar e terra, que fica onde
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXXII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pelo mar, que ja deixais sabido,
 Virão fazer barões de fortes peitos.
 Agora, pois que tendes apprendido
 Trabalhos que vos fação ser acceitos
 Ás eternas esposas e formosas,
 Que coroas vos tecem gloriosas:

CXXIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
 E mar tranquillo, para a patria amada.
 Assi lhe disse: e logo movimento
 Fazem da ilha alegre e namorada.
 Levão refrêsko e nobre mantimento,
 Levão a companhia desejada
 Das nymphas, que hão de ter eternamente,
 Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi forão cortando o mar sereno
 Com vento sempre manso e nunca irado,
 Até que houverão vista do terreno
 Em que nascêrão, sempre desejado.
 Entrárão pela foz do Tejo ameno;
 E á sua patria e Rei temido e amado
 O premio e gloria dão, por que mandou;
 E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Nó mais, Musa, nó mais; que a lyra tenho
 Destemperada, e a voz enrouquecida;
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda e endurecida.
 O favor com que mais se accende o engenho,
 Não no dá a Patria, não; que está mettida
 No gosto da cobiça, e na rudeza
 D'huma austera, apagada e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei por que influxo do destino
 Não tõe hum ledo orgulho e geral gosto,
 Que os animos levanta de contino
 A ter para trabalhos ledo o rosto.
 Por isso vós, ó Rei, que por divino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
 Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII.

Olhai que ledos vão por várias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco; e não duvido
Que vencedor vos fação não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desaliv'ai-os;
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiencia tõe bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
 Segundo tõe das vidas o talento:
 Tenhão Religiosos, exercicios
 De rogarem por vosso regimento,
 Com jejuns, disciplina, pelos vicios
 Communs: toda ambição terão por vento;
 Que o bom Religioso verdadeiro
 Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLL.

Os Cayalleiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue intrepido e fervente
 Estendem não somente a Lei de Cima,
 Mas inda vosso imperio preeminente:
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem; huns os vivos,
 E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

CLLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
 Alemães, Gallos, Italos e Inglezes
 Possão dizer que são para mandados,
 Mais que para mandar, os Portuguezes.
 Tomai conselhos só d'exprimentados
 Que virão largos annos, largos mezes;
 Que postoque em scientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se apprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

CLIV.

Mas eu que fallo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho; que aqui vereis presente
Cousas que juntas se achão raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante;
A minha ja estimada e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.



1717

de la guerra que, más que a de la guerra
 a esta vez con o contra Atlanta
 lo comparten los campos de la guerra
 de la guerra de la guerra de la guerra
 a parte la estimada a esta hora
 ficio que en todo mundo se ve con
 lo que que la guerra en los años

N O T A S.

240



NOTAS.

CANTO I.

EST. 1. V. 5. *Em perigos e guerras*]. Ambas as ed. orig. Mas aqui necessariamente ha vicio, porque a construcção he forçada, e o sentido fica escuro por falta de ligação. Emendou Faria e Sousa este defeito, repetindo o relativo *Que*, e dando assim o Verso

Que em perigos e guerras esforçados.

Não mal. Mas será esta a verdadeira lição? Temos que não; porque o poeta se propõe cantar: *Os varões assinalados que descobrirão, e conquistarão a India oriental; e tambem as memorias gloriosas daquelles Reis que forão dilatando a Fé e o imperio, e aquelles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando.* E sendo commum o relativo ás duas primeiras orações, desnecessario he repeti-lo; e mais natural parece que a segunda fosse ligada á primeira por meio da conjuncção *E*. Corrobora esta conjectura achar-se a mesma conjuncção logo no principio da Estancia immediata, seguida do adverbio *tambem*: o que denota que ja antecedentemente havia sido empregada. Acresce mais que na 2ª ed. se vê restituida a dita conjuncção, ainda que, por novo descuido do impressor, collocada fóra do seu lugar. Por onde nos não fica dúvida alguma, que, transportando-a agora do principio do 7º verso, onde abunda, para o do 5º, onde falta, damos pela primeira vez a verdadeira lição.

EST. 5. V. 6. *Que a Marte tanto ajuda*]. Ambas as ed. orig. Mas a lição he viciosa, assim porque os deoses não carecem de auxilio humano, como porque, dizendo o poeta mais adiante (Est. 36) que Marte, no concelho dos deoses, tomára a defesa dos Portuguezes contra Baccho,

não he verosimil dissesse aqui agora que os Portuguezes ajudavão a Marte, quando este deos não tinha outra empresa entre mãos, que a de os favorecer e ajudar a elles. E assim supprimimos a preposição *a*, aqui introduzida por mão alheia, dando o verso como se lê no 1.^o manuscrito achado por Faria e Sousa, que he evidentemente como o poeta o escreveu.

EST. 47. V. 6.] *Adagas e terçados.*] Todas as ed. Mas he erro de impressão introduzido nas 1.^{as} porque parece mais natural que o poeta, descrevendo as armas de que usavão os Africanos, fallasse das offensivas e defensivas, e porque o mesmo poeta nos tira de toda a duvida, dizendo neste mesmo Canto Est. 87.

Co'a adarga e co'a hastea perigosa.

Por isso restituimos *adarga*.

CANTO II.

EST. 13. V. 8. *Na moça de Titão.*] Erro palpavel das duas 1.^{as} ed. e de quasi todas as seguintes. Corrigimos *Da moça*, como se lê na edição de Paris de 1759 e n'outras.

EST. 20. V. 3. *Cloto por Doto.*] Todas as ed. Dom J. M. de Sousa restituiu *Doto*. Adoptámos a sua emenda, assim porque, tendo Venus convocado as Nereidas para lhe ajudarem a desviar as naos do porto, não tinham alli que fazer as Parcas, como porque, servindo-se aqui o poeta daquella imagem de Virgilio, En. l. 9. V. 102

Quales Nereia Doto

Et Galatea secant spumantem pectore pontum.

Qual a Nereia Doto e Galatea

Cortão co'o peito as espumantes ondas.

nada mais natural, que servir-se tambem do mesmo nome da Nympha.

EST. 36. V. 5. *Da alva petrina.*] Aqui nada temos que observar, quanto ao texto; mas como Dom J. M. de

Sousa julgou que o ignorar a verdadeira significação da palavra *petrina* lhe dava jus e autoridade bastante para reprehender severamente a Faria, que a tomou, como devia, polo cinto de Venus; advertimos aos leitores que não tiverem cabal conhecimento da lingua Portugueza, que esta palavra nunca significou, senão cinto: nem foi, como pensou aquelle editor, introduzida por Camões; porque muito antes d'elle a havia usado Garcia de Resende na Chronica de Dom João II. como ja vulgar em seu tempo. Quer Duarte Nunes de Leão, que venha do Francez *poitrine*, Dom J. M. de Sousa, do Provençal *peictrina*: nós nos inclinamos antes a crer que venha do Latim *petrinus*, *a, um*; cousa que tem pedras; e se dêsse este nome ao cinto, depois que o luxo introduzio o costume de se ornarem com pedras preciosas.

Est. 55. V. 6. *Que mostrou o aggravado Lusitano*]. Todos as ed. Mas, não estando ainda descoberto o estreito de Magalhães no tempo em que o poeta finge este colloquio entre Jupiter e Venus, não he verosimil que sem necessidade alguma quizesse commetter um tal anachronismo, e dar aqui por feita uma cousa, que elle mesmo no Canto X. Est. 138 diz que ainda se havia de fazer. Corrigimos portanto

Que mostrará o aggravado Lusitano,

sem embargo de ficar a synalepha um pouco mais dura; poisque essa dureza não obstou a que o poeta dissesse (Canto III. Est. 116.)

Não matou a quarta parte o forte Mario,

quando, se quizesse lizongear o ouvido á custa do entendimento, mui bem podia dizer

Não mata a quarta parte o forte Mario.

CANTO III.

Est. 65. V. 5. *Sentio-o a villa, e vio-o a serra della*]. Ambas as ed. orig. Erro solemne, que Faria e Sousa mui bem corrigio, substituindo a *serra*, *senhor*. O Morgado de

Matheus, sem discernimento algum, rejeitou a emenda, restabelecendo o antigo erro. Mas vendo que o sentido que dava, era tamanho absurdo, como o de fazer andar uma serra, metteo este verso entre parenthesis, para fazer dizer ao poeta o que nunca lhe veio ao pensamento. Mas o mesmo poeta o desmente na Estancia logo seguinte, dizendo que este senhor

O Rei de Badajoz era, alto mouro.

EST. 71. V. 4. *Victoria dina*]. 1.^a e 2.^a ed. Mas o vicio he manifesto, porque não he possivel que um poeta que tão severamente reprehende o crime, chamasse *digna* a victoria de Cesar sobre Pompeio: quando com termos tão asperos reprova o comportamento de Coriolano e Catilina, e até o do mesmo Sertorio, que tomárão as armas contra a patria; ainda que da rebellião deste ultimo resultou por muitos annos a segurança da Lusitania. Corrigimos portanto *indina*, como se lê no 2.^o manuscripto achado por Faria e Sousa, que he a verdadeira lição.

EST. 110. V. 6. *Está o famoso nome*]. Todas a ed. Mas he erro, porque o sentido do poeta he: *que os netos de Agar estão repartindo entre o seu exercito as terras dos Christãos; que assim como estão possuindo com falso titulo o famoso nome Sarraceno, assim tambem com falsa conta á nobre terra alheia chamão sua*. Emendamos portanto *Estão*.

CANTO IV.

EST. 11. V. 7. *Matadores por moradores*. Erro palpavel de ambas as ed. orig., porque o poeta está fallando dos diversos povos de Hespanha que se armárão em peso, para vir contra os Portuguezes; e não he natural, que só a respeito da Guipusca e das Asturias quizesse fazer uma excepção, limitando o numero dos que tomárão as armas, somente aos salteadores e assassinos: nem o epitheto de soberbos, aqui dado por distincção, convinha a tão vil relé. Pelo que á palavra *matadores* substituímos *moradores*, como

se lê no 1.º manuscripto achado por Faria, que he a verdadeira lição.

EST. 16. V. 4. *Vencestes*]. Ambas as edições de 1572. Mas os que no reinado de João I. deliberavão sobre se devião ou não resistir aos Castelhanos, não os podião ter vencido, debaixo das bandeiras do grande Henriques. Por outra parte o dizer: *Não sois vós os descendentes daquelles que vencestes esta gente?* he um erro de grammatica em que não cahiria um principiante da escola, quanto mais um mestre da lingua como Camões. Emendámos portanto *ven-cêrão*, que he como o escreveo o poeta.

EST. 29. V. 4. *He maior muitas vezes que o perigo*]. Todas as ed. Mas aqui muito mais palpavel e de maior consequencia he o vicio. Em primeiro lugar, esta sentença, bem examinada em si mesma, he falsa; porque inda que, geralmente falando, os effeitos sejam proporcionados ás causas que os produzem, não succede assim a respeito do medo. Este terrivel affecto, apenas se apodera do coração do homem, de tal sorte lhe offusca o entendimento e escandece a imaginação, que sempre lhe antolha muito maior, mais certo, e mais imminente o mal que teme. Por isso não tem lugar o dizer-se, por modo de excepção, como aqui faz o poeta,

**Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes que o perigo.**

Porem não he só falsa a sentença: he tambem aqui mal trazida; e não serve, antes directamente se oppõe á intenção do poeta. Senão vejamos pelo que antes tem dito, se poderia aqui dizer isto.

Os poucos Portuguezes, que em Abrantes se havião reunido, capitaneados por seu Rei, abalão contra o inimigo (Est. 23). As mulheres, sexo timido por natureza, estão por cima dos muros, temerosas e quasi frias de medo, rezando e promettendo jejuns e romarias; mas o medo de que estão possuidas, he (diz o poeta, Est. 26) um alegre

medo; isto he; um medo acompanhado de um certo presagio de victoria, porque confião no favor do Ceo, e sabem o que tem em seus paes, irmãos, maridos, filhos e parentes. E portanto o seu temor he muito menor que o perigo, a que se vão expor tão poucos contra tantos.

Affrontão-se os dous exercitos, que reciprocamente se recebem com grandes gritos: e os poucos, olhando o immenso numero dos contrarios; os muitos, assombrados da destemidez e arrojô de tão poucos, uns e outros concebem grande duvida da victoria: e não diz o poeta *medo*.

Dá-se o signal: as mesmas cousas insensiveis parece que se amedrentão: o Guadiana, como rio de menos monta, torna atraz as ondas de medroso: o Douro e a terra trans-tagana ouvem-no com sobresalto: mas o Tejo, postoque duvidoso, continua contudo no seu costumado curso: e as mões que escutão o som terribil, apértão contra os peitos os filhinhos. Mas nos combatentes apenas se observa de mudada a côr do rosto: e isso he (diz o poeta) porque o sangue acode ao coração, que em tão arriscada crise lhes era mais necessario que nunca.

Ora esta mudança de côr, este acudir do sangue ao coração não he, senão aquelle ordinario effeito das trombetas, ainda nos simulacros de guerra, de que falla o mesmo poeta no Canto 1º, Est. 5. quando diz:

Dai-me uma furia grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende e a côr ao gesto muda.

E assim até ao 2º Verso da Est. 29, em que estamos, não temos visto, senão aquella torvação, que não podem deixar de experimentar ainda os mais valentes animos no momento fatal, em que se vai decidir da sorte da sua patria, ainda sendo iguaes as forças, quanto mais sendo tal a disparidade. Mas nenhum volta costas ao inimigo; antes obstinados todos na

sua heroica resolução, ardem por chegar ás mãos, e não aguardão senão a voz de seus capitães. Pois se atéqui nem sombra de medo temos visto, como he que o poeta agora de repente nos diz

Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes que o perigo?

Por impossivel tenho que tal dissesse um Camões: mormente quando este excessivo temor encontra a verdade historica; pois he um facto attestado por todos nossos chronistas e de paes a filhos transmittido em tradição, que esses poucos Portuguezes tão longe estavão de temer, que com bailes e folias festejarão a appareição dos Castelhanos: o que tanto assombrou o Rei de Castella e o embaixador de Franca, que o acompanhava, que o primeiro esteve em duvida, se pelejaria ou não com homens tão decididos, e o segundo lhe aconselhou, que não; porque, se fosse vencido, para sempre ficava escurecida a reputação das armas de Hespanha, se vencesse, pequena gloria alcançava.

Mas se pelo que o poeta disse antes se mostra a incoherencia de uma tal sentença, muito mais se mostra ainda pelo que diz immediatamente depois:

E, se o não he, parece-o.

E porque o parece? porque *o furor de offender ou vencer o duro inimigo Faz não sentir que he perda grande e rara, Dos membros corporaes, da vida chara.* Pois se o furor de offender o inimigo lhes faz ter em pouco as vidas, claro está que nelles podia mais o furor, que o temor; e então necessariamente era o temor menor que o perigo: porque sendo o a que se achavão expostos aquelles poucos Portuguezes, o maior que se póde encontrar na guerra, se o seu temor inda fosse maior que o perigo, devêrão seus effeitos ser igualmente os maiores que o temor tem produzido: e portanto devêrão largar as armas e fugir com maior precipitação e desordem, que nunca exército algum fugio.

Assim que tão palpavel e manifesto he o vicio neste lugar, que julgamos fazer offensa a nossos leitores, se para o demonstrar gastassemos mais palavras. E ou se hade conservar, attribuindo-se ao poeta um tal absurdo, ou se hade corrigir, imputando-se á ignorancia e descuido dos impressores e editores, que em tantos outros lugares desfigurárão e corrompêrão miseravelmente o texto. Nós, julgando que toda a superstição he damnosa, e que os erros se devem attribuir a quem he mais capaz de os commetter; á palavra *maior*, não duvidamos substituir a sua contraria, que o texto altamente reclama; tanto mais convencidos de que foi aqui introduzida por mão alheia, quanto entre *maior* e *menor* era facil a equivocação.

Est. 32. V. 8. *Julio Magno*]. Ambas as ed. orig. e seg. Corrigo Faria e Sousa: *Julio e Magno*, como se lê no 2º. manuscripto, por elle descoberto; que he sem duvida alguma como o poeta o escreveu. Dom J. M. de Sousa, sem dar razão alguma segundo o seu costume, rejeitou a emenda: nós a adoptamos, porque por Julio se entende Cesar, e por Magno aqui, como na Est. 62, V. 4, se entende Pompeo.

Est. 39. V. 5. *Tinge o ferro o fogo ardente*]. Todas ed. Mas por aqui tambem andou mão estranha, porque não he possivel que o poeta dissesse que fogo tinge, não sendo proprio do fogo o tingir, mas aquecer, queimar, enflamar, abraçar, reduzir a cinza &c. E por isso emendamos *Tinge o ferro o sangue ardente*, como se lê no 2º. manuscripto achado por Faria; porque não póde ser outra cousa.

Est. 67. Esta malfadada Estancia parece não ter sido entendida, não obstante ser tão clara que mais não póde ser. Alguns annos depois da morte de Camões, se moveo entre os litteratos uma longa e mui renhida contenda sóbre os dous ultimos versos della, sustentando uns que o poeta peccára contra as leis da epopeia, fingindo um sonho feliz á primanoute; outros que tal não havia; porque o sonho fóra sóbre

manhã. Fundavão-se aquelles em que o tempo, em que a luz clara foge, he ao anoutecer; estes em que o tempo, em que as estrellas cahem, he ao romper do dia: e uns e outros tinhão igual razão, porque os dous tempos se achão alli mui bem declarados. Mas nem os que o increpavão nem os que o defendião, entendião o poeta: até que Franco Barreto, homem alias douto e mui estimavel philologo e poeta, para conciliar as duas opiniões descobrio um meio engenhoso; que foi juntar em um só os dous tão distinctos tempos, fazendo preposição do *a*, que era artigo, e escrevendo

No tempo, que á luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidão quando cahem.

E não só em um discurso apologetico, para esse fim composto, mas tambem na sua ORTOGRAPHIA se esforçou em provar ser esta a verdadeira lição.

Não será fóra de proposito transcrevermos aqui as suas mesmas palavras, para que se veja com quanta attenção se devem ler os poetas, e com quanta facilidade até nas cousas mais claras ainda os homens doutos se enganão.

“He tão importante (diz elle) a observancia dos ac-
centos, que por falta della foi mal entendido um lugar do
“nosso Camões, Canto IV. Est. 67. Adonde disserão alguns
“criticos, e em particular o Licenciado Manoel Pires de
“Almeida, que o poeta não fizera consideração do tempo
“como devêra: porque os sonhos dos poemas epicos vem
“em um de tres tempos: ou á prima noute, ou á meia
“noute, ou ante manhã. Que os sonhos de prima noute
“são desastrados e infelices; os da meia noute não são pe-
“nosos, nem trazem comsigo calamidades totaes; e uns e
“outros carecem de certeza... Os de ante manhã são
“bem assombrados e verdadeiros... E logo mais abaixo
“declarando o lugar apontado do poeta, diz, que o sentido
“delle he quando anoutece e sahem as estrellas a allumiar

“o mundo. Respondeo-lhe doutissimamente o Doutor João Soares de Brito com uma apologia que tirou á luz. Porém nem elle, nem Manoel de Faria e Sousa em o seu commento ao poeta advertirão que, pondo um accento agudo sôbre o articulo *a*, á luz clara, fica conhecido ser o tempo do sonho a madrugada, como o critico queria que dissesse Camões; sem gastar tantas palavras em defender o que per si não ha mister defensa, e he o sentido do poeta: porque o tempo que foge á luz clara he o da manhã, e então se diz que cahem as estrellas: e neste mesmo sentido disse Virgilio:

*“Et jam nox humida celo
Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos.”*

E ja a humida noute apressurada
Se retira do ceo, e ao grato somno
As cadentes estrellas persuadem.

Mas o que realmente se vê de toda esta questão, he que nem o critico, nem o Doutor, nem Faria e Sousa, que commentou o texto, nem o mesmo Franco Barreto, que o emendou, entenderão este lugar do poeta. Porque elle não faz aqui mais que preparar o leitor para o sonho que vai trazer, expondo a causa por que a ElRei Dom Manoel veio aquelle sonho; que foi, andar elle sempre occupado do pensamento da descoberta da India, que de seus antepassados lhe ficára como herança. E o sonho e o tempo em que teve lugar, nas seguintes Estancias mui bem declarado está; porque, combinados os dous ultimos versos da 68 com os da 75, não só se vê claramente que foi sobre manhã, mas que não podia ser antes,

Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece,

e bem não era acabado o sonho (que não durou senão o tempo necessario para Dom Manoel ser arrebatado á prima esphera, e de lá ver aquellas terras d'Asia e ouvir a mensagem dos rios Indo e Ganges; que serião alguns momentos)

Veio a manhã no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.

He pois o verdadeiro sentido do poeta: que a noute e o dia encontravão a Dom Manoel sempre occupado daquelle pensamento. A periphrasis he aqui diversa, mas a ideia he a mesma que no Soneto 169 onde diz:

Contente me acha aqui, me deixa o dia.

E ambos estes lugares são imitação daquelle de Virgilio, Geor. l. IV. v. 465

*Te, dulcis conjux, te solo in litore secum
Te veniente die, te decedente canebat.*

A ti, doce consorte,
A ti na erma praia só consigo
Cantando o encontrava a noute e o dia.

E eis-aqui a tea de aranha, em que se enredarão tantos entendimentos.

João Franco Barreto não achou outro meio de sahir da difficuldade, senão o de alterar o texto. A sua emenda comtudo offerencia um sentido plausivel, e que não fazia deshonra a Camões. Mas a do Morgado de Matheus, que tanto reprehende o atrevimento daquelle, alem de muito mais atrevida, he absolutamente inepta, porque desfigura toda a Estancia, desconjuntando-lhe os membros com um desmesurado parenthesis, para fazer cahir o poeta em tamanho absurdo, como o de pôr o sonho em dous tão distinctos e oppostos tempos, como são prima noute e ante manhã.

Est. 74. V. 5. *Est'outro he o Indo Rei.*] Todas as ed. Mas he erro de pontuação, porque este Rei não he o Indo: he Dom Manoel, com quem está fallando o Ganges. Deve portanto escrever-se

Est'outro he o Indo, Rei, &c.

Est. 102. v. 5. *Alto e profundo.*] Todas as ed. Mas evidentemente he erro de impressão, porque não era possivel que o poeta, sem necessidade alguma, rimasse *pro-*

fundo com profundo. Por isso corrigimos: *facundo*, como se lê no 1.º manuscripto descoberto por Faria e Sousa; que he a verdadeira lição.

CANTO V.

EST. 33. V. 6. *Tecida por crescida*]. Erro da 1.ª ed. Na 2.ª por estarem as letras apagadas no ex. da bibliotheca de Paris, de que nos servimos, apenas se póde ler: *cida*; mas como quer que se leia nesta edição, o certo he que não póde ser senão *crescida*, como mui bem observou Faria e Sousa: por isso adoptamos a sua emenda.

EST. 86. V. 1. *Julgas agora, Rei, se houve no mundo*]. 1.ª e 2.ª ed. Mas he vicio manifesto; porque o poeta não pergunta, diz ao Rei que julgue, *se houve no mundo gentes que taes caminhos commettessem.* E as duas interrogações que se seguem logo depois, derão certamente causa a introduzir-se aqui este erro. Na edição de Faria, e n'outras mais antigas se lê: *Agora julga, ó Rei.* E esta he a verdadeira lição.

CANTO VI.

EST. 14. V. 5. *Às portas o recebe*]. Todas as ed. Mas aqui se encontra o mesmo vicio que no Canto I. Est. 1. V. 5.; isto he a suppressão da conjuncção *E*, absolutamente necessaria para ligar o sentido. E assim a restituimos pela mesma razão que allí o fizemos. Além deste ha inda outro, que he ter ponto final no fim do 8.º verso, quando o sentido desta Estancia tem a sua clausula na seguinte; o qual tambem corrigimos pondo a pontuação competente.

EST. 18. V. 7. *Ostras e Camarões*]. 1.ª e 2.ª ed. N'outras se lê: *Ostras e breguições.* Uma e outra lição he viciosa: porque nem he verosimil que o poeta repetisse a mesma palavra n'uma Estancia, nem o epitheto — *de musgo sujos* convem a Camarões nem a breguições. Pelo que as desprezamos, restituindo a palavra *misilhões*, assim porque esta se acha no 1.º manuscripto descoberto por Fa-

ria, como porque a circumstancia — *de musgo sujos*, perfeitamente convem a esta especie de marisco, porque tem certo musgo com que se apega aos rochedos.

EST. 39. V. 6. *Estregando*]. 1ª e 2ª ed. Mas he visivelmente erro de impressão, porque em nenhum autor classico, nem no mesmo Camões, fóra deste lugar, se encontra semelhante verbo; e quando o poeta o trouxesse do Latim *extergere* ou do Castelhana *estergar*, por isso mesmo que o introduzia de novo, escreveria *estergar*, e não *estregar*, a fim de ser entendido. Emendamos portanto *esfregando*, como se lê na edição de Faria e Sousa.

CANTO VII.

EST. 10. V. 5. *Entre vós*]. Todas as ed. Mas aqui, da mesma sorte que no Canto I. Est. 1. V. 5., e no mesmo v. da Est. 14. Canto VI. falta a conjuncção *E*, que, sendo necessaria ao sentido, e não lesando a harmonia do verso, não podia ser supprimida, senão por descuido do impressor. E portanto a restituimos.

EST. 77. V. 1. *Com elle os Gamas junto*]. Todas as ed. Mas não póde ser. Dous Gamas forão nesta expedição; Vasco, heroe do poema, e Paulo, seu irmão. Quando o Catual veio a bórdo da capitaina, achava-se Vasco retido em terra: por essa razão Paulo, que na ausencia do Almirante enchia as suas vezes, fez áquelle magistrado as honras do recebimento. E como só um era presente, só um se podia levantar. Este he um daquelles lugares, que mostram claramente o quanto este poema foi viciado nas primeiras edições. Corrigimos

Alça-se em pé, com elle o Gama junto.

EST. 73. V. 8. *Se aproveitar dos homens*]. 1ª e 2ª ed. Na de Vicente Alvares, impressa em Lisboa em 1612 se lê. *Se aproveitar de homens*: e esta lição mais se achega á verdadeira, porque para ser perfeita, lhe não falta senão um *m* depois do *se*, que os antigos supprião muitas vezes com

um til sobre o *e*, o qual facilmente podia escapar na composição. Por isso adoptamos a lição vulgar

Sem aproveitar de homens força e arte,
que he evidentemente a do poeta.

CANTO VIII.

EST. 15. V. 6 e 7. *Assi por a si*. Erro das primeiras edições, emendado nas seguintes, e por Dom J. M. de Sousa ultimamente reproduzido, sem dar a razão por que.

EST. 47. V. 1. *Um devoto*. Ambas as ed. orig. Corrigio Faria e Sousa: *a um devoto*. Adoptamos a emenda, porque a preposição he aqui necessaria para aclarar o sentido.

EST. 87. V. 8. *Trémulo aqui e alli, e dessocegado*. Ambas as ed. Mas he impossivel que o poeta assim escrevesse este verso. Supprimimos as duas conjunções, porque não servem ao sentido, e destroem toda a belleza do verso.

EST. 93. V. 2. *Com que venha*. Todas as ed. Mas he erro manifesto. Corrigimos: *em que venha*.

CANTO IX.

EST. 16. V. 8. *Temidos e ledos*. Erro solemne de ambas as ed. orig., porque o sentido he este: *Levando alegres novas e resposta da parte oriental para Lisboa; tímidos e ledos outra vez commettendo os duros medos do mar incerto*. Deste, e de muitos outros lugares se vé que o poeta não assistio á impressão da sua obra, nem corrigio as provas. Emendamos, *tímidos e ledos*, como se lê na edição de Faria e Sousa.

EST. 21. V. 6. *Da primeira c'o o terreno seio*. Ambas as ed. Mas não ha vicio mais manifesto; ou se olhe ao sentido, ou ao material do verso. Em primeiro lugar, se destas sós palavras o poeta quizesse formar um mau verso, seguramente escreverá

Da primeira com o terreno seio.

Mas a elisão do *m* na preposição *com*, prova com toda a evidencia que este verso, da maneira que o poeta o havia organizado, se achava tão perfeitamente cheio até á 6.^a syllaba, que havia necessidade de synalepha; e como se lê nas primeiras ed., além de não ter os accentos nos seus devidos lugares, vem-lhe a faltar uma syllaba. E, não se podendo esta juntar ás palavras que o compõe, segue-se que houve suppressão de uma palavra, e que esta era monosyllaba.

Diz o commentador Manoel Correa que na palavra — *primeira* — se deve dividir o diphtongo, e pronunciar *prime-ira*; e affirma que assim o ouvira ao poeta: mas o mesmo poeta o desmente com fazer a synalepha que dissemos. Porque grandissimo disparate seria unir em uma só duas vogaes distinctas e separadas, para desunir violentamente duas tão inseparaveis por sua natureza uma da outra, que ambas não devem formar mais que uma. Isto quanto ao material do verso. Vamos agora ao sentido.

Diz o texto: *Que Venus, para refocilar os navegantes, lhes tinha aparelhada no meio das águas uma ilha deliciosa; que muitas tem no reino que confina da primeira co'o terreno seio, a fôra as que possui para dentro das portas Herculanás.* Mas que reino he esse que confina com o terreno seio da primeira? e que se entende aqui por primeira? O reino, claro está que he o de Neptuno, o mar, por onde vinhão os navegantes. Por primeira, segundo o que está escripto, não se pôde entender, senão *ilha*. Mas qual será a primeira ilha? Será a primeira em que a deosa teve culto? Paphos, Cithere, Cypro, Gnido, ou Amathunta? Não; que essas estão para dentro das portas Herculanás, e portanto exceptuadas pelo poeta. Então será a primeira, indo ou vindo do Sul para o norte, ou do norte para o sul? Não; que não era possivel que um poeta como Camões se exprimisse de ùa maneira tão vaga. Logo he evidente que este terreno seio não he o da primeira ilha, mas sim o da mãe primeira, da terra; porque

na linguagem dos Oraculos e dos poetas por mãe se entende a terra, que o he de todos; e por mãe primeira se entende a Asia, onde dizem ter sido o paraizo terreal. E tanto he esta a verdadeira lição deste lugar, que restituida a palavra *mãe*, que he o monosylabo que faltava nas primeiras edições, temos verso e temos sentido; supprimida, nem verso nem sentido temos.

Sustentou portanto Manoel Correa a maior das falsidades, e commetteo o Morgado de Matheus o mais indesculpavel dos erros em desprezar a emenda feita e approvada por homens incomparavelmente mais doutos, só por seguir ás cegas a autoridade dessas edições originaes, em tantos lugares convencidas de infieis.

Est. 46. V. 2. *No coração dos deoses*]. Todas as ed. Mas que he erro, não ha dúvida, porque o *louvor grande* não mudou nos corações; mudou os corações dos deoses, tornando propicios os que atélli erão contrarios.

Est. 50. V. 4. *Os guiava*]. Erro do 1.^a ed., emendado na 2.^a Dom J. M. de Sousa reproduzio o erro: nós tornamos a emendar *as guiava*; porque o poeta está falando das Nymphas.

Est. 59. V. 7. *Entregai-vos ao damno*]. Estranha cousa parece á primeira vista, que o poeta aconselhe ás peras que, para se conservarem na sua árvore, se deixem picar dos passaros; mas quem reflectir bem no que o poeta diz antes e depois, atinará facilmente com a razão deste conselho.

Está o poeta encarecendo a fertilidade e as delicias desta ilha imaginaria, aqui maravilhosamente introduzida para significar o quanto he diverso de todos os mais prazeres aquelle prazer divino, que sentem as almas grandes em ter feito acções heroicas e sublimes. Os ares são alli mais puros, mais fertil o terreno, mais limpidas as águas, a relva mais viçosa, as flores mais bellas e mais fragrantes, mais suave o cantar dos passarinhos, os fructos mais abundantes e melhores, que em nenhum outro paiz do mundo.

Encosta-se no chão, que está cahindo
 A cidreira co'os pesos amarellos;
 Os formosos limões alli cheirando
 Estão virgineas tetas imitando;

e tão doces, tão saborosas são as peras piramidaes, que os passaros as comem; e tantas e tamanhas, que grande beneficio he para ellas, que os mesmos passaros com os bicos lhes diminuição o peso; porque de outra sorte não poderião conservar-se nas pereiras. E por isso o poeta lhes diz:

E vós, se na vossa árvore fecunda,
 Peras piramidaes, viver quizerdes,
 Entregai-vos ao damno que co'os bicos
 Em vós fazem os passaros ínicos.

Um dos commentadores antigos, Manoel Correa, se bem nos lembramos, explicou este lugar de um modo que se approximava um pouco desta nossa intelligencia. Manoel de Faria e Sousa julgou que o poeta fallava aqui por ironia. Entre as duas interpretações escolherá o leitor a que lhe mais agradar. Mas, segundo nós a entendemos, he esta expressão do poeta summamente engenhosa e delicada, e segundo a entende Faria, vem a ser a maior das puerilidades.

E, pois entramos em explicações de texto, permitta-se-nos fazer mais uma, que poderia escapar aos mais dos leitores, para que melhor se entenda e aprecie a allegoria desta admiravel ficção; e he: Que para significar a immensa distancia, que separa os heroes do vulgo, collocou o nosso poeta o seu templo da Gloria n'uma ilha remota e apartada de todo o commercio humano, figurando nos procellosos mares que a circundão, quão trabalhoso e arriscado he o caminho da virtude.

Este prodigioso quadro, com que o poeta quiz alegrar a severidade do seu assumpto, digão embora que he lascivo, com tanto que confessem, que não tem igual em toda a poesia descriptiva.

Est. 81. V. 5. *Lhe mudarás*]. 1ª e 2ª ed. *Se lhe mudará*: lição vulgar. A primeira he viciosa, porque não he possível que o poeta dissesse que a Nympha havia de mudar a estrella de Leonardo na virtude do seu gesto lindo. A segunda lição não deixa nada a desejar, e o mesmo poeta a confirma dizendo logo depois. *E se se lhe mudar*.

CANTO X.

Est. 10. V. 1. *Cantando*]. Erro da 1ª ed., emendado na 2ª. Dom J. M. de Sousa, sem critica nenhuma reproduzio a primeira lição.

Est. 86. V. 6. *Turbulento*]. Todas as ed. Mas he vício, porque não he possível que o poeta rimasse *turbulento* com *horrendo*. Emendamos *tremendo*, como se lê no 2º manuscripto achado por Faria, que he a verdadeira lição.

Est. 105. V. 4. *Da natura e dos dons*]. Ambas as ed. orig. *Da natureza e dons*: lição vulgar; mas não ha razão para se rejeitar a primeira, que he a do poeta.

Estes são os mais notáveis erros typographicos das edições anteriores, emendados na presente. Mas além destes, corrigimos ainda outros, de que julgamos ocioso dar a razão, por ser obvia a todo o leitor.



ADVERTENCIA.

Estando ja impresso este volume, sahio á Luz mais uma traducção do poema dos Lusíadas na lingua Alemãa por Donner, impressa em Stuttgart anno de 1833, a qual se deve ajuntar ás duas, que mencionámos no prologo. ²⁵⁰

42

02103

C. 34

Challenger